

Sonhos

VIAGENS À ALMA

“...e, na Terra, se um grande alívio é despertar de um pesadelo, uma das manifestações da Felicidade é acordar após um bom sonho, fato semelhante ao de que uma viagem feliz jamais sairá da nossa memória...”

Eurípedes
Kühl



BUTTERFLY
ESPIRITUALISMO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Sonhos

VIAGENS À ALMA

O autor cedeu os direitos autorais desta obra à
CORASSOL – Centro de Orientação, Reintegração e Assistência Social
Rua Legionário Maurício, 69, Vila Pompéia, CEP 14060-310, Ribeirão Preto/SP, tel.: (0xx16) 3622-6998.
Declarada de Utilidade Pública Municipal, Estadual e Federal
CNPJ 01.905.513/0001-04

Sonhos: Viagens à Alma

Copyright by © Butterfly Editora Ltda. 2001

Direitos autorais reservados.

É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, salvo com autorização da Editora.

(Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.)

Direção editorial: Flávio Machado
Assistente editorial: Dirce Yukie Yamamoto
Chefe de arte: Marcio da Silva Barreto
Capa: Flávio Machado
Diagramação: Ricardo Brito
Fotolito da capa: Yanguer Stúdio Gráfico Ltda.

Ficha Catalográfica

Kühl, Eurípedes.

Sonhos: viagens à alma / Eurípedes Kühl. – São Paulo : Butterfly Editora, 2001.

ISBN 85-88477-01-7

1. Sonhos. 2. Espiritismo. I. Título.

CDD: 133

Butterfly Editora Ltda.
Rua Atuaí, 383 – Sala 5
Vila Esperança/Penha
CEP 03646-000 – São Paulo – SP
Fone: (0xx11) 6684-9392
www.flyed.com.br | flyed@flyed.com.br

Impresso no Brasil, no outono de 2006 pela:
Yangraf Gráfica e Editora Ltda.

3-4-06-3.000-8.000

Sonhos

VIAGENS À ALMA

Eurípedes
Kühl



BUTTERFLY
EDITORA

São Paulo – 2006

Livros do médium
EURÍPEDES KÜHL:

PELA *BUTTERFLY EDITORA*

- *Sonhos: Viagens à Alma*

PELA *PETIT EDITORA*

Com o Espírito Josué

- *Infidelidade e Perdão*
- *Uma Partida de Amor*

Com o Espírito Roboels

- *Sempre Há uma Esperança*
- *Transplante de Amor*

Com o Espírito Domitila

- *Os Tecelões do Destino*

Com o Espírito Claudinei

- *Saara: Palco de Redenção*

Do próprio autor

- *Animais, Nossos Irmãos*
- *Fragmentos da História, pela Ótica Espírita*

Dedicatória

A meu irmão Denizar Kühl, amigo e companheiro desde a infância, passadas mais de seis décadas, revigorou a sintonia e o clima fraternal entre nós dois ao “sonhar” com este livro, antes mesmo da primeira linha ser escrita. Pelo apoio e pelas vibrações a esse “sonho”, agora materializado, minha gratidão.

Eurípedes

RIBEIRÃO PRETO – SP,
PRIMAVERA DE 2000

Sumário

INTRODUÇÃO	13
Os Mensageiros dos Sonhos	13
Falemos um pouco mais sobre o tempo.....	14
Refletamos agora algo sobre o tempo passado	14
Finalizando divagações, o tempo futuro... ..	15
1 NUMA SALA DE AULA	17
Necessidade do sono	18
Cronobiologia.....	19
Distúrbios de ciclos – provocados	20
Insônia.....	23
a. Antiguidade	23
b. Atualidade	24
Narcolepsia (sono em excesso).....	27
Parassonias (distúrbios físicos do sono).....	28
a. Respiração ruidosa.....	28
b. Bruxismo	29
c. Sonambulismo	29
d. Soniloquia	30
Mecanismo do sono	30
a. Sono lento.....	30
b. Sono paradoxal	30
2 TRAJETÓRIAS E RESIDÊNCIAS NO UNIVERSO.....	34
Esgotamento da Ciência?	34
A criação de Deus: “só” um Universo?.....	35
a. O <i>Big-Bang</i>	35

b. Neutrinos.....	37
c. O <i>Big Crunch</i>	38
Fluido Cósmico	38
O Espírito.....	39
A Matéria.....	40
Movimento browniano	41
A Vida	41
Os seres vivos.....	42
Residência dos seres vivos.....	42
Mundos Primitivos	46
Psicosfera (camadas espirituais da Terra).....	48
1. Degraus espirituais.....	49
2. Esferas Divinas e Regiões Inferiores.....	54
3. Esferas Espirituais	54
4. Regiões do Mundo Invisível	54
5. Regiões Espirituais “em Descida”	55
6. Psicosfera Pestilenta.....	56
7. Umbral	56
8. Planos do Mundo Espiritual	57
9. Regiões no Espaço (Esferas)	57
10. Esferas astrais.....	58
11. Colônias Espirituais	59
3 O SONO E O ESPIRITISMO.....	60
Sono: Treino Diário para a Morte?	60
Insônia.....	63
Causas	63
Tratamento	64
Agentes físicos: pílulas para dormir	64
Agente espiritual: Evangelho	65
Doença do Sono	67
a. Doença do sono	67
b. Encefalite letárgica (<i>Encephalitis lethargica</i>).....	68
Pesadelos – diagnósticos.....	71
Psicanálise.....	71
Espiritismo	72
Auto-hipnose.....	74

	Dormir	76
	Cérebro.....	76
	Contatos Imediatos durante o Sono	79
	a. Encarnado x Desencarnado	79
	b. Encarnado x Encarnado	82
	Luz no Plano Espiritual.....	84
4	SONAMBULISMO	87
	Conceitos da medicina (psicologia)	87
	Conceitos espíritas	88
	1ª) Pelo sono fisiológico	88
	2ª) Pelo transe mediúnico.....	88
	3ª) Transe magnético induzido	89
	4ª) Sonambulismo natural.....	91
	Êxtase	92
	Desdobramentos espirituais.....	92
	Finalidade	94
	Características	94
	a. não-provocados	94
	b. provocados.....	94
	Desdobramentos mediúnicos	95
	Recomendação importantíssima.....	95
5	SONHOS QUE FIZERAM A HISTÓRIA	98
	Influência dos sonhos nas religiões	99
	a. Judaísmo (<i>Antigo Testamento</i>).....	99
	b. Cristianismo (<i>Novo Testamento</i>).....	103
	c. Islamismo (<i>Alcorão</i>)	104
6	SONHADORES FAMOSOS	105
	Mark Twain (1835–1910)	105
	Schopenhauer (1788–1860).....	106
	William Yeats (1865–1939)	106
	Abraham Lincoln (1809–1865)	108
	Charles Dickens (1812–1870)	109
	Rudyard Kipling (1865–1936).....	110
	Sonhos trazendo Intuição/Inspiração.....	110

João Guimarães Rosa (1908–1967)	113
Adormecer para diagnosticar..	113
Profecias.....	115
Premonições.....	115
Avisos.....	117
7 A PSICOLOGIA E OS SONHOS.....	119
Psicologia.....	119
8 FREUD E JUNG – PSICANÁLISE E SONHOS	123
Freud	123
A psicanálise	125
Freud e os sonhos.....	127
A Interpretação dos Sonhos (<i>Die Traumdeutung</i>).....	128
Principais obras literárias de Freud	132
Jung.....	136
Jung e os sonhos	137
Memórias, Sonhos e Reflexões	141
Sexo e Ocultismo: Visão psicanalítica.....	144
9 DEPARTAMENTOS DA ALMA	148
A Psique.....	148
Mitologia grega.....	148
Elementos freudianos da psicanálise	150
a. O ego	150
b. O id.....	152
c. O superego.....	153
Elementos junguianos da psicanálise	154
a. Arquétipos (“inconsciente coletivo”).....	154
b. Individuação	156
Elementos apropriados pela psicologia	156
a. A personalidade.....	156
b. A consciência	158
c. O inconsciente	159
d. O subconsciente	162
e. O pré-consciente.....	163
f. O superconsciente	164
Observações à luz do Espiritismo	165

10	OS SONHOS E O TEMPO	167
	Tempo	167
	Espaço–Tempo (Teoria da Relatividade)	168
	Viagens no Tempo	171
	Criação dos seres	173
	Tempos de Vida e de Evolução.....	173
	Os referenciais do Tempo e os Sonhos.....	177
	Científicos	177
	Espirituais.....	178
	A marcha do Tempo.....	178
	Presente	178
	Passado	179
	Futuro	179
	Teoria da presciência	179
11	TIPOS DE SONHOS.....	182
	Classificação.....	182
	Sonhos sobre tragédias	187
	1. Titanic	187
	2. Escola soterrada na Inglaterra.....	188
12	OS SONHOS – INTERPRETAÇÕES.....	191
	Antiguidade	192
	Sacerdotes egípcios.....	192
	Os gregos	193
	Os romanos	194
	Os cristãos	196
	Os aborígenes.....	196
	Era moderna (Psicólogos/Psicanalistas).....	197
	Freud	197
	Jung.....	201
	Era contemporânea	204
	Símbolos oníricos.....	205
13	OS SONHOS E O ESPIRITISMO	209
	Mecanismos Espirituais dos Sonhos	209
	Corpos do homem	211

1) Corpo físico.....	211
2) Duplo etérico	215
3) Perispírito	216
4) Corpo Mental.....	220
5) Espírito.....	222
Memória	223
Hipermnésias.....	223
Lembranças.....	227
Atavismo.....	228
Conexão espírito–cérebro.....	229
Conexão perispírito–cérebro	231
Conexão mente–cérebro.....	233
Formas-pensamento	233
CONCLUSÃO	237
Poetas.....	239
1. Olavo Bilac (1865–1918)	239
2. Cecília Meireles (1901–1964)	241
Cancioneiros.....	243
1. Lamartine Babo e Francisco Mattoso	243
2. José Maria de Abreu e Francisco Mattoso.....	243
Amores Distantes... e Sonhadores.....	244
1. Canção do filme Titanic (português e inglês)	244
2. Dokito – Um poema (português e esperanto)	247
“Eu Ainda Tenho um Sonho...”	248
BIBLIOGRAFIA.....	252
a) Espiritismo.....	252
b) Diversos.....	253

Introdução



OS MENSAGEIROS DOS SONHOS

Os sonhos – dádivas de Deus – têm três mensageiros que sempre andam na estrada do tempo, outra bênção divina, pois seu destino é a eternidade. Sonhos vêm e vão, ora se cruzam, ora estão em paralelo e, de mãos dadas, ora se distanciam uns dos outros.

São o *passado*, o *presente* e o *futuro*.

Os sonhos das vidas do *tempo passado* têm a propriedade de lecionar a todos aqueles que um dia estiveram diante de problemas considerados graves, gravíssimos ou mesmo insolúveis. Como estavam enganados atribuindo-lhes tal proporção! Isso porque hoje, nos sonhos do *tempo presente*, ao relancearem o olhar racional para trás, admiram-se de que determinada dificuldade, por vezes tachada de insuperável, deslindou-se quase que por si só...

Essa é a lição magistral que os sonhos das vivências no *tempo passado* – mensageiros inquietos permanentes na memória – têm para ensinar a todos quantos tenham a humildade de, no *tempo*

presente, apreendê-la para que, na vida do *tempo futuro*, não mais se desgastem ante problemas que, afinal, vão se resolver por si mesmos.

Falemos um pouco mais sobre o tempo

Primeiramente, sobre o *tempo presente*.

Para um atleta em competição, centésimos de segundo podem separá-lo da vitória, importantíssima, vital, glória definitiva.

Para alguém que vai almoçar, 15, 30 ou mais minutos não constituem nenhuma preocupação.

Para uma gestante com vários filhos, uma nova gravidez confirmada de 60 dias não lhe trará mais que moderada expectativa nos 210 eventuais que a separam do parto.

Vemos, por esses três exemplos, que a medição do tempo é relativa, sendo quantificada na razão direta daquilo que cada pessoa projeta sobre si mesma, vivenciando tal projeção *hoje*.

Refletamos agora algo sobre o tempo passado

Aqui também teremos várias formulações, ofertadas por diferentes vertentes para o nosso gradiente cronológico de considerações pessoais.

Se, por exemplo, pensarmos no parágrafo anterior, passaram-se segundos.

Já a última vez que deitamos para dormir foi ontem.

Se adultos, a infância está distante.

Mas, para todos, há ainda algo muito mais longe no nosso passado: as vidas anteriores! – cujas lembranças nesta existência a divina caridade do Criador nos tirou da memória. Em compensação, pelo Espiritismo, Ele ofereceu-nos motivos lógicos para a crença absoluta nas nossas sucessivas encarnações/desencarnações.

Deduzimos, desses outros exemplos, que o *tempo passado* é

elástico o quanto queiramos dependendo de como miremos para trás, isto é, para o nosso *ontem*, próximo ou distante.

Finalizando divagações, o tempo futuro...

Aqui, precisamos abstrair a realidade física e navegar numa auto-realidade virtual, com a vista alcançando o nosso amanhã, vivendo-o.

Exemplo de futuro feito por nós: temos de fato a opção de interromper esta leitura dentro de um ou 30 segundos, por minutos ou horas, ou ir até o fim, que não sabemos dentro de quanto tempo se dará.

Podemos também, abusando da perspectiva, situarmo-nos daqui a algum tempo, no Natal, por exemplo. E desde já projetar o que faremos quando o 25 de dezembro chegar.

Com mais esforço imaginativo, temos condições de nos ver num outro país, digamos, daqui a dois anos, em viagem de turismo. Mais até: de nos ver aposentados (se ainda estamos na ativa).

Nessa abstração, o ponto culminante é o dom que nos faculto o Evangelho de Jesus, consubstanciado na Terceira Revelação – o Espiritismo –, faculdade essa a de almejar maior aprimoramento moral. Nessa autoprojção, o fanal é a evolução espiritual, só realizável se estivermos com a consciência tranqüila, com fé no futuro e na justiça divina e realizando todo o bem possível. Mas, sobretudo, com o enérgico propósito de nos renovarmos, olhando para nosso ontem, para irmos combatendo as más tendências e adquirindo o hábito de, pouco a pouco, ir praticando virtudes, até adquiri-las para sempre. Aí, vislumbraremos o quanto mais felizes poderemos ser, isto é, o quanto de felicidade estamos em condições de ofertar hoje ao nosso próximo (condição *sine qua non* para alcançarmos amanhã nossa própria felicidade).

Quando acordados, nossos ideais, pelo aprendizado do

passado, são sonhos a serem realizados no presente ou no futuro.

Assim, quando dormimos, na verdade nossos sonhos constituem permissão (de Deus, que engendrou o sublime mecanismo sono/sonhos) de *viagens à alma*.

Por isso, aproveitemos as lições expostas por seus mensageiros – *passado, presente e futuro*.

Porém, para bem entendermos tais lições e assimilá-las, será fundamental que em todas essas viagens, nas vias já palmilhadas, as de trânsito atual e aquelas que o futuro proporcionará, tenhamos também consciência plena de que Deus, Suprema Bondade e Perfeição Absoluta, proveu-nos, desde nossa criação e posterior ingresso no reino hominal, em caráter permanente, de:

- a. liberdade (livre-arbítrio);
- b. tirocínio (inteligência);
- c. balizamento (consciência);
- d. responsabilidade (ação e reação).

Tais, os anexos inseparáveis de todos os nossos atos.

Tudo isso para que um dia, gloriosamente, nossa rota permanente seja mesmo a da felicidade!

Sim, porque Deus nos criou, afinal, para sermos felizes!

E, na Terra, se um grande alívio é despertar de um pesadelo, uma das manifestações da felicidade é acordar após um bom sonho, fato semelhante ao de que uma viagem feliz jamais sairá da nossa memória...

1

Numa sala de aula



– À exceção dos poetas, ninguém sonha sem dormir. Vocês sabiam que o tatu é o animal que mais horas passa dormindo? Pois é: 19 horas! E o gato, então? 14 horas! E mais: vocês sabem que os animais também sonham?

Assim começou o professor de psicologia sua aula.

Proseguiu:

– Nossa atenção, nas próximas aulas, será toda ela voltada para o sonho, esse estado da alma em que, todos os dias, ou melhor, todas as noites, vivemos uma “segunda vida”. Contudo, como não há sonho sem sono, vamos inicialmente fazer algumas reflexões sobre o limiar do sonho, isto é, o sono. No sono, o organismo, principalmente o sistema nervoso, passa por um período no qual a vigília é abolida e as reações a estímulos diminuem, embora não desapareçam de todo. O ato de o indivíduo dormir, ato esse do qual nenhum ser vivente pode se furtar, sempre foi objeto de pesquisas, desde tempos atrás, mais precisamente até onde há registros dos estudos sobre o sono.

Vejamos alguns desses estudos.

NECESSIDADE DO SONO

– Na Grécia antiga, vamos encontrar um gigante da História: o filósofo Aristóteles (384–322 a.C.), reconhecendo a necessidade vital do sono para os seres vivos. Vejam vocês que Aristóteles pesquisou e concluiu que não apenas o homem necessita dormir, mas também todos os seres vivos.

O professor acrescentou:

– Filho de Nicômaco, médico do rei Amintas, Aristóteles dava aulas passeando com seus alunos, de cujas anotações formulou seus tratados. Enganou-se apenas ao supor que o sono é provocado pelo coração, e não pelo cérebro.

– E nós – brincou Arlindo, aluno –, por que não temos também aulas ao ar livre?

– Essa é uma boa pergunta. De minha parte, não sei respondê-la, mas imagino que é porque no tempo de Aristóteles ainda não havia faculdades de filosofia como hoje e sim aulas ministradas nos templos, nas praças públicas ou diretamente junto à natureza, ao ar livre.

“Hoje”, continuou, “a medicina, mais precisamente a neurologia, equipada de aparelhos precisos tais como o encefalógrafo acoplado a computadores, já conseguiu detectar cerca de 50 distúrbios do sono. O exame, denominado *poligrafia do sono*, é realizado em clínica especializada, onde o paciente dorme, tendo 40 eletrodos aderidos ao corpo, dos quais 32 à cabeça. O exame, computadorizado, acompanha: respiração, tensão muscular, temperatura, batimentos cardíacos e ondas cerebrais”.

– Professor – interrompeu Cláudio, outro aluno, inquirindo –, se a pessoa está dormindo, como é que todos esses detalhes podem ser anotados?

– O cérebro não interrompe sua atividade nem durante o sono. Essa foi a descoberta do médico neuropsiquiatra alemão

Hans Berger (1873–1941), introdutor da eletroencefalografia, exame que mostra a atividade cerebral. Com ele ficou provado que as ondas nervosas jamais cessam.

– Obrigado, mestre.

Disse ainda o professor:

– Falemos algo sobre ritmos circadianos...

CRONOBIOLOGIA

– Se observarmos a natureza, veremos que ela, como sempre lecionando sabedoria e disciplina, tem igualmente (ou será que nós é que a imitamos? Nem uma coisa, nem outra... Deus é que assim nos criou, à natureza e a nós) seus ciclos, dentre alguns deles:

- ☞ ritmos diários: o amanhecer, o entardecer, o anoitecer, as marés;
- ☞ ritmos de 28 dias: os ciclos lunares que se alternam;
- ☞ ritmos anuais: locais onde as estações são bem definidas;
- ☞ ritmos próprios: as órbitas dos planetas.

“O estudo, análise e pesquisas desses fascinantes marcadores de tempo e sua influência sobre o homem são hoje objeto de estudos a cargo de uma disciplina científica relativamente nova: a *cronobiologia*.”

“De início, foi observada a complexidade dos ciclos biológicos, todos eles dependentes dos ciclos da natureza, mas agindo em razão de cada indivíduo, desde suas estruturas: orgânica, social, cultural e até a crença religiosa.”

Fazendo uma pequena pausa, o professor retomou:

– O funcionamento do nosso corpo pode ser comparado a um fantástico painel temporal que demonstra harmonia – saúde

– quando os vários relógios internos, intrinsecamente interligados, desenham diferentes ciclos, um para cada atividade orgânica, em determinadas fases do dia ou da vida. São determinantes do biorritmo (fenômenos periódicos da vida animal). São inúmeros: batimentos cardíacos, temperatura corporal, ciclo menstrual, vigília, sono, fome, sede, pressão sanguínea, níveis hormonais e vários outros ciclos biológicos. Regulam-se por diferentes medidas temporais – os nossos relógios biológicos.

A esses diferentes períodos de atividade orgânica dá-se o nome de *biorritmo*, ou de *ritmos biológicos*, ou ainda, *ritmos circadianos* (do latim, *circa diem*: em torno do dia).

Distúrbios de ciclos – provocados

Após ligeira interrupção, prosseguiu o professor:

– São desordens no relógio biológico, provocando um avanço do sono para horas em que se deveria estar acordado. Em conseqüência, o indivíduo não consegue dormir quando deveria. É comum em crianças de tenra idade. Ocorre também logo após viagens internacionais de longa duração ou no caso dos habitantes de países em que, como o nosso, o governo implanta o chamado “horário oficial de verão”, visando à economia de energia elétrica.

O professor citou:

– Temos um exemplo significativo de alteração biológica: Stefania Follini, italiana, 27 anos, projetista de interiores. De 13 de janeiro a 22 de maio de 1989, numa experiência cronobiológica, ficou encerrada em uma caverna, em um módulo de fibra de vidro de seis por quatro metros. A temperatura foi mantida constante e a luminosidade, apesar de não poder ser eliminada, podia ser atenuada. Com um computador ela comunicava-se com o exterior. Logo seu dia passou a ter 25 horas, depois 28 e chegou a

44. Houve vezes em que ficou acordada por 30 horas, outras vezes dormiu 24 horas seguidas.

“Quando saiu, calculou que estivera lá por dois meses.

“Na verdade, ficara 130 dias.

“Seu ciclo menstrual foi suspenso e o ritmo diário da pressão sanguínea passou a ser semanal.

“A experiência demonstrou, dentre inúmeros outros fatos, que a natureza age junto ao ser humano como preciso indicador de reações vegetativas. Sem ela, há o caos e a proximidade de graves patologias...

“Outras experiências demonstraram que o mesmo é válido para *todos* os demais seres vivos – animais e vegetais.”

Em continuidade, os alunos ouviram do professor:

– Quando há necessidade, no caso de mudanças inexoráveis, tanto de atividades profissionais quanto de áreas geográficas (ir para o Ártico, ou um brasileiro ir para o Japão, por exemplo), o organismo tende a adaptar-se. É o que se verifica nas competições esportivas internacionais, nas quais os competidores às vezes chegam alguns dias antes para que o organismo se adapte às condições climáticas locais.

“Assim, o dia, a noite e as estações do ano são fatores que representam sábio esquema para a vida, cada um merecendo a devida observância. Pode-se trabalhar 8 horas, mais ou menos, mas que seja durante o dia. Pode-se dormir 8 horas, mais ou menos, mas que seja durante a noite.

“Hábitos disciplinados, com horários para cada atividade de cada dia – ir para a cama, levantar-se, alimentar-se, trabalhar, praticar atividades físicas e intelectuais prazerosas, descontraír nos fins de semana, gozar férias –, quando observados em razão de um viver calmo, criam valiosa sincronia nos ritmos biológicos. O estresse, que é o oposto, desestrutura todos esses ritmos biológicos e as conseqüências são danos à saúde.”

Na seqüência da aula, o professor informou:

– Acrescentamos a essa recomendação as do Eclesiastes (3:1-12):

“Para tudo há um tempo determinado: sim, há um tempo para todo propósito debaixo dos céus:

- ☞ tempo para nascer e tempo para morrer;
 - ☞ tempo para plantar e tempo para desarraigar o que se plantou;
 - ☞ tempo para matar¹ e tempo para curar;
 - ☞ tempo para derrocar e tempo para construir;
 - ☞ tempo para chorar e tempo para rir;
 - ☞ tempo para lamentar e tempo para saltitar;
 - ☞ tempo para lançar fora pedras e tempo para reunir pedras;
 - ☞ tempo para abraçar e tempo para manter-se longe dos abraços;
 - ☞ tempo para procurar e tempo para dar por perdido;
 - ☞ tempo para guardar e tempo para lançar fora;
 - ☞ tempo para rasgar e tempo para costurar;
 - ☞ tempo para ficar quieto e tempo para falar;
 - ☞ tempo para amar e tempo para odiar²;
 - ☞ tempo para guerra e tempo para paz;
- (...)

Vim saber que não há nada melhor para eles (aos filhos da humanidade) do que alegrar-se e fazer o bem durante a sua vida.”

– Professor, quem foi o Eclesiastes?

– No *Velho Testamento* há o livro do Eclesiastes, do século terceiro antes de Cristo, que seria um sábio que se ocultava sob

1. “Matar”, aqui, significa eliminar imperfeições. (Nota do Autor)

2. “Odiar”, aqui, significa recusar iniquidades. (N.A.)

o pseudônimo Qahelet (nome grego que significa Eclesiastes ou “aquele que prega”). O Eclesiastes desenvolve uma filosofia de vida cujo tema é: “Tudo é vaidade, mas tudo vem da mão de Deus”.

Outro aluno perquiriu:

– Nosso corpo tem funções vegetativas que se modificam em determinados casos; creio que é o cérebro que administra as alterações necessárias. Pergunto ao senhor: quem administra nossos sonhos, às vezes bons, às vezes maus?

– Se as estruturas orgânicas, à nossa revelia (sem nosso comando mental), modificam suas atividades sob ação de determinadas circunstâncias do meio ambiente, bem limitado, o que dizer das alterações possíveis à alma quando em parcial liberdade do corpo físico? No sono ela tem à sua disposição a imensidão do plano espiritual, no qual pode deslocar-se à velocidade do pensamento.

Fazendo ligeira pausa, o professor seguiu:

– Na verdade, irá aonde a levarem suas tendências, liberadas também porque isentas de censura, qual a imposta no plano físico pelas leis e regras sociais. Tão grande é o poder de atração mental nessas condições que, sem tomar nenhuma providência, naquele meio logo ao adormecer ela se encontrará, sem sequer também se preocupar em identificar como foi levada para ali.

Prosseguindo a aula, foram citados os estudos relativos à falta de sono.

INSÔNIA

a. Antiguidade

– Hipócrates (460–377 a.C.) – prosseguiu o mestre –, o maior médico da Antiguidade, grego, cognominado o Pai da Medicina, observou que estados de depressão e tristeza levam

à insônia. Atualmente, a medicina sabe que, de fato, há estreita correlação entre estados depressivos e insônia.

“Sobre Hipócrates, apenas como curiosidade, cite-se que o juramento que ele elaborou até hoje é repetido pelos formandos de muitas escolas de medicina no mundo.”

Cláudio pediu licença:

– Apenas por curiosidade: o senhor poderia nos contar o que é que os formandos de medicina juram?

– Sim. Vejamos os termos do *Juramento de Hipócrates*:

“Prometo que, ao exercer a medicina, mostrar-me-ei sempre fiel aos preceitos da honestidade, da caridade e da ciência: penetrando no interior dos lares, meus olhos serão cegos e minha língua calará os segredos que me forem revelados, o que terei como preceito de honra; nunca me servirei da minha profissão para corromper os costumes ou favorecer o crime.

“Se eu cumprir este juramento com fidelidade, gozem para sempre a minha vida e a minha arte de boa reputação entre os homens. Se o infringir, ou dele me afastar, suceda-me o contrário.”

b. Atualidade

– Um terço da humanidade sofre de insônia: as horas passando... “bem devagar”... o corpo rolando na cama, para a esquerda, para o centro, para a direita... e nada, o sono não vem.

“O mundo todo dormindo e só eu acordado’, auto-apieda-se o insone, sem ter ninguém para ouvi-lo. Com o cérebro *a mil por hora*, todos os fantasmas o visitam e tudo o que imagina ouvir, ouve: alguém mexendo na porta da frente, passos no corredor externo, vozes murmurantes... Nesses terríveis momentos, visita-o também a inexorável ‘materialização’ de todas aquelas suspeitas, pois torna a ouvir sons estranhos (‘deve ser algum ladrão querendo arrombar minha porta...’), identifica claramente que mais de uma pessoa

caminha no corredor (‘o ladrão não está só...’), os pensamentos continuam (‘devem estar acertando os últimos detalhes do roubo...’).

“Pobre insone!

“No silêncio da madrugada, em que as ondas sonoras propagam-se mais facilmente pela sensível diminuição de ruídos, todos ouvem melhor a ponto de serem percebidos até os sons notívagos, muitos deles oriundos de uma multidão de insetos, gatos apaixonados desfilando coquetos pelos telhados e muros, aves da noite que, em prodigiosos rasantes, usam e abusam do seu radar natural. Tais seres assim procedem desde que o mundo é mundo e desde que o Sol, diariamente, ‘fica fora por meio dia’, ou, se quiserem, ‘fica na Terra apenas metade do expediente’”, brincou o professor.

Ele continuou:

– Mas, ao insone, coitado, só acorrem sobressaltos. Aí, o cérebro, fiel e obediente gerente orgânico, acata a todas as ordens vindas do escalão superior, a mente, enviando aos sentidos a sensação de que todas as suspeitas estão mesmo acontecendo. Pobre insone!

Márcia, uma jovem muito bonita, não se conteve:

– Professor, por que é que as pessoas “perdem o sono”?

– Porque alguns acham esses sons perdidos, não os devolvem aos donos e assim ficam com dois – gracejou o professor, dirigindo-se para perto de um rapaz que cochilava. – E quem fica com dois sons dorme na hora que não deve...

Alécio, o dorminhoco, acordou com a gargalhada geral da classe e ficou encabulado ao ser pilhado cochilando. O professor sabia que aquilo não era demonstração de desinteresse pela aula, mas conseqüência da noite anterior maldormida. Alécio, com efeito, era pobre e trabalhava à noite, da meia-noite até as seis horas, numa locadora de filmes.

– Prossigamos com nossa história sobre o sono. Muitas podem ser as causas para a insônia:

- ☞ cama desconfortável, diferente da nossa;
- ☞ colchão muito duro ou muito mole;
- ☞ ansiedade/depressão;
- ☞ eventual má digestão;
- ☞ temperatura inadequada no quarto de dormir;
- ☞ alguma dor persistente (de dente, enxaqueca, pós-cirúrgica etc.);
- ☞ luz excessiva no ambiente;
- ☞ ruídos fortes nas proximidades (festinhas familiares no vizinho, discotecas, bailes *funks* etc.);
- ☞ agasalhos de mais ou de menos.

– Professor – atalhou Oswaldo, outro aluno –, mas a medicina não identificou nenhuma anormalidade cerebral naqueles que têm dificuldade para dormir?

– Sim, muitas pesquisas já foram feitas e outras tantas estão em andamento no mundo todo. Por exemplo: cientistas do Instituto Scripps, na Califórnia, Estados Unidos, identificaram em 1994 uma proteína cerebral, a *oleamida*, que causa sono. Os gatos mantidos acordados por 22 horas apresentaram grandes quantidades de oleamida. No ser humano, em quantidade, essa proteína faz o indivíduo “despencar de cansaço”. Contudo, há fisiologistas que crêem que a oleamida não é a única proteína causadora do sono. “Deve haver outras substâncias criadas pela natureza para induzir os seres ao sono”, afirmam.

“Estudos mais recentes apontam para a provável existência de ‘bússolas internas’ em algumas espécies animais (aves migratórias, por exemplo) e até mesmo em alguns homens (guias de expedições em vastas regiões desabitadas, florestas ou desertos). Todos eles, especula-se, orientam-se pelo eixo magnético da Terra ou até mesmo por influência de corpos celestes.

“Seja como for, está comprovado que na escuridão ou na luz, estruturas internas do organismo modificam automaticamente seus ritmos; é o caso do sono, por exemplo, regulado pela *melatonina*.

“A melatonina é uma amina biológica que atua como hormônio, sendo produzida pela glândula pineal. Está presente até nos seres unicelulares e começa a ser fabricada logo após o anoitecer.

“Ao ritmo da melatonina, o organismo obedece com pontualidade britânica à digestão, à renovação celular, aos batimentos cardíacos.

“Preparar sono ou vigília são atribuições específicas suas. Assim, combate o estresse e melhora o sono.”

– Quem está com a razão? – insistiu Oswald.

– Cientistas e fisiologistas. Os pesquisadores do Instituto Scripps fizeram outra descoberta sensacional no último trimestre de 1996: encontraram uma segunda molécula cerebral, a *oleamida hidrolase*, esta de efeito oposto àquela, isto é, mantém o indivíduo bem acordado! Assim, acreditam os fisiologistas que o excesso da hidrolase no cérebro é o responsável pela dificuldade em dormir. Está sendo testada no referido instituto norte-americano uma substância, provisoriamente denominada *composto 6*, que induz o indivíduo insone a ter um sono natural e restaurador, pela ação sobre as hidrolases da insônia.

Arrematou:

– É uma grande esperança para aqueles que sofrem de insônia, pois poderão libertar-se do uso contínuo dos sedativos.

NARCOLEPSIA (SONO EM EXCESSO)

– É a doença dos “eternos dorminhocos”, aqueles indivíduos que passam o dia cochilando pela irresistível tendência ao sono manifestada por acessos mais ou menos freqüentes, apresentando quadros de sonolência excessiva.

Quando, com risinhos, toda a classe olhou para Alécio, pouco antes pilhado cochilando, o professor “salvou-o”:

– Temos que excluir desse time aqueles que dormem pouco porque trabalham à noite, por necessidade; daí, cochilam durante o dia.

A repreensão, delicada, funcionou: muitos alunos abaixaram a cabeça...

PARASSONIAS (DISTÚRBIOS FÍSICOS DO SONO)

– São disfunções do sono e dentre elas destacamos:

a. Respiração ruidosa

– É o popular “ronco”: som cavernoso e áspero, produzido pelo indivíduo que dorme respirando ruidosamente. Os ruídos podem alcançar de 60 a 75 decibéis. E o decibel, sabemos, é a menor medida de nível de potência que o ouvido humano consegue captar, ou seja, 1/10 da unidade de som *bel*, cujo limiar saudável situa-se em torno dos 80 decibéis³.

– Quem sofre mais, o homem ou a mulher? – inquiriu um aluno, e o professor respondeu:

– Geralmente a mulher, pois, apesar de ser desconfortável para quem dorme, é principalmente para o(s) que com ele dorme(m), e para cada oito homens que roncam existe apenas uma mulher roncando.

As jovens gargalharam.

– Por que as pessoas roncam? – quis saber outro aluno, tendo o mestre esclarecido:

3. Enciclopédia *Conhecer*. São Paulo: Abril Cultural, 1973, v.1, p. 245. (N.A.)

– O ronco quase sempre é motivado pelo fato de “dormir de barriga para cima”, posição em que os tecidos flácidos (mucosa das estruturas da garganta), quais pregas, relaxam, formando uma obstrução que impede a passagem do ar até a traquéia. O indivíduo fica sem respirar por alguns segundos e o cérebro, agindo por segurança, faz o corpo puxar a respiração em um único golpe. Ao virar de lado, cessa o ronco. Caso contrário, há de ser convocado o “doutor bisturi”. Nos casos mais graves de falta de ar, ocorre o que os médicos denominam *apnéia*, uma parada respiratória que pode ser fatal. A *apnéia*, antes de 1965, era considerada apenas um caso ruidoso de ronco, embora já no século primeiro antes de Cristo, na Grécia, fosse tratada de maneira radical: com um furo na garganta do paciente, ação hoje denominada *traqueotomia*. Mesmo considerando-se severa essa providência, louvamos o cuidado dos gregos com essa anormalidade, realmente grave e que exige urgência médica quando irrompe, primeiro no alívio à crise e depois no tratamento.

b. Bruxismo

– É quando algumas pessoas, adultas ou crianças, rangem os dentes, isto é, ocorre fricção intensa e prolongada entre dentes antagonistas, que pode abalá-los ou provocar sua abrasão; acontece durante o sono ou, às vezes, até com as pessoas acordadas e com tanta força que o esmalte acaba por estalar, provocando destruição dos dentes. A causa, geralmente, é tensão nervosa.

c. Sonambulismo

– É quando o indivíduo, dormindo, levanta-se e às vezes fala. É um estado fisiológico especial que se caracteriza pela facilidade demonstrada pelo paciente de andar e repetir durante o sono gestos

e ou voz contraídos pelo hábito, sem disso se lembrar ao despertar. Ocorre mais nas crianças e há diferentes graus de sonambulismo, sendo bastante comum uma forma relativamente atenuada, constituindo apenas um sono mais agitado do que o normal.

d. Soniloquia

– Emissão de sons mais ou menos bem articulados durante o sono. Palavras a esmo...

O professor brincou:

– Pessoas casadas, soníloquas, se na vigília traem o(a) parceiro(a), no sono traem a si mesmas...

MECANISMO DO SONO

– O sono, aquele após o qual o indivíduo acorda bem disposto, é composto de dois estados: *sono lento* e *sono paradoxal*.

a. Sono lento

– Divide-se em quatro estágios ou fases. As ondas cerebrais muito rápidas cruzam a fronteira da vigília, reduzindo o ritmo, tornando-se um *pouco mais lentas* (fase 1), depois quase *lentas* (fase 2), a seguir *lentas* (fase 3), e finalmente *muito lentas* (fase 4). Duas horas se passaram mais ou menos nessa alegórica descida, na qual a amplitude das ondas se expande, numa imaginária escada de quatro degraus. Nesse período o sangue vai para o meio do cérebro.

b. Sono paradoxal

– A seguir, as ondas cerebrais (que, como já dissemos, são incessantes) sobem essa escada e temos aí proximidade com a vigília, com o primeiro *estágio REM* da noite.

Aqui, Alécio dirigiu pergunta ao professor:

– Sempre que se trata de sono, ouve-se essa expressão “REM”. O que seria? O senhor pode nos dizer?

– Sim. “REM” vem do inglês *Rapid Eye Movement* e, traduzindo, quer dizer movimento rápido dos olhos. O estágio REM foi descoberto em 1953 pelo estudante de medicina norte-americano Eugene Aserinsky e seu professor de fisiologia, Nathaniel Kleitman. Normalmente, ocorrem de três a seis estágios REM por noite, com intervalos aproximados de duas horas entre eles. É justamente no estágio REM que os sonhos acontecem, fato sobejamente comprovado pelos seus descobridores. Os olhos se mexem no início do sono e ficam bem mais agitados durante os estágios REM. Quanto à irrigação sanguínea cerebral durante o sono, verificou-se que nas fases 1, 2, 3 e 4 o sangue se desloca para o meio do cérebro e nos estágios REM concentra-se no tronco cerebral (região onde a medula espinhal se une aos hemisférios cerebrais).

Fez pausa e logo continuou:

– Hoje é possível analisar até o padrão dos movimentos oculares que acompanham o sono REM por meio de um exame chamado “eletrooculograma”, pois os movimentos alteram-se conforme o tipo de sonho: poucos movimentos oculares indicam sonhos mais passivos. Quando no sonho a pessoa exerce atividade mais intensa (correr ou andar de um lado para o outro, por exemplo), os olhos também se movimentam mais ativamente.

“O álcool e os calmantes dão a impressão de um ‘sono pesado’. Sob tais indutores do sono não é alcançada a fase restauradora do corpo e da mente compreendida pela fase 4 e pelo estágio REM.”

Voltou o professor a fazer humor:

– A popular ressaca não me deixa mentir...

Antes de concluir a aula, fez longa pausa, passeou pela classe e, quando retornou à frente, convidou:

– Perguntas?

– Muitas!

O professor incentivou uma aluna com a mão erguida, e ela disparou:

– Quem inventou o *baby-doll*?

A gargalhada foi geral. Imperturbável, o professor respondeu:

– Os trajes para dormir surgiram no século dezessete, sendo de uso restrito dos nobres. O povo, em geral, dormia sem nenhum traje, a não ser uma touca para proteger a cabeça. No século dezanove as camisolas se popularizaram, e para fugir do lugar-comum os ricos inventaram o pijama. No século vinte, mais precisamente após a Segunda Guerra Mundial, o mundo todo iniciou a escalada do consumismo, de que participou ativamente a indústria têxtil, propiciando que os trajes esportivos, sociais, profissionais e de dormir não escapassem dessa tendência. Assim, em substituição aos vetustos pijamas e camisolas, as vitrines passaram a ofertar trajes de agradável visual, além de, é inegável reconhecê-lo, serem muito mais confortáveis: para os homens, pijamas leves (curtos), e para as mulheres, o popular *baby-doll*. O sucesso das vendas ficou por conta da poderosa mídia norte-americana, via filmes de Hollywood, “catalisando” o uso daqueles trajes, muito ao gosto dos jovens, respeitadas as estações do ano e o clima de cada país.

Os alunos, gratamente, aplaudiram o mestre.

– Obrigado, obrigado. Agora que já formamos um alicerce, quero que vocês se reúnam, formem equipes e nas próximas aulas deste semestre apresentem tópicos de um trabalho sobre o *somo* e os *sonhos*. Quando o trabalho ficar pronto, dependendo da sua qualidade, solicitaremos à diretoria da faculdade que o imprima e divulgue.

– Quais os aspectos que deverão ser abordados? – inquiriu Márcia, sempre atenta.

– Aqueles julgados cabíveis.

– E quanto às religiões?

– O que vocês julgarem interessante devem fazer constar, incluindo os mitos, quando não como afirmação, que o seja a título histórico.

Os alunos, formados em equipes, apresentaram seus trabalhos em sala de aula trilhando pelas tradições mitológicas, históricas e religiosas do *sono* e dos *sonhos* sem descuidar de alguns aspectos científicos do tema (da parapsicologia à metapsíquica, daí à psicologia e, principalmente, desta à psicanálise). Perceberam, encantados, que o Espiritismo, no seu tríplice aspecto *ciência-filosofia-religião*, tem muito a ofertar a todos aqueles que, destituídos de quaisquer preconceitos, queiram alicerçar o entendimento sobre tão fascinante ocorrência, verdadeira chave das portas da nossa alma.

Segue-se a exposição comentada desses trabalhos.

2

Trajetórias e residências no Universo



ESGOTAMENTO DA CIÊNCIA?

Num tempo como o nosso, em que testemunhamos um novo milênio chegar, não poucos analistas agasalham a exagerada suposição de que a ciência, do ponto de vista fundamental (paradigmas), pouco tem a acrescentar. Argumentam que o intelecto, assim como o segundo milênio, está batendo no teto do saber humano, elevado à altura possível pelos impulsos:

- ☞ *leis do movimento*, de sir Isaac Newton (1642–1727), físico, matemático e astrônomo inglês;
- ☞ *seleção natural das espécies*, de Charles Darwin (1809–1882), naturalista inglês;
- ☞ *teoria da relatividade* (hoje não mais “teoria” e sim prova) de Albert Einstein (1879–1955), físico alemão naturalizado norte-americano.

Reforçam a premissa, lembrando que já temos:

- ☞ a energia nuclear;
- ☞ a eletrônica e o microscópio de tunelamento;
- ☞ a informática;
- ☞ a biogenética;
- ☞ a cronobiologia.

Mas... não citam que não temos como decifrar os *sonhos* de todos nós, sonhados todas as noites. Bem que a ciência vem tentando desde Freud.

Não será a hora de ceder a bancada à religião? Ela pode explicá-los... o Espiritismo, por exemplo, demonstra que o homem tem uma alma e que esta, no sono, liberta-se do corpo físico parcialmente e vai para outras paragens – o plano espiritual, ou *psicosfera terrena* (mundo dos espíritos).

Já é quase certeza científica que o homem é formado pelo binômio *corpo-alma*. No fenômeno inexorável da morte, a alma sobreviveria, hipótese científica ainda não comprovável “em laboratório”, mas fruto de intensas pesquisas técnicas desde a teorização da metapsíquica, a partir de Charles Richet (1850–1935), emérito fisiologista francês, laureado com o Prêmio Nobel de Medicina em 1913.

A citação pura e simples de Richet e suas pesquisas metapsíquicas põem à tona a preocupação da ciência quanto à alma, num conceito amplo de ela ser eterna, imortal.

A CRIAÇÃO DE DEUS: “SÓ” UM UNIVERSO?

a. O Big-Bang

A comunidade científica defende que houve há aproximadamente 13 bilhões de anos uma concentração cósmica de energia tal que, incapaz de resistir à incalculável pressão interna, explodiu!

Esse, o *Big-Bang!*

A pergunta irrespondida que de imediato ocorre é:

– Quem ou o que concentrou aquela energia?

Qualquer que seja a resposta, o calculado tempo de 13 bilhões de anos tem de recuar, para favorecer o raciocínio de alguma coisa laborando a energia e concentrando-a, até atingir aquele ponto de saturação.

E aí, surgem outras perguntas mais complicadas ainda:

– E essa alguma coisa, quem a teria criado? Quando? Como?

E mais: se o universo teve um começo, então deverá também ter um fim...

Carlos de Brito Imbassahy, em artigo na *Revista Internacional de Espiritismo*, de fevereiro de 1998, editada em Matão-SP, sugere instigante possibilidade que nós, concordemos com ele e com o maior respeito às premissas do Espiritismo, quanto à evolução, que é Lei Divina, para tudo e para todos, sintetizamos:

1. Talvez nos seja permitido supor que o universo em que vivemos é um, de outros tantos, infinitos, que Deus já criou;
2. Mas não é o último... outros serão criados;
3. O nosso – o atual –, dentro do princípio evolutivo, pode mesmo estar caminhando para o seu “aprimoramento máximo”, quando então, por processos que somente o Criador tem atribuições de realizar, será “promovido” a outra categoria de universo⁴;

4. Pelo Espiritismo, a matéria bruta, atômica e dinamicamente, serve de berço para o “princípio espiritual” (gérmen do Espírito – a protoconsciência); é assim que, ao nascer, os seres gradativamente evoluem; quanto maior essa evolução por amor fraternal, maior a capacidade de voltarem-se para auxiliar os que vêm à retaguarda, nesse mesmo incessante evoluir. (N.A.)

4. Nesse raciocínio, existem diversos universos;
5. Se existirem outros universos, tem-se de pressupor a existência de outros criadores. Tal raciocínio foge ao padrão humano, ao criar universos paralelos⁵.

b. Neutrinos

Neutrinos são partículas subatômicas de carga e massa nulas ou muito pequenas, de que existem várias espécies, intercambiáveis, propriedade que em física teórica se denomina *oscilação*.

Misteriosos, agindo com espantosa anormalidade quanto aos postulados da física teórica, Wolfgang Pauli (1900–1958), físico suíço de origem austríaca – Prêmio Nobel de Física em 1945 –, formulou, em 1931, a hipótese da existência daquelas partículas emitidas juntamente com o elétron, sugerindo o nome de neutrino. Em 1956, foi comprovada sua existência, apesar da pequena probabilidade de interação das partículas com a matéria.

Os neutrinos interagem tão fracamente com outras partículas de matéria que são capazes de atravessar toda a Terra sem uma única colisão. No entanto, em junho de 1998, um grupo de cientistas japoneses e norte-americanos anunciou que os neutrinos compõem a matéria escura que cobre 90 por cento do universo, perpassam a matéria, mas, na verdade, têm massa!!!

(Hum... essa história de algo atravessar a matéria... não está com jeito de ser matéria ou material... advindo do fluido cósmico universal, condensando e formando perispíritos – revestimento do espírito, sutil, mas ainda material –, ou talvez os

5. Essa e as demais idéias sobre vários universos não passam de suposições, eis que o conhecimento humano está distante do que seja a verdade quanto a elas. Não obstante, nada impede que sejam elaboradas hipóteses a respeito. (N.A.)

próprios espíritos?!)

c. O Big Crunch

E agora... o *Big Crunch*.

A partir da descoberta dos cientistas japoneses e norte-americanos que citamos, e havendo observações astronômicas confirmando que o universo está em expansão, surge a formidável previsão de que ele está indo para um colapso, apelidado de *Big Crunch* (Grande Esmagamento), pois seu futuro é determinado pela quantidade de matéria e, quanto mais matéria, mais sua atração gravitacional atua como uma espécie de freio na expansão, ocasionando uma contração.

Mas, afinal, por que estamos falando dos neutrinos, esses fabulosos e minúsculos habitantes do espaço interno dos átomos, mas presentes também em tudo e em todo o vácuo das vastidões do universo, verdadeiros andarilhos situados no limite do ser e do nada ser?

FLUIDO CÓSMICO

Allan Kardec, em *A Gênese* (1868!), capítulo 6, item 17, consigna:

“A substância etérea, mais ou menos rarefeita, que se difunde pelos espaços interplanetários; esse *fluido cósmico* que enche o mundo, mais ou menos rarefeito, nas regiões imensas, opulentas de aglomerações de estrelas: mais ou menos condensado onde o céu astral ainda não brilha; mais ou menos modificado por diversas combinações, de acordo com as localidades da extensão, nada mais é do que a *substância primitiva* onde residem as forças universais, donde a Natureza há tirado todas as coisas.”

Unindo as informações espirituais e os conceitos científicos,

ambos relativos à origem e continuidade expansionista do universo, num salutar casamento do pensamento humano, teremos que o chamado “fluido cósmico universal” outro não é senão o mesmo “átomo primordial” dos cientistas.

Além do Espiritismo, outras correntes do pensamento científico e religioso asseveram a existência desse “átomo primitivo”.

Já no século treze Roger Bacon (1220–1292), cognominado *O Doutor Admirável*, versado tanto em letras quanto nas ciências exatas, asseverava que todos os elementos químicos se reduzem a um só, primitivo e originário, o *koilon* (éter primordial) ou *hilus*.

Vamos encontrar também na teosofia o registro de que o *hilus* de Bacon, o *elétron* dos físicos e o *átomo primordial* dos teósofos aproximam-se no significado. E, como podemos deduzir, não diferem significativamente nem a ciência, nem o Espiritismo, nem o teosofismo.

O ESPÍRITO

A reencarnação aflora às reflexões anteriores, pois se a energia necessita de algo para dar-lhe molde, estrutura e modificações, condensando-a (matéria), é-nos permitido defender que o espírito é esse algo que, apropriando-se de parte do fluido cósmico universal, modela-o:

- ☞ num primeiro estágio, em que o fluido cósmico acha-se eterizado, em grau consentâneo com o planeta em que irá residir, do fluido desse planeta se reveste, formando o perispírito, vitalizando-o;
- ☞ num segundo estágio, mergulha esse perispírito na parte mais densa do fluido cósmico que gerou o planeta e aí forma o corpo físico, cópia fiel do perispírito; a cada existência física, das incontáveis que a reencarnação é diretriz

evolutiva, o mesmo perispírito molda um corpo físico, para dele se servir na sua peregrinação de aprendizado; ☞ esse mesmo processo ocorre pelos mundos sem fim, dos quais a Terra é o que conhecemos de perto.

É essa peregrinação evolutiva que proporciona aos seres de cada reino e de cada espécie transformarem-se e crescerem: na vertical, individualizando-se sem perda do aprendizado obtido em cada plano; na horizontal, passando à vida gregária em humanidades.

A MATÉRIA

Como Einstein provou, matéria é um estado físico da energia altamente condensada, ficando claro que primeiro surgiu esta, depois aquela. E aí o Espiritismo entra em cena, pois em 1857 Allan Kardec, ao codificá-lo, inseriu a resposta dos espíritos às questões 21, 22 e 29 de *O Livro dos Espíritos*:

P. 21: A matéria existe desde toda a Eternidade, como Deus, ou foi criada por Ele em dado momento?

R: “Só Deus o sabe... e Deus nunca esteve inativo...”

P. 22: (...) A matéria é o que é impenetrável?

R: (...) “A matéria existe em estado que ignorais. Pode ser, por exemplo, tão etérea e sutil, que nenhuma impressão vos cause aos sentidos. Contudo, é sempre matéria...”

P. 29: A ponderabilidade é um atributo essencial da matéria?

R: “Da matéria como a entendeis, sim; não, porém, da matéria considerada como *fluido universal*. A matéria etérea e sutil que constitui esse fluido vos é imponderável. Nem por isso, entretanto, deixa de ser o princípio da vossa matéria pesada.”

(Às questões 37, 38, 39, 80 e 81 o leitor interessado en-

contrará preciosas informações sobre a criação do universo e dos espíritos).

Movimento browniano

Defende a ciência que na matéria bruta não há vida.

Contudo, a própria física já comprovou que tudo o que existe no universo, dos planetas às estrelas longínquas, aí se incluindo todos os seres vivos de todos os reinos, é formado de compostos de partículas da mesma natureza: os átomos. Estes, agregados, formam as moléculas, que, agregadas, formam a matéria.

Acontece que cada átomo é formado por elementos subatômicos (prótons e elétrons) girando velozmente, em moto-contínuo, ao redor de um núcleo. As moléculas por sua vez, examinadas no ultramicroscópio, denotam intenso movimento perene e incontrollável, demonstrando que nelas não há a aparente inércia atribuída à matéria bruta. Ao contrário, há uma deslumbrante movimentação, seja na molécula que for, do objeto, da matéria ou do corpo que estiver sob exame.

A esse fenômeno a física denominou Movimento Browniano em homenagem a Robert Brown (1773–1858), botânico escocês, descobridor do movimento desordenado das moléculas do meio em choque com as que estão em suspensão, num líquido ou num gás. Tão importante foi essa contribuição científica que proporcionou um dos fundamentos da teoria atômica.

A VIDA

Antes de nos lançarmos à tentativa de estagiar em algum conhecimento no fascinante mundo dos sonhos, permitam-nos reflexões sobre a vida, os seres vivos e suas residências.

A vida (quanta pretensão nossa de defini-la...) é uma bênção

de Deus, o Criador.

Restringindo-nos apenas à vida na Terra, por ser a que nossos sentidos físicos podem comprovar, deduzimos que de fato ela manifesta a glória de Deus em Seus filhos: os seres vivos. Exemplo probante de que é mesmo atributo exclusivo de Deus é o fato de os homens já terem construído veículos que ultrapassaram o próprio sistema solar, mas não conseguem “construir” uma humilde formiguinha...

OS SERES VIVOS

Os seres vivos são as criaturas orgânicas, de origem divina, com corpo organizado e funções distintas e sua residência são os diversos mundos também criados por Deus.

Na Terra, os seres vivos são cientificamente classificados como pertencentes a três reinos da natureza: vegetal, animal e hominal.

Residência dos seres vivos

Ainda não está provado pela ciência, mas a lógica infere que em outros mundos também deve haver vida.

Assim, a residência dos seres vivos são os diversos mundos...

A do homem – obviedade –, a Terra.

A citação seria dispensável se não fosse por um detalhe: se as plantas e os animais são alocados pela mãe natureza em habitats previamente equipados de meios garantidores da sua sobrevivência, com os homens isso não se dá. Com efeito, embora a humanidade seja composta de várias raças, o homem consegue sobreviver em qualquer parte do planeta, haja vista os casos extremos dos esquimós e dos beduínos. Ao contrário, se os ursos brancos e os pingüins fossem transferidos para o Saara e os camelos para o Ártico, necessariamente todos morreriam.

Ou, como filosofou alguém: “Rosas não nascem nos *icebergs*...”

Ainda se tratando da residência dos homens, sabemos que os pobres moram em casebres, ou, às vezes, nem os têm. Quanto aos ricos, possuem casas e mansões em várias partes do mundo, utilizando-as conforme as estações climáticas.

Feita essa pequena tela da vida e das residências humanas, o social determina “quem mora onde”, permitimo-nos – os espíritas –, esboçar um novo quadro: o espiritual.

Nele, os processos habitacionais diferem.

Para tanto, em abstração mental, utilizaremos agora para essa outra pintura, transcendente, o seguinte material:

- ☞ tela: a razão;
- ☞ tintas: a lógica;
- ☞ pincéis: o bom senso;
- ☞ moldura: o Espiritismo.

A Doutrina Espírita, na sua porção científica, de observação e investigação constantes, jamais se pretenderia substituta da ciência materialista, respeitando-lhe incalculável lista de paradigmas estabelecidos ao longo de multiplicados séculos.

Não! O Espiritismo não o faria.

Mas dispõe também de elementos de elucidação, fundamentais não só para acrescentar o entendimento, como também para mobiliar as ciências, na solução de vários problemas da existência humana.

Dentre esses problemas, destacamos aqueles relativos ao espírito.

Os sonhos principalmente!

Vejam alguns pontos fundamentais espíritas:

Na questão 135 de *O Livro dos Espíritos*, está dito (por espíritos elevados) que o homem encarnado é formado de três

partes distintas:

- ☞ espírito;
- ☞ perispírito (que envolve o espírito);
- ☞ corpo físico (que envolve o perispírito).

Sem detalharmos por enquanto essa tríade (o que faremos mais à frente), verificamos que, pelos postulados espíritas, um mesmo espírito revestido sempre do mesmo perispírito, nasce, vive, morre e repete esse mesmo ciclo muitas vezes (com um novo corpo físico a cada nova existência terrena).

Esse, o ensinamento das vidas sucessivas, pelo mecanismo em *continuum* da encarnação/desencarnação/reencarnação. Por essa seqüência de vidas, o espírito imortal vai aprendendo e evoluindo sem cessar e a cada etapa material (encarnado) exerce as atividades que quiser (boas ou más), sendo certo, porém, que delas receberá retorno consentâneo à intenção com que as praticou. Retorno esse que se traduzirá em benefícios ou desconfortos sempre na razão direta do merecimento.

Grosso modo, essas são as premissas espíritas quanto à vida, à morte e, principalmente, quanto à justiça divina.

Se no contexto terreno o homem (reencarnado) mora onde sua condição social permite, outro é o referencial espiritual: esse mesmo homem, quando desencarnado (em espírito), embora mantendo exatamente todos os atributos psíquicos, morais e intelectuais, já não poderá escolher moradia. De forma automática, compulsória, sob o influxo sábio da lei espiritual de sintonia e atração, permanecerá em faixa vibratória similar à sua e conviverá com outros espíritos afins.

Vamos “debulhar” um pouco essa parte.

Para efeito pedagógico tão-somente, apropriemo-nos do

PLURALIDADE DOS MUNDOS HABITADOS – ESCALA ESPÍRITA

Ordem	Classe	Nível evolutivo espiritual	Atributos morais	Mundos em que residem
1ª	1ª (única)	Espíritos puros	Ministros de DEUS. Superioridade moral absoluta	Celestes ou divinos
2ª	2ª	Espíritos superiores	Ciência + bondade + sabedoria	Felizes
	3ª	Espíritos de sabedoria	Conhecimento + juízo reto	Felizes
	4ª	Espíritos sábios	Conhecimento voltado para questões científicas	Felizes
	5ª	Espíritos benévolos	Bondade + conhecimentos limitados	Felizes ou de regeneração
3ª (*)	6ª	Espíritos batedores	Aptidão para coisas materiais	De regeneração
	7ª	Espíritos neutros	Apego às coisas do mundo (nem bons, nem maus)	Provas e expiações (**)
	8ª	Espíritos pseudo-sábios	Conhecimento + orgulho	
	9ª	Espíritos levianos	Ignorância + malícia	
	10ª	Espíritos impuros	Inclinação para o mal	

(*) Estes espíritos, propriamente falando, não formam uma classe distinta pelas suas qualidades pessoais. Podem caber em todas as classes da terceira ordem.

(**) A Terra está configurada nessa categoria de mundos habitados.

lúcido raciocínio de Allan Kardec. Classificou ele as residências e seus respectivos inquilinos, nos dois planos da vida, como material e espiritual.

Devemos levar em conta, na apreciação do pensamento kardequiano, que tanto a classificação dos mundos quanto a de seus habitantes contemplam sua evolução espiritual. E que de forma alguma esse é um sistema acabado, mas apenas uma proposição calcada nos diversos depoimentos obtidos mediunicamente por Allan Kardec quando da codificação do Espiritismo.

Antes de elaborar esse resumo, puramente didático, Kardec obteve a seguinte resposta a duas questões que formulou aos espíritos em *O Livro dos Espíritos*:

P. 278: Os Espíritos das diferentes ordens se acham misturados uns com os outros?

R: “Sim e não. Quer dizer: eles se vêem, mas se distinguem uns dos outros. Evitam-se ou se aproximam, conforme a simpatia ou a antipatia que reciprocamente uns inspiram aos outros, tal qual sucede entre vós. *Constituem um mundo do qual o vosso é pálido reflexo.* Os da mesma categoria se reúnem por uma espécie de afinidade e formam grupos ou famílias, unidos pelos laços da simpatia e pelos fins a que visam; os bons, pelo desejo de fazerem o bem; os maus, pelo de fazerem o mal, pela vergonha de suas faltas e pela necessidade de se acharem entre os que se lhes assemelham”.

P. 279: Todos os Espíritos têm reciprocamente acesso aos diferentes grupos ou sociedades que eles formam?

R: “Os bons vão a toda parte e assim deve ser, para que possam influir sobre os maus. As regiões, porém, que os bons habitam estão interdadas aos Espíritos imperfeitos, a fim de que não as perturbem com suas paixões inferiores”.

Mundos Primitivos

As primeiras reencarnações da alma humana ocorrem em *mundos primitivos*, geralmente na condição de raças selvagens ou de nações bárbaras, algo encontráveis na Terra (“restos do estado primitivo do nosso orbe”), como consta de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. III.

No cap. VIII da mesma obra, Kardec filosofa:

Mas, ao mesmo tempo que alguns mundos se adiantam, outros se formam, povoados de Espíritos primitivos e que, além disso, servem de habitação, de exílio e de estância expiatória a Espíritos imperfeitos, rebeldes, obstinados no mal, expulsos de mundos que se tornaram felizes.”

Cada espírito à medida que progride moralmente obtém condições de residir em mundos mais adiantados, sendo certeza que a evolução é Lei Divina, para tudo o que Deus criou.

A *Revista Espírita* de abril de 1859 oferta preciosas reflexões de Allan Kardec sobre essa pluralidade de residências. O interessante desse artigo, denominado “Quadro da vida espírita”, é que especifica várias nuances da vida após a morte, detalhando várias situações imediatas à chegada do espírito àquele ambiente.

Equilíbrio!!!

Essa é a a tônica do universo, refletida nas elucubrações de Kardec, respeitadas sobretudo à sabedoria do Criador, que situa cada criatura no ambiente material/espiritual consentâneo com sua evolução moral.

Retornando dessa profunda abstração, vamos também nós lucubrar, mas apenas no perímetro da Terra.

Partindo da premissa de que o espírito (alma) é imortal, teremos de admitir que, quando o homem (corpo físico) morre, este retorna à terra onde se decomporá, e aquele, necessariamente, vai para algum lugar fora do ambiente físico (em outra dimensão).

Vamos nos reportar aos incontáveis testemunhos de pessoas desencarnadas, muitas delas da sociedade francesa de então, obtidos por Kardec, assessorado por médiuns consagrados, em um trabalho de extrema seriedade e com o testemunho de pessoas igualmente sérias.

Tais depoimentos vindos do Além, via mediunidade, estão à disposição de quem os queira consultar no livro *O Céu e o Inferno*, de Allan Kardec.

Ao longo de 140 anos, desde a codificação do Espiritismo, centenas, milhares de espíritos outros, sempre via mediunidade, também se manifestaram narrando o panorama do plano espiritual, invisível, mas muito mais dinâmico e povoado que o material.

Para não nos alongarmos, citemos o extraordinário fenômeno mediúnicos que é Francisco Cândido Xavier, por cujo intermédio tantas mensagens de pessoas desencarnadas foram trazidas aos familiares, não havendo a menor possibilidade de fraude ou mistificação.

Já estamos alargando comentários...

Economizemos tempo ao leitor.

PSICOSFERA (CAMADAS ESPIRITUAIS DA TERRA)

Eis o que já sabem os espíritas sobre o “outro mundo”:

☞ é ele formado de camadas (esferas) que envolvem o planeta Terra, cujo conjunto constitui o que em Espiritismo se chama “psicosfera” (termo cuja origem pode ser atribuída ao grego: se atmosfera – *atmós*, vapor, mais *sphaîra*, esfera – é a camada gasosa que envolve a Terra, temos que psicosfera – *psyché*, alma mais *sphaîra* – é camada que também envolve o planeta, porém em dimensão espiritual);

- ☞ tais camadas espirituais não têm fronteira umas com as outras, mas sim limites regulados pelo teor vibratório dos seus residentes;
- ☞ vão desde as mais grosseiras às mais sutis;
- ☞ à medida que o espírito ascende moralmente, igualmente ascende às camadas mais sutis;
- ☞ em cada camada alojam-se espíritos com eqüidade fluídica, sendo elementar a dedução de que os espíritos involuídos, quanto maior for seu grau de atraso moral, maior a tendência em ir para as camadas iniciais da psicofera, a partir da proximidade com o plano material; “ali”, disse Jesus, “haverá choro e ranger de dentes” (Lucas 13:28);
- ☞ quanto aos espíritos esforçados no auto-aprimoramento moral, por justiça habitarão regiões cada vez menos densas, obtendo conforto moral crescente em função da consciência relativamente sem grandes débitos.

Originaram a profundidade dessas reflexões as proposições feitas por alguns estudiosos e as informações que alguns espíritos transmitiram sobre os vários planos vibratórios do mundo espiritual (as esferas espirituais).

1. Degraus espirituais

No livro *O prisma das mil faces*, de autoria do Espírito Claudinei⁶, encontramos, da página 197 à 201:

- ☞ no mundo espiritual, do qual a Terra é a contraparte material, os espíritos transitam em espaços correspondentes à sua evolução;

6. Psicografado pelo autor desta obra e editado pela Editora Fonte Viva de Belo Horizonte, 1ª ed., 1994. (Nota do Editor)

- ☞ tais espaços, que apenas para efeito de entendimento poderiam ser comparados às camadas atmosféricas terrestres, formam hipotéticos “degraus”;
- ☞ tão-somente para facilitar a compreensão desse elevado assunto, pode-se imaginar que são em número de sete esses “degraus”;
- ☞ tal divisão, também hipotética, é feita para que melhor seja assimilado o conceito de adiantamento espiritual;
- ☞ nesses “degraus” não transitam apenas espíritos desencarnados: também os encarnados circulam por eles, embora neles não se demorem, seja pelos desdobramentos do sono seja por condições mediúnicas;
- ☞ os espíritos mais evoluídos podem, a qualquer instante, por vontade própria, visitar os planos inferiores;
- ☞ tais visitas, geralmente programadas por espíritos mais iluminados e com mais créditos nas tarefas do bem, destinam-se, quase sempre, ao socorro dos infelizes ali estacionados ou dali prisioneiros;
- ☞ a ascensão de um para outro “degrau” só ocorre por merecimento do espírito, o que equivale dizer: quando adquire maior grau evolutivo;
- ☞ para a assertiva anterior, quanto ao trânsito, não há possibilidade de nenhum espírito necessitado deslocar-se sozinho aos planos superiores (somente sob tutela de protetores poderá fazê-lo)⁷.

As descrições de cada “degrau” constituem mera projeção de até onde o espírito humano conseguiu alçar-se; naturalmente, além

7. Para entendermos o mecanismo do trânsito espiritual, vamos socorrer-nos de um exemplo simplista: veículos aéreos podem, sob comando do piloto, decolar ou transitar pela pista, à velocidade desejada; já um automóvel jamais poderá voar, a não ser como carga de aeronaves de transporte aéreo. (N.A.)

do aperfeiçoamento humano máximo, novos “degraus” (em mundos mais adiantados) ser-lhe-ão antepostos, rumo ao infinito jamais alcançável, posto que lá está a Perfeição das perfeições – Deus!

PRIMEIRO DEGRAU

Hábitat compulsório dos espíritos involuídos.

Localiza-se por interpenetração em regiões terrenas, embora no plano espiritual, já que seus habitantes não detêm a mínima condição de desligar-se dos fluidos pesados que geram e dos quais se alimentam. Ali está a escória dos seres humanos, único local passível de apresentar-lhes condições de reparar seus defeitos, pelo remorso que advém dos seus sofrimentos, dos quais são os próprios causadores. A vida é bastante desagradável: recordamos, ainda uma vez, do dizer de Jesus: “ali haverá choro e ranger de dentes”.

Todos os pensamentos, via de regra bestiais, tomam forma nessa área, a qual se situa em grotas e pântanos, além de, provavelmente, no interior da crosta terrestre. Essa última localização supostamente terá dado origem à concepção do “fogo do inferno” – jamais extingüível – até porque é onde está o núcleo fundente do planeta Terra.

Segundo a Lei Divina, o pensamento é força criadora; assim, ali, a maldade que habita na alma do malvado adquire expressão física só vista por ele e por seus afins, sintonizados também na mesma hediondez: diante das próprias criações malignas, indizível é o sofrimento do seu criador.

Em algum ponto dessas infelizes paragens situam-se os espíritos dos suicidas, em um local tão triste que nem o próprio Sol o alcança.

Ecoa altissonante em todos os quadrantes do universo, por ser também Lei Divina, a palavra de Jesus: “a cada um segundo suas obras” (Mateus 16:17), que o Apóstolo Paulo exprimiu com “aquilo

que o homem plantar, também isso terá que colher” (Gálatas 6:7).

Mas também ali comparece a bondade do Pai, não desamparando nenhum dos Seus filhos: mensageiros da caridade, em abnegada postura, continuamente vão até as furnas, cavernas e vales profundos, levando a esperança e a mensagem cristã aos que ali jazem. Quando a bendita luz do arrependimento sincero surge na alma de tais réprobos, representa a bóia para o náufrago exausto: são atendidos por aqueles espíritos bondosos, iniciando a longa caminhada que os reconduzirá ao bem.

SEGUNDO DEGRAU

Também, e ainda, está no nível da terra física.

É o local dos espíritos apegados aos bens terrenos e presos a desejos inferiores. Tais espíritos realizam-se, obsidiando encarnados com eles sintonizados nos mesmos objetivos e também mantendo íntima ligação com médiuns interesseiros.

Há muito sofrimento nessa região, traduzido por necessidades não satisfeitas, gerando angústias e frustrações. Não raro, legiões de espíritos endurecidos e ditadores escravizam os mais fracos, paradoxalmente, por meio de suas próprias fraquezas.

É a área astral onde acontecem os chamados pesadelos, de encarnados, cujos espíritos para ali se dirigem, por sintonia, tão logo se desligam do corpo físico pelo sono (grifo nosso).

Naturalmente, no prosseguimento desse viver, em que a dor sempre os acompanha, os integrantes dessa área irão se conscientizar de que tal vida só aumenta os seus já não poucos problemas. Então, desejarão outra condição, momento em que a centelha divina que lhes habita a alma os induzirá ao remorso, que constituirá prece ardente jamais desatendida por Deus, por meio de Seus prepostos siderais e trabalhadores socorristas no bem.

TERCEIRO DEGRAU

É onde verdadeiramente começa a região espiritual.

Nessa camada os espíritos dividem seus interesses, ora para coisas materiais, ora para objetivos mais elevados, morais.

É esse o “degrau” do despertar para a verdade.

QUARTO DEGRAU

Aqui as coisas do espírito falam mais alto e seus habitantes têm a condição de tomar, talvez, a mais importante de suas decisões: à frente, a evolução, o progresso espiritual; à retaguarda, os chamamentos do mundo.

QUINTO DEGRAU

Decididos pela sua evolução espiritual, os habitantes desses iluminados espaços comprazem-se no auxílio ao próximo.

As tarefas amorosas que empreendem proporcionam-lhes maravilhosos conhecimentos, primeiro da sabedoria divina e depois sobre a alma humana.

Tendo consciência plena de seus débitos passados, esforçam-se em quitá-los, buscando reencarnações que lhes possibilitem ascender às regiões superiores onde possam melhor exercer a fraternidade.

SEXTO E SÉTIMO DEGRAUS

Locais onde o amor, a luz e a paz preponderam.

Tendo o planeta Terra como uma de suas destinações o esgotamento de dívidas, por meio de provas e expiações, é lícito supormos que todos os espíritos humanos – e com maior respeito até mesmo os habitantes dessas paragens – são ainda algo devedores ante a justiça divina. Não obstante, por merecimento, nelas freqüentam estágios de ensinamentos elevadíssimos (sendo-nos permitido apenas supor, ainda uma vez), ministrados por entidades com elevação moral superior à terrena – veneráveis visitantes de mundos mais elevados.

Assim, nesse patamar, estão os espíritos que, pelos esforços, atitudes e trabalhos executados no plano de Deus – a caridade –, obtêm nele opção de permanência até vôos mais altos da evolução: muito provavelmente, a breve tempo, quitarão seus últimos débitos obtendo méritos para habitar em mundos regenerativos.

Em geral, o desprendimento é a tônica dessas paragens quase celestiais, pois seus habitantes, decorrido algum tempo ali, desvestem-se de sua luminosidade espiritual e descem aos planos inferiores da existência humana para, missionariamente, tanger para o aprisco as alimárias desgarradas, consoante a inesquecível parábola do Bom Pastor – o Mestre Jesus.

2. Esferas Divinas e Regiões Inferiores

Léon Denis (1846–1927), à p. 51 do livro *No invisível*⁸, discorre que “o grau de pureza de sua forma fluídica atesta a riqueza ou a indigência da alma. Etérea, radiosa, pode elevar-se até às esferas divinas, penetrar-se das mais sublimes harmonias; opaca, tenebrosa, precipita-se nas regiões inferiores e nos arrasta aos mundos de luta e sofrimento”.

3. Esferas Espirituais

O Espírito André Luiz, em *Evolução em dois mundos*⁹, proclama: “Esferas espirituais – Muitos comunicantes da vida espiritual têm afirmado, em diversos países, que o plano imediato à residência dos homens jaz subdividido em várias esferas”.

8. 16ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995. (N.A.)

9. Obra psicografada por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, 11ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1989, p. 97. (N.A.)

10. Psicografada por Yvonne A. Pereira, 5ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1975, p. 15. (N.A.)

4. Regiões do Mundo Invisível

O Espírito Camilo, desertor da vida, na obra *Memórias de um suicida*¹⁰, relata: “precisamente no mês de janeiro do ano da graça de 1891, fora eu surpreendido com meu aprisionamento em região do mundo invisível, cujo desolador panorama era composto por vales profundos, a que as sombras presidiam: gargantas sinuosas e cavernas sinistras, no interior das quais uivavam, quais maltas de demônios enfurecidos, espíritos que foram homens, dementados pela intensidade e estranheza, verdadeiramente inconcebíveis, dos sofrimentos que os martirizavam (...); ar pesadíssimo, asfixiante, gelado, enoitado (...); martirizando-os com suplício inconcebível ao cérebro humano habituado às gloriosas claridades do Sol (...); não havia ali, como não haverá jamais, nem paz, nem consolo, nem esperança...”

Seria o primeiro “degrau”?

5. Regiões Espirituais “em Descida”

Ainda o Espírito André Luiz, na obra psicografada por Francisco Cândido Xavier, *Libertação*¹¹, narra sua incursão de auxílio a uma região infeliz: “após a travessia de várias regiões, ‘em descida’, com escalas por diversos postos e instituições socorristas, penetramos vasto domínio de sombras (...), a volitação fácil se fizera impossível (...), a vegetação exibia aspecto sinistro e angustiado (...), apelos cortantes provinham dos charcos (...) Gemidos tipicamente humanos eram pronunciados em todos os tons. De quando em quando, grupos hostis de entidades espirituais em desequilíbrio nos defrontavam, seguindo adiante, indiferentes, incapazes de registrar-nos a presença. Falavam em alta voz, em português degradado, mas

11. 6ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1974, p. 52. (N.A.)

inteligível, evidenciando, pelas gargalhadas, deploráveis condições de ignorância. Apresentavam-se em trajes bisonhos e conduziam apetrechos de lutar e ferir”.

Seria o segundo “degrau”?

6. Psicofera Pestilenta

Manoel Philomeno de Miranda, Espírito, na obra que Divaldo Franco psicografou, *Nas fronteiras da loucura*¹², declara, sobre um ambiente terreno, numa noite de Carnaval: “As mentes, em torpe comércio de interesses subalternos, haviam produzido uma psicofera pestilenta, na qual se nutriam *vibrações* psíquicos, *formas-pensamento* de mistura com entidades perversas, viciadas e dependentes, em espetáculo pandemônico, deprimente. As duas populações – a física e a espiritual, em perfeita sintonia – misturavam-se, sustentando-se, disputando mais largas concessões em simbiose psíquica...”

Seria o terceiro “degrau”?

7. Umbral

De novo o Espírito André Luiz.

Na obra psicografada por Francisco Cândido Xavier, *Nosso Lar*¹³, discorre sobre o umbral: “o umbral... começa na crosta terrestre. É a zona obscura de quantos no mundo não se resolveram a atravessar as portas dos deveres sagrados, a fim de cumpri-los,

12. 9ª ed. Salvador: Leal, 1997, p. 19 e 20. (N.A.)

13. 38ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1990, p. 69. (N.A.)

14. A definição de umbral, dada pelo Espírito André Luiz, leva-nos a uma relativa semelhança da concepção do inferno de alguns religiosos; aliás, outro não é o motivo pelo qual os espíritas, não todos, naturalmente, mas muitos deles, sentem “arrepios” só em pensar nele, o umbral... (N.A.)

demorando-se no vale da indecisão ou no pântano dos erros numerosos... Concentra-se, aí, tudo o que não tem finalidade para a vida superior... Há legiões compactas de almas irresolutas e ignorantes, que não são suficientemente perversas para serem enviadas a colônias de reparação mais dolorosa, nem bastante nobres para serem conduzidas a planos de elevação”¹⁴.

8. Planos do Mundo Espiritual

Cairbar Schutel (1869-1938), no livro *A vida no outro mundo*¹⁵, discorrendo sobre “Os planos do mundo espiritual”, escreveu:

“No outro mundo, como neste, existem planos de existência, mundos superpostos, uns acima dos outros, constituindo uma espécie de escada de perfeição... Os espíritos revestidos de seu corpo perispiritual não podem viver num meio que não esteja de acordo com sua vestimenta espiritual, e esta vibra sempre ao ritmo da elevação de cada um, em sabedoria e moralidade... Os antigos tinham noções desses princípios e acreditavam na existência de muitos céus superpostos, que se compunham de matéria sólida e transparente, formando esferas concêntricas e tendo a Terra por centro. Esta teogonia fez, dessa escala de céus, diversos graus de bem-aventurança: o último deles era o abrigo da suprema felicidade. A opinião comum era a de que havia sete céus; em cada um deles, em sentido ascendente, aumentava a felicidade dos crentes”.

9. Regiões no Espaço (Esferas)

Na obra *Devassando o invisível*¹⁶, a médium Yvonne do Amaral Pereira (1906-1984) cita:

15. 6ª ed. Matão – SP: *O Clarim*, 1981, p. 104 e 105. (N.A.)

16. 9ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994. (N.A.)

“Um raciocínio sereno, ponderado, isento de prevenções, levar-nos-á a concluir, por tudo isso, que o mundo invisível não poderia, mesmo, ser uma abstração, o vácuo onde nada existisse, pois semelhante hipótese seria a negação do próprio poder divino, seria quase o ‘nada’ dos negativistas, depois da morte. (...) declarando os espíritos esclarecidos, como sempre o fizeram, que a vida de Além-túmulo é intensíssima, real (...), que existem regiões no espaço (esferas) interditadas a entidades inferiores, pontos onde se aglomeram espíritos de sábios...”. (p. 29-30)

“*Nas regiões inferiores* – Os deveres da mediunidade também o requisitam (ao médium) para os locais inferiores, antros de miséria e degradação localizados, às vezes, nos próprios perímetros terrenos, como nas suas regiões atmosféricas, onde se aglomeram entidades ainda inferiorizadas pelo erro e a materialidade, e aos quais, por isso mesmo, chamaremos regiões inferiores. Nesses locais, de que os bairros miseráveis de uma grande cidade darão idéia aproximada, exercerão os médiuns, acompanhados sempre de seus guias e instrutores espirituais, tarefas melindrosas nos setores da legítima fraternidade, podendo-se, mesmo, asseverar que nesse delicado exercício espiritual é que se acentua a significação da sua qualidade de médium, ou intermediário. Esses agrupamentos de entidades desajustadas, aos quais se têm denominado regiões inferiores, por não se conhecer outro vocábulo que melhor os defina e retrate, tanto poderão existir no espaço, dentro da densidade atmosférica, como na própria Terra, pois estarão sempre onde se encontrarem as entidades que os compõem (...) [ali] criações mentais coletivas de entidades afins (...) praticarão, além da morte, os mesmos hábitos e os mesmos atos a que se arraigaram no estado humano”. (p. 84 e 85)

10. Esferas astrais

Francisco Valdomiro Lorenz (1872–1957), em seu livro *A voz do antigo Egito*¹⁷, narrando passagens no plano espiritual, refere-se a um personagem (faraó) que cometeu erros e por isso teve de “passar a vida após a morte por longo tempo na *esfera astral* próximo à crosta terrestre, sofrendo remorsos e purificando-se por meio do arrependimento”; mais adiante, registra que outro personagem “elevou-se a *regiões cada vez mais altas* (...) gozando os deleites da alma”; cita a “terceira esfera” e a “quarta esfera”, alcançáveis por méritos no bem. Sugere ainda que “o amor pode salvar as almas até das *mais baixas regiões infernais* e elevá-las às *esferas de luz e felicidade*” (grifo nosso).

11. Colônias Espirituais

Lúcia Loureiro, autora do livro *Colônias espirituais*¹⁸, após aprimorada pesquisa na literatura espírita, discorre sobre as diferentes moradas dos espíritos, comentando quando, como, quanto, onde e com quem vivem.

Feitas todas essas considerações, talvez algum leitor esteja, com razão, a perguntar:

– Por que até aqui pouco se disse sobre sonhos?

A repreensão é válida.

Já falaremos deles.

Nossa justificativa é que, de caso pensado, tivemos em mente criar um arcabouço: a exemplo de qualquer construção, começamos pelo alicerce, depois a alvenaria e, por fim, o acabamento:

☞ notas técnicas sobre o sono;

☞ origem da psicanálise;

18. 1ª ed. São Paulo: Mnêmio Túllo, 1995. (N.A.)

☞ notas sobre o psiquismo;

O Sono e o Espiritismo

3



☞ plano espiritual: moradias, habitantes e condições de vida.

SONO: TREINO DIÁRIO PARA A MORTE?

Pensadores de todas as épocas sempre se referiram ao sono como sendo um treino que fazemos todos os dias para a morte.

Tendo em vista que o espírito desliga-se do corpo físico, não resta a menor dúvida de que a alegoria procede.

O grande poeta brasileiro Raimundo Correia (1860–1911), no seu imortal soneto “As Pombas”, encanta-nos:

Também dos corações onde abotoam
os sonhos, um por um, céleres voam...
como voam as pombas dos pombais;
no azul da adolescência as asas soltam...
fogem... mas aos pombais as pombas voltam,
e eles aos corações não voltam mais...”

Sem contrariá-lo (o que seria imperdoável heresia), permitimo-nos uma paráfrase, com o máximo respeito:

Assim como as pombas, que em todas as madrugadas deixam os pombais, nossa alma também todas as noites deixa o corpo e vai para os sonhos; ela volta... e nós também...

Também por meio de alegoria, Huberto Rohden (1894–1981), em seu livro *O caminho da felicidade*¹⁹, no cap. “Não creias numa morte real”, devaneia:

☞ quando o ovinho de borboleta “morre”, na realidade o que temos é a ressurreição da lagarta;

19. 7ª ed. São Paulo: Alvorada Editora, 1982. (N.A.)

20. 1ª ed. São Paulo: Petit Editora, 2000, cap. 5, p. 66 (coleção *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*). (N.A.)

21. Rio de Janeiro: FEB, 1989. (N.A.)

22. 5ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, cap. 5. (N.A.)

- ☞ quando, semanas mais tarde, também a lagarta “morre” ao insular-se no casulo ou na crisálida, ainda uma vez o que temos é uma pseudomorte, renunciando alvorada de vida mais deslumbrante;
- ☞ o “morrer” da crisálida é o despontar da borboleta!

Segundo o autor, todos os insetos ao “morrerem” não temem essa “morte”, porque sabem que uma “vida nova” os aguarda além...

Conclui Rohden: “também o homem ‘morre’ cada noite, quando se recolhe ao sono – a fim de ressuscitar, no dia seguinte, com vida nova e forças maiores”.

Léon Denis, no já citado *O Problema do Ser*²⁰, diz-nos que “o sono é o prenúncio da morte”.

O Espírito Manoel Philomeno de Miranda, em *Temas da vida e da morte*²¹, na mensagem “Vida, sono e sonho”, registra seu pensamento: “o sono é uma forma de morte”.

Martins Peralva, escritor espírita, consigna em *O pensamento de Emmanuel*²²: “o sono é uma espécie de morte parcial, temporária (...). Durante o sono acontece o desprendimento do espírito que, assim, readquirindo de modo relativo a liberdade assegurada pela desencarnação, pode entrar em contato com espíritos desencarnados ou com pessoas que estejam também adormecidas”.

O corpo precisa de descanso para recuperar forças, mas o espírito não se cansa e jamais permanece inativo, e o sono, para ele, é simples mudança de ambiente, jamais interrupção da vida e do viver. Aliás, na morte, mais ainda o espírito prossegue, em vida dinâmica, progredindo sempre, graças à divina inexorabilidade da Lei da Evolução.

Assim, na verdade, a concepção espírita do sonho é que ele é demonstrativo fiel de que a vida é permanente e eterna.

²⁰ Sir Arthur Conan Doyle (1859–1930), médico e famoso romancista inglês, criador do Sherlock Holmes, era adepto do

²¹ Resenha de Idalício H. Mendes, incluída no livro de Arthur C. Doyle, *A nova revelação*. 4ª ed. 1990, Rio de Janeiro: FEB. (N.A.)

agnosticismo (recusa à solução dos problemas espirituais, afirmando ser impossível ao ser humano acesso ao absoluto), até que, junto a um dos seus pacientes, teve um primeiro contato com o Espiritismo. Isso em 1887...

Somente após 19 anos de pesquisas e investigações médicas, delas participando ativamente, proclamou²³:

“Por fim deixei de duvidar” (referia-se à mediunidade e ao Espiritismo).

Doyle explanou sobre sono e sonhos:

- ☞ os espíritos, que chamou de “nossos mortos”, estão em esfera tão próxima de nós (encarnados), que comumente visitamo-los durante o sono;
- ☞ a resignação de pessoas que perderam seus entes queridos é fruto dessas visitas, o que lhes aplaca a dor, que, do contrário, as teria enlouquecido;
- ☞ sonhos proféticos, dos quais muitos que se realizam decorrem de a informação se manter na memória do sonhador, recebida quando na esfera espiritual;
- ☞ há duas espécies de sonhos e somente duas:
 - 1ª) os que resultam do livre trânsito do espírito libertado;
 - 2ª) os que provêm da ação confusa das faculdades mais íntimas, que permanecem no corpo físico, quando o espírito está parcialmente emancipado.

A propósito, comenta:

- ☞ os sonhos da primeira espécie são belos, mas raros, porque quase sempre não guardamos lembranças deles;
- ☞ os da segunda, comuns e variados, grosseiros mesmo, mostram-nos as qualidades de que estamos privados, bem como do que há em nós de mais baixo...

INSÔNIA

Causas

A insônia, submetidas as causas comuns a uma grade depuradora, deixará à tona alguns indícios da sua origem:

A. CAUSAS FÍSICAS:

- ☞ tensão nervosa: angústias acumuladas, depressão;
- ☞ estresse: ritmo de vida acelerado e acúmulo de atividades físicas e mentais;
- ☞ maus hábitos: tabagismo, alcoolismo, toxicomania, jogatinas;
- ☞ problemas orgânicos: má digestão;
- ☞ fatores externos: ruídos ambientais próximos.

B. CAUSAS ESPIRITUAIS:

- ☞ obsessão: ação de espíritos espreitando o encarnado, à hora de dormir para de alguma forma prejudicá-lo; pressentindo-o, o encarnado inconscientemente bloqueia o processo do sono;
- ☞ distúrbios psíquicos: fobias, neuroses, psicoses, que em última análise são “doenças da alma”.

TRATAMENTO

Agentes físicos: pílulas para dormir

Os barbitúricos, ministrados em pílulas e sob receita médica, são auxiliares dos psiquiatras na busca da solução (alívio e diagnóstico) para seus pacientes insones. Tais medicamentos realmente produzem o sono, contudo em geral têm efeito de cur-

ta duração e, nesse caso, o paciente desperta e logo lhe sobrevém frustração, primeiro porque “não era para acordar tão depressa” e, segundo, porque logo se sente acometido de indisposição física.

Quando o paciente apresenta níveis elevados de depressão ou de tensão nervosa, os barbitúricos, dependendo da dosagem, podem provocar-lhe sono prolongado, mas ainda aqui outro problema mais sério se apresentará: a probabilidade de instalar-se a dependência... e esta, uma vez criada, tende a exigir doses cada vez mais fortes – é o império do vício. Assim, em qualquer caso de uso de tranqüilizantes, é indispensável orientação médica para evitar tais transtornos.

Em outra circunstância, pode o insone também se socorrer da homeopatia, cujos especialistas poderão prescrever o melhor tratamento.

Do ponto de vista psicológico, sabe-se que os tranqüilizantes suprimem os sonhos e essa ausência tem efeitos prejudiciais à saúde, eis que sonhar faz parte da vida, no mínimo, como escoadouro natural de tensões.

Agente espiritual: Evangelho

Há pessoas que, temerosas (no inconsciente) do assédio vingativo de espíritos que as aguardam no plano espiritual para maltratá-las, apresentam singular reação defensiva também inconsciente: não dormir, para evitar tais encontros.

Aí, mais do que nunca, é preciso um auto-exame de integral sinceridade, arrimado por preces aos bons espíritos, para que seja delineado qual o grau de culpa, assumindo-o.

O Evangelho de Jesus demonstra-nos que somos todos seres em duros embates, a começar pelas dificuldades que nós próprios criamos em nosso caminho, ao longo das vidas sucessivas. Kardec, como sempre altamente inspirado, comentando os ensinamentos de

Jesus – “Bem-aventurados os aflitos, pois que serão consolados” –, compôs um dos mais belos textos consoladores de que se tem notícia nas reflexões espíritas referentes ao Cristianismo.

Sua magnífica interpretação das palavras de Jesus, Kardec inseriu-a no cap. V de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, nos tópicos:

- ☞ Justiça das aflições
- ☞ Causas atuais das aflições
- ☞ Causas anteriores das aflições
- ☞ Motivos de resignação

Pessoa não há que, lendo tais lições, deixará de compenetrar-se de que quaisquer que sejam seus sofrimentos ou angústias – tribulações em geral –, a causa está... no seu comportamento, desta ou de outras vidas.

Ora, a insônia é perturbação de grande monta na vida de qualquer pessoa. Como o Espiritismo leciona que dormir é permitir parcial emancipação da alma para a realização de atividades eleitas pelo indivíduo, prudente será que optemos pelas boas ações.

Não é difícil informar essa opção aos protetores invisíveis. Basta que:

- ☞ tenhamos consciência de nossos limites;

24. Em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Allan Kardec sugere que sejam feitas preces ao acordar e quando for dormir:

a) no cap. XXVII, “Pedi e obtereis”, nº 22: “O dever primordial de toda criatura humana, o primeiro ato que deve assinalar a sua volta à vida ativa de cada dia, é a prece”; b) no cap. XXVIII, “Preces espíritas”, nº 38, a prece “À hora de dormir”, prestando expressivos esclarecimentos de como a oração, antes do sono, proporciona despertar sentindo-se *mais forte contra o mal, mais corajoso diante da adversidade*. (N.A.)

- ☞ empreendamos esforços permanentes para nos auto-reformar, suprimindo más tendências;
- ☞ não assistamos a filmes violentos, principalmente à noite;
- ☞ leiamos um trecho do Evangelho de Jesus antes de dormir;
- ☞ oremos aos bons espíritos, nessa mesma hora, para que o sono seja tranqüilo e proveitoso à alma, requerendo excursões de aprendizado evangélico e, se possível, dispendo-nos a cooperar com equipes socorristas da espiritualidade²⁴.

A propósito, o Espírito Joanna de Ângelis, pela psicografia de Divaldo Franco, em *Jesus e atualidade*²⁵, numa releitura do Evangelho, coloca Jesus como o maior psicoterapeuta da humanidade, que vai ao fator que predispõe ao distúrbio sem a necessidade de uma análise dos *fenômenos oníricos* ou dos fenômenos traumáticos do paciente.

Diz-nos a abençoada mentora espiritual, na mensagem “Jesus e Revolução”:

- ☞ Jesus sempre agiu na condição de psicólogo profundo;
- ☞ Jesus, por ser o homem integral, límpido na sua transparência efetiva, penetrava os arcanos mais profundos do indivíduo desconhecidos para si mesmo, que se debatia na superfície dos efeitos sem lograr remontar às suas causas;
- ☞ era com os sofredores, porém, que ele mantinha a mais correta psicoterapia de que se tem conhecimento: “– Não recorria aos sonhos dos seus pacientes, para descobri-los o inconsciente, os seus arquivos, as suas sobras psicológicas”.

DOENÇA DO SONO

Se há a insônia, em contrapartida há duas enfermidades ligadas ao sono letárgico permanente:

a. Doença do sono

Foi descoberta pelo médico, escritor, teólogo protestante, organista e musicólogo francês, de fama internacional, dr. Albert Schweitzer (1875–1965), Prêmio Nobel da Paz em 1952, logo no primeiro ano da sua missionária e longa permanência na África, num dos mais admiráveis exemplos de amor ao próximo de que se tem notícia.

A vida missionária do dr. Schweitzer é toda ela um poema cantando as culminâncias espirituais da alma quando se doa toda aos necessitados. Sua esposa acompanhou-o, *pari passu*, coração e espírito, nessa luminosa trajetória nas sofridas terras africanas.

“Resgatar a enorme dívida da escravidão”, esse era o *leitmotiv*²⁶ do casal.

Comovido e pesaroso, eis como o dr. Schweitzer descreveu essa terrível patologia que sempre assolou nossos infelizes irmãos africanos²⁷:

“Começa por acessos de febre irregulares que durante meses aparecem e desaparecem, ora fracos, ora fortes, sem que o paciente se sinta realmente enfermo; alguns passam diretamente do bem-estar para o sono que leva à morte. Outros sentem fortíssimas dores

26. *Leitmotiv*: motivação, devoção. (N.A.)

27. Resenha extraída de “Schweitzer, o apóstolo do respeito à vida”, na obra *Grandes vocações: 4 apóstolos modernos*, de Gustavo Corção, Donato Editora. (N.A.)

28. Desde 1803 essa doença é investigada. Somente em 1901 foram encontrados pequenos organismos (a que os pesquisadores chamaram de *tripanossomos*) no sangue de doentes, ficando provado que o agente de transmissão é uma variedade da mosca tsé-tsé. (N.A.)

de cabeça; algumas vezes o sono é precedido de uma torturante insônia; alguns doentes manifestam perturbações mentais, superecitações maníacas ou melancolias profundas; há casos em que o sono começa somente dois anos depois das primeiras febres. Ao atingir a fase final, o sono se torna cada vez mais profundo e se transforma em coma. Os doentes jazem insensíveis a tudo, entre dejeções involuntárias, emagrecendo progressivamente. Aparecem feridas nas costas e no peito. As pernas encolhem e o joelho chega ao queixo.

O quadro é atroz. Pobre África!”, diz o dr. Schweitzer²⁸.

b. Encefalite letárgica (Encephalitis lethargica)

Assim denominada pela medicina.

As vítimas dessa doença dormem sono profundo por longos períodos de tempo, às vezes décadas (!).

Essa doença acometeu inúmeras pessoas na década de 20, fazendo-as dormir por 30 anos (!). Ao acordarem, os pacientes apresentavam diferentes sintomas: em alguns, a doença se manifestava tirando a vontade e energia para qualquer atividade; em outros, provocava inquietude. Mas todos demonstravam grande lucidez. Contudo, o despertar trouxe consigo muitas decepções: algumas pessoas descobriram que estavam separadas da mulher ou do marido, outras souberam da morte de um irmão ou de outro parente; em outros casos, eram esquecidas pela família ou já eram pessoas sozinhas. Característica curiosa da doença era a aparência: os pacientes permaneceram jovens, passando pelo processo normal de envelhecimento só depois de acordados.

Agosto de 1998... recidiva?

Médicos britânicos registraram novos casos dessa misteriosa

doença, que se espalhou pelo mundo durante os anos 20, para depois desaparecer também misteriosamente.

Os médicos não conseguiram estabelecer se a praga do sono é causada por um vírus, se resultou da epidemia de *influenza* (gripe espanhola), que varreu o mundo após a Primeira Guerra Mundial, ou se tem causas genéticas.

Alguns pacientes sofrem de psicose, sendo acometidos de espasmos semelhantes aos causados pelo Mal de Parkinson. Outros não conseguem falar, têm gestos incontrolados ou “congelam” em poses estatuárias. Há os que sofrem de alucinações acompanhadas de movimentos corporais poucos usuais.

Na Inglaterra, temia-se uma nova epidemia. Felizmente não ocorreu. Nem há necessidade de grande esforço filosófico para ajuizarmos que ambas as patologias são de fortíssimo componente existencial.

O que levaria um espírito, encarnado, a ficar distante da vida física por tanto tempo?

E por que num caso (encefalite letárgica) os pacientes acordam relativamente saudáveis e no outro (doença do sono) a esmagadora maioria falece, após inusitados sofrimentos?

Postas na balança infalível da justiça divina, resta à razão a certeza de que são, ambas as doenças, efeitos. Os que as sofrem são criaturas em resgate.

– E aí? Onde está (estão) a(s) causa(s)? E qual(quais) seria(m) ela(s)?

Problemas que só o Espiritismo pode resolver... Aventando conjecturas – jamais certezas –, talvez possamos lucubrar que as

29. Na verdade, o Criador não põe cruz no ombro (punição), nem medalha no peito (prêmio) de ninguém, senão insculpe no espírito (consciência) as leis morais, cujo desrespeito (infração) penaliza o agente com a sublime dádiva do resgate (provas e expiações), para a quitação plena. (N.A.)

vítimas dessas patologias, de alguma forma e em alguma fração do tempo (em vidas passadas), terão causado idêntico desconforto ao próximo.

Sabendo como sabemos que “Deus não põe cruz em ombro errado”, no popular mas pio jargão, temos a considerar que as vítimas dessas doenças (como de todas as demais) estão em resgate²⁹.

Não é só dos doentes o resgate, mas também dos seus familiares e demais pessoas de alguma sorte envolvidas no processo a que deu causa o atual sofrimento.

O exílio forçado, seguido por vezes de crueldades como no caso da escravidão, é uma primeira hipótese indicativa de que tipo de infração o paciente de hoje terá cometido ontem. Apenas suposição... Pois que os escravos, nem nos exige esforço imaginar, além de perderem a família, a pátria e a paz, necessariamente, no recolhimento diário das senzalas, curtiam suas amarguras impotentes ante a brutal realidade que lhes destruiu o viver com liberdade e dignidade.

Alguém consegue avaliar perda e dor tamanhas?

À época ainda não havia o neologismo *estresse*, mas sim com certeza suas vertentes, com a insônia no tormentoso desaguadouro psíquico.

E, ao dormir, pesadelos...

Assim... de forma análoga, pela Lei de Ação e Reação, agora a encefalite letárgica, promovendo um “exílio espiritual”, impede o retorno do perispírito ao corpo físico – em última análise, à família, à pátria e à paz... o que, mesmo arranhando a verdade, talvez possa ser configurado como um “pesadelo invertido”, ou seja, o alívio seria dormir mesmo, e não permanecer tanto tempo acordado, no referido “exílio”.

PESADELLOS – DIAGNÓSTICOS

Psicanálise

Pesadelos visitam a todas as pessoas vez por outra.

A crença de que decorrem por estar o sonhador “com estômago cheio” não tem o menor fundamento, eis que quem está “com estômago vazio” também tem pesadelos.

Pela psicanálise, pesadelos são a expressão de desejos reprimidos e que se libertaram de censura, apresentando-se como símbolos variados em sonhos. O conteúdo dos pesadelos traz à tona que o sonhador, em alguma época da sua vida, teve sentimentos negativos que reprimiu energeticamente. Uma notícia de jornal, um filme ou fato qualquer podem catalisar aquela lembrança, até então recalçada profundamente, que se manifestará em sonho, tido como “um mau sonho” – o pesadelo.

A psicanálise recomenda que esse problema seja enfrentado, isto é, que o sonhador faça análise introspectiva, sincera, para identificar e retirar do seu inconsciente o desejo reprimido e com ele “dialogar”, pacificando-o. Ou seja, dissolvê-lo, à luz do consciente (razão e moral).

No caso de os pesadelos se tornarem rotina, há motivo de alerta: algo está errado com nossos pensamentos ou nossas ações. Ajuda terapêutica psicológica será útil.

Espiritismo

No Espiritismo, é constante a recomendação da auto-reforma, o que, aliado à prática do bem, será sempre fator moral de força a que espíritos obsessores não poderão vencer.

– O que seria, em última análise, “auto-reforma”?

Com a palavra, Allan Kardec, em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. XVII (“Sede perfeitos”):

Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más.

Como nos pesadelos há sempre ação intensa, às vezes com riscos de ataques de ‘animais ferozes’, depreendemos que tais sonhos são compartilhados de entidades infelizes, desencarnadas, que nos perseguem, apresentando-se momentaneamente como aquelas feras.”

A propósito, consta de *O Livro dos Médiuns*, cap. VI, questão 100, item 30:

P: Poderiam os Espíritos apresentar-se sob a forma de animais?

R: “Isso pode dar-se; mas somente Espíritos muito inferiores tomam essas aparências. Em caso algum, porém, será mais do que uma aparência momentânea. Fora absurdo acreditar-se que um qualquer animal verdadeiro pudesse ser a encarnação de um Espírito. Os animais são sempre animais e nada mais do que isto.”

Em outros casos, muito mais perturbadores e de conseqüências inimagináveis, podemos estar sendo vitimados por um grupo de vingadores. Tal é o caso narrado no livro *Nos bastidores da obsessão*³⁰, no cap. 8, “Processos obsessivos”. Ali, um obsessivo de altíssimo poder magnético e de grandes conhecimentos técnicos instala no perispírito (nos centros da memória) de um jovem que estava dormindo uma “pequena célula fotoelétrica gravada”, de

30. Do Espírito Manoel Philomeno de Miranda, psicografia de Divaldo Franco, 2ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1976. (N.A.)

material especial, para que o jovem passasse a ouvir, ininterruptamente, a mesma ordem: “Você vai enlouquecer! Suicida-se!” No caso, o jovem tinha um grave reajuste com um espírito desencarnado, o qual, como vingança, solicitou ao poderoso obsessor referida operação. Na seqüência da narração, vê-se como é auxiliado por protetores espirituais, por merecimento.

De pasmar!

Conveniente aceitar que nós próprios, os sonhadores, atraímos tais companhias, mercê de nossa postura evangélica ausente, invigilante... Aí então, com esse primeiro passo demonstrativo de humildade nascente, já impediremos a aproximação de influências nefastas e assim carregaremos para nossa companhia amigos que querem nosso bem. Como vemos, a introspecção preconizada pela psicanálise, para identificação da causa do pesadelo, possibilitando que seja extirpado, é similar àquilo que desde o século passado aconselha o Espiritismo.

Sonhos agradáveis decorrem de encontros com amigos, tanto quanto os desconfortáveis sugerem que provavelmente passamos momentos com companhias infelizes.

Se acordarmos sobressaltados, sem recordar o que estávamos sonhando mas com a sensação de que não era um sonho bom, será de utilidade que em nossa tela mental projetemos a figura meiga e pacífica do Mestre Jesus. Podemos ir além, nesse saudável exercício, passando a ouvir, com a audição espiritual, a voz do Cristo ofertando-nos as sublimidades das bem-aventuranças.

E mais: utilizando a bênção do pensamento, transportemo-nos para o pé do monte e nos associemos à assistência à qual ele se dirigia...

Sugerem os bons amigos da espiritualidade que, ao deitarmos, cultivemos o hábito da oração, precedida da leitura de um pequeno trecho evangélico (o quarto, porém, não é o lugar mais adequado à leitura, nem para assistir TV). Referido hábito predisporá a

sonhos agradáveis, posto que gerados pelo clima espiritual salutar que edificamos.

Auto-hipnose

Em todas as necessidades de realização de um indivíduo, quaisquer que sejam as circunstâncias da vida, principalmente se diante de conflitos ou desafios, está o espírito imortal comandando a ação, superando as barreiras, às vezes decidindo à revelia da própria razão (agindo por reflexos emocionais).

Qualquer decisão, que pode ser sim ou não (fazer ou não fazer), tem origem no sólido e também imortal alicerce espiritual da vontade que habita em sua alma. E aí, em processo similar à hipnose, e que aqui podemos chamar de “auto-hipnose”, o espírito desejoso de evoluir terá de, em primeiro lugar, eliminar suas más tendências. Para isso, determinará à vontade ação enérgica, para que se livre de vícios físicos e mentais (maus pensamentos).

Deus, ao criar o espírito, nele inclui, de forma indelével, mas em potencial, todas as virtudes. Desenvolvê-las será a tarefa de cada ser, processo esse a que o Espiritismo denomina evolução moral.

O Espiritismo, com base na Lei Divina de Causa e Efeito, oferta ao raciocínio lastro psíquico suficiente para declarar, alto e bom som, que o homem – e somente ele, como indivíduo –, é o responsável pelo seu destino, sua vida, alegrias e tristezas, graças e desconfortos.

Nesse quadro, dormir bem ou ter insônia e ter sonhos bons ou maus são necessariamente resultantes dos procedimentos físicos ou mentais (pensamentos) dele próprio. Da vida presente ou de vidas passadas...

Freud fixou-se na libido, sob recalques da infância, para decifrar a metafórica e quase sempre figurativa linguagem dos

sonhos, estes indenes à censura do consciente. Com isso, delimitou a existência do homem com início na infância e término na morte. Ergueu, assim, barreira à tão cristalina sistemática divina da reencarnação, com o seu leque de respostas “aos mistérios da vida”, neles incluindo-se os sonhos...

Pois que, quando um sonho desconhece todas as linhas demarcatórias de uma existência, as vidas sucessivas saem do terreno especulativo para tomar assento na lógica.

Exemplificando: tais são os sonhos em que o sonhador se vê “no corpo de outra pessoa” e isso não lhe causa a menor surpresa ou rejeição, aceitando-o com naturalidade; em outros sonhos, encontra-se com pessoas “que jamais viu” (nesta vida) e com elas dialoga, consciente de já as conhecer de longa data... ou então passeia com desenvoltura por lugares que “no sonho” conhece bem, mas que, ao despertar, não faz a menor idéia de onde sejam.

Dormir

O ato de dormir é um ato físico, durante o qual tanto uma parte física (o cérebro) quanto outra, espiritual (memória), agem, às vezes em conjunto, às vezes em separado.

Cérebro

Nosso cérebro, quando na vigília, recebe informes de todo o corpo trazidos por estafetas ultra-rápidos (os nervos), sendo alvo de um verdadeiro bombardeio noticioso e tendo de despachar, para algumas dessas notícias, respostas, também de forma ultra-rápida.

Exemplificando: alguém está lendo e um gatinho lhe roça a perna (que é como os gatos informam “estado receptivo a carinhos”). Esse leitor, que ama seu animal – no que faz muito bem, desde

que ame também seus semelhantes –, sem perder a continuidade da leitura, curva-se ligeiramente e traz o gatinho para o colo, passando a acarinhá-lo.

Pode o leitor dizer quantas mensagens o cérebro recebeu e processou? Vamos exercitar a imaginação:

1. algo encostou na minha epiderme;
2. o ponto de toque está situado na perna esquerda, do lado externo, logo acima do tornozelo;
3. toque suave;
4. textura possível, dentre centenas: de gato...;
5. estou na minha casa, tenho um gato, logo só pode ser dele;
6. pela forma, repetência e duração, há indicativos de que a atitude é fraternal: ele quer carinho;
7. assim sendo, não corro nenhum perigo de agressão;
8. carinho merece carinho em retribuição;
9. interromper a leitura;
10. ordem aos músculos respectivos: curvar-se um pouco;
11. dirigir o olhar para o gato para definir com exatidão o ponto em que se encontra;
12. calcular distância do chão ao meu colo;
13. memória: informar o peso do gato (quatro quilos, mais ou menos);
14. ordem a todo o conjunto braço – antebraço – mão: apanhar o gato, usando esforço e movimentos para erguer quatro quilos do chão ao colo;
15. com o gato no colo: retornar à posição anterior do corpo;
16. acariciar o gato, com delicadeza, sem passar a mão nos olhos ou na boca dele nem alisar-lhe o pêlo no sentido do dorso para a cabeça, o que irritaria o bichano;
17. manter carinhos delicados e espaçados no gato, até o

- instante que ele quiser...;
18. reiniciar a leitura, no ponto interrompido;
 19. memória: repassar rápida seqüência mental do texto, no ponto em que foi interrompido, *há menos de um segundo*.

Agora, imagine o leitor com que rapidez o cérebro terá de processar e adequar a reação a uma queimadura...

Quando dormimos, nosso organismo relaxa várias de suas funções, com o que os nervos aliviam a sobrecarga de tarefas da vigília. Nesse caso, o cérebro, sem ficar inerte, também fica aliviado de grande parte das atividades que tem por tarefa processar.

Mas só a interrupção do fluxo de providências a serem tomadas não será suficiente para desonerá-lo de uma sobrecarga diária: das milhares de informações que foram processadas e armazenadas na memória, a grande maioria deve ser descartada, por já ter produzido seus efeitos.

Precisamente nesse ponto entram os sonhos em ação!

Selecionando o que precisa perdurar daquilo que já não será necessário, surge a necessidade de escoimar considerável quantidade de informes que geraram ações físicas ou espirituais.

Então, sonhamos com muitos fatos absolutamente sem pé nem cabeça, pois o descarte não se dá por inteiro, e, sim, de algumas das porções mentais que foram acionadas. No exemplo do gatinho, poderíamos imaginar que aquele leitor talvez sonhasse, naquela noite, ou mesmo em noites posteriores, que estava em viagem de automóvel, sozinho, e precisou parar o veículo quando uma onça, mansinha, atravessou a estrada e veio para dentro do veículo, que prosseguiu a viagem...

No caso, sonhar com o automóvel em viagem equivaleria à leitura, e a onça, por ser da família felina, estaria representando objeto em tamanho proporcional ao livro em relação ao automóvel. E esse mesmo sonho poderia ter continuidade com outros peque-

nos fatos, sem o menor encadeamento temporal ou absolutamente sem sentido, o que seria nada mais nada menos do que aquele alívio descarte que a mente estaria proporcionando ao cérebro, sua ferramenta mais utilizada.

Deus, infinitamente sábio, arquitetou a maravilha do corpo humano para abrigar o espírito na sua indispensável jornada de aprendizado, na não menos maravilhosa escola que é a Terra. Adequando os alunos ao currículo, colocou o planeta-escola onde está, numa distância ideal do Sol, lâmpada incomparável, usina eterna de luz, calor e vida. Como âncora deu-lhe (à Terra) a Lua (no dizer poético e profundo do Espírito Emmanuel, no livro *A caminho da luz*).

De tão sublime disposição, celestial, resultaram o dia e a noite: aquele adequado à dinâmica terrena, à vigília, e esta, além de ao repouso físico, à dinâmica espiritual.

Aí, o Pai matriculou os alunos, Seus filhos; nós.

De curso em curso, já chegamos ao reino racional.

Rumo à angelitude, aguardam-nos cursos superiores, cujas matérias são as várias derivações do amor: caridade, humildade, paciência, dentre tantas...

Mestrado: amor ao próximo.

Doutorado: amor integral por tudo e por todos! (Como Jesus!)

Por conhecer nossas dificuldades, não só iniciais, mas até completarmos todo o currículo terreno, o Pai criou a noite e o dia.

Em nenhum momento o aluno deixou de ter oportunidade de aprender: se durante o dia o cotidiano impõe obrigações, à noite, dispensado delas, as aulas prosseguem para os que se queiram adiantar.

Fantasia?

Vejam.

CONTATOS IMEDIATOS DURANTE O SONO

a. Encarnado x Desencarnado

Durante o dia, as impressões que o cérebro recebe são aquelas físicas, apontadas pelos cinco sentidos. À noite, com o amortecimento das atividades materiais, o cérebro também diminui o ritmo de suas funções, havendo menor ligação com a mente. Aí, o espírito solta-se parcialmente do corpo físico, contudo a ele permanece ligado por um cordão fluídico, elástico. Nessa condição adentra no plano espiritual (também chamado de plano astral por outros segmentos religiosos), onde o cérebro do perispírito, agora não por nervos mas por sua ação energética radiante, capta a realidade dali, bastante diferenciada da do plano terreno.

Nesse novo mundo o perispírito, sem a couraça defensiva da matéria (corpo físico), segundo suas aptidões morais, torna-se suscetível de ser envolvido por poderosas correntes de pensamentos, positivas ou negativas. Tais correntes, verdadeiros feixes de idéias que tomam forma, são de invencível domínio.

Quando *positivas*, proporcionarão indescritíveis benesses àqueles que com elas se afinam.

Se *negativas* – o que acontece na maioria das vezes, eis que a Terra é residência de inquilinos majoritariamente sem probidade moral –, ocorre o contrário: arrastam verdadeiras multidões de vítimas que partilham dos mesmos gostos mundanos, das mesmas buscas de prazeres rasteiros. E as correntes se comprazem... Avidamente, toda noite, tão logo dormem, às vítimas vão àqueles sítios nos quais são aguardadas por malta de espíritos fixados na luxúria, quando não por cruéis verdugos, que as escravizam sob passiva docilidade servil. Enturmadas, dirigem-se a nefastos antros, lá mesmo ou de volta à matéria.

Por vezes, até mesmo criaturas em duros embates para se libertar de vícios de toda espécie são envolvidas por essa atmosfera espiritual contagiosa. Vejamos, por exemplo, o caso do indivíduo

que lutou bravamente para deixar o vício da bebida. Tamanha foi sua força de vontade que após longo período de abstinência, de início forçada, foi recompensado, pois passou a sentir aversão ao álcool.

Isso quando acordado...

Freqüentemente, contudo, tinha sonhos nos quais estava bebendo, nisso sentindo reviver os prazeres sempre enganosos do antigo vício.

Procurou auxílio de uma pessoa dedicada ao Espiritismo, foi esclarecido quanto à intensa vida que o sono proporciona, de que os sonhos são pálida recordação e registro. Compreendeu que estava sendo vítima de espíritos escravizadores, como ele desejosos do alcoolismo. Como os espíritos não dispõem de bares, buscam os encarnados alcoólatras e induzem-nos a beber, para deles haurir o hálito e as emanções etílicas que se evolvem, todas com moldura mental de prazer. No seu caso, queriam mantê-lo como seu fornecedor. Espantado diante dessa quase inacreditável simbiose de desencarnados com encarnados, da qual ele próprio era testemunha e escravo, assimilou a lógica dessa cruel realidade, da qual só conseguiria libertar-se com elevação espiritual.

Aconselhado a orar a Jesus e ao seu espírito guardião (todos temos esse amigo invisível), passou a fazê-lo principalmente na hora de dormir.

Suas primeiras orações, entretanto, não tinham como objetivo a ajuda de Jesus: eram rogativas em favor dos que ainda não compreendiam aquilo que ele havia entendido, não podendo em consequência sufocar o vício. Só aí pensava em si mesmo, pedindo proteção espiritual.

31. Allan Kardec, em *O Livro dos Médiuns*, cap. VIII, “Do laboratório do mundo invisível”, a bordo da sempre lúcida e informativa propriedade com a qual codificou a Doutrina dos Espíritos, discorre sobre como no plano espiritual há geração espontânea naquilo que os espíritos fixam o pensamento. (N.A.)

Livrou-se!

Falemos um pouco mais dessa simbiose entre os encarnados e os desencarnados, gerando pesadelos nos primeiros.

No plano espiritual o pensamento, próprio ou de outrem, é a força motriz das ações e, mais que isso: é forja criadora daquilo que é pensado!³¹

Ali, o espírito do encarnado que está dormindo – parcialmente emancipado, pois, do contexto físico – terá ampla liberdade para ir ao ponto de interesse, cujas baliza e bússola correspondem às suas tendências. Necessariamente, pela lei de atração dos iguais, encontrará outros espíritos encarnados como ele, mas também alguns desencarnados (estes até em maior número) afinados com seus gostos.

Tais encontros, já por si só infelizes, posto que clima e ações são de teor não-evangélico, fazem parte de um roteiro ainda mais triste: há conluios que se processam por meios cruéis, sob ordens despóticas de entidades perversas, possuidoras de incrível poder magnético. Utilizando a força bruta de espíritos que com facilidade escravizam, por serem vítimas da própria invigilância moral, não têm aqueles o menor escrúpulo em aprisionar estes, incautos, que lhes rendam tributo ao ideal trevoso.

Tais são as nuances dos viciados em geral, quando dormem.

Têm pesadelos constantes e não atinam com a causa.

O sono, que deveria proporcionar-lhes liberdade, é-lhes, paradoxalmente, escravizador.

Não será novidade que acordem mais cansados do que quando foram dormir.

Nem será improvável que, de pesadelos em pesadelos, de delírios em delírios, logo os acometam doenças graves.

Por vezes, não raras, a loucura.

Quando não, a morte...

b. Encarnado x Encarnado

(Diálogo: um acordado e o outro... dormindo.)

Pessoas encarnadas se comunicarem mentalmente, estando próximas ou distantes, não são casos raros, eis que numerosas ocorrências telepáticas são narradas com grande responsabilidade conferindo-lhes aval de realidade.

Contudo, uma pessoa em vigília comunicar-se com outra dormindo – distantes uma da outra – é um fenômeno que, pela singularidade aliada à sua escassez, raramente visita os estudos dos pesquisadores.

Mas ele existe!

Allan Kardec, na *Revue Spirite* de abril de 1866, p. 172, detalha como uma jovem, dormindo, na cidade de Lion, foi conduzida (o perispírito) por um médium em transe até Paris, numa reunião mediúmica onde conversou com sua mãe encarnada, e onde estava o médium. Aliás, o médium desdobrara-se a pedido dessa mãe, sendo nessa delicada empreitada auxiliado por espírito protetor, que advertiu: “Ao acordar, a filha não guardará lembrança clara; contudo, terá a fé robustecida pelo pressentimento *do bem que se pode auferir de uma crença firme e pura*”.

Ernesto Bozzano (1861–1943), na sua obra *Comunicações mediúnicas entre vivos*³², cita algumas dessas notáveis ocorrências. Vejamos, em síntese, duas:

- 1ª) O sr. F. Scifoni, em 17 de junho de 1863, estava trabalhando no seu escritório depois da meia-noite e, num quarto contíguo, dormia seu amigo, o sr. Vincenzo Tanni, roncando ruidosamente. Para experimentar algo que lera e o impressionara, concentrou-se intensamente em

32. 2ª ed. São Paulo: Edicel, 1968. (N.A.)

evocar o espírito do amigo e qual não foi sua surpresa quando sua mão, em resposta, começou a escrever (o sr. Scifoni era médium psicógrafo):

“Eis-me aqui. Que queres comigo?”

“Ora, meu caro Tanni”, escreveu o sr. Scifoni, identificando o amigo, “queres me fazer um favor? Querias dar-me uma bela prova da realidade das comunicações espíritas, despertando-te por alguns instantes e chamando-me pelo nome?”

“Sim”, escreveu a mão do sr. Scifoni.

Decorrido algum tempo, logo ouviu Tanni mover-se e chamá-lo distintamente pelo nome...

- 2ª) Uma senhora sonha que está fazendo visita a uma amiga, médium psicógrafa, a quem dita um discurso. No mesmo momento a amiga, que acabara de levantar-se, sente-se tomada de um impulso psicográfico automático e, com efeito, registra o discurso que a amiga estava lhe passando.

Nesse livro há citações de vários outros casos, em que mensagens são inconscientemente transmitidas a médiuns, conhecidos ou não (casos raros), por pessoas imersas no sono.

LUZ NO PLANO ESPIRITUAL

Sabemos, pelo Espiritismo, que a mediunidade é a faculdade de uma pessoa encarnada prestar-se a intermediar comunicação entre um espírito e outro. Sabemos, ainda, que no plano espiritual são encontrados espíritos, grande maioria desencarnados, que ali estão instalados, aguardando nova etapa terrena, mas também espíritos de encarnados (*almas*, no dizer pedagógico de Allan Kardec), estes em trânsito eventual, parcialmente emancipados do corpo físico

geralmente pelo sono.

Ambos, naquele plano, vêm segundo seu padrão moral.

Allan Kardec, em *A Gênese*, cap. XIV, n^o 24 e 25, esclarece que “no Plano Espiritual a visão não se opera por meio dos olhos do corpo; segue-se disso que a percepção das coisas não se verifica mediante a luz ordinária (terrestre) (...) para o mundo espiritual uma luz especial existe, cuja natureza desconhecemos; há, portanto, luz material e luz espiritual. (...)”

A alma envolta no perispírito tem consigo o seu *princípio luminoso*.

Somente os espíritos puros possuem a vista espiritual em todo o seu poder; nos inferiores, ela se acha enfraquecida pela grosseria do perispírito, que se lhe interpõe qual nevoeiro”.

A propósito, comentam ainda:

- a. Gabriel Delanne (1857–1926), engenheiro elétrico, fisiologista, pensador, escritor e grande vulto do Espiritismo, cita o caso de um espírito que, desdobrado, emitia luz própria, “um raio luminoso que, partindo do seu epigástrio, clareava os objetos”³³.

Diz mais, Delanne:

O espírito tem o seu armazém de idéias e sensações, qual um sábio cujos conhecimentos estivessem escritos em livros diferentes, mas na mesma biblioteca, dispostos em ordem imutável, porém, religando-se uns aos outros, representam, ao mesmo tempo, uma fração de cérebro (idéias) e outra de

33. *A alma é imortal*, 6^a ed. Rio de Janeiro: FEB, 1990, cap. IV, p. 102. (N.A.)

34. *A evolução anímica*, 6^a ed. Rio de Janeiro: FEB, 1989, p. 133. (N.A.)

35. *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*, cap. V, p. 76. (N.A.)

perispírito (sensações)”³⁴.

Acrescenta Delanne que no sono o espírito age pelo inconsciente (tesouro de cada ser pensante), produzindo atos psíquicos (idéias e sensações) sem intervenção do corpo físico, cuja intensidade, insuficiente, deles não lhe permite consciência na vigília.

- b. Léon Denis (já citado): “A visão no sonho é acompanhada de uma luz especial, constante, diferente da luz do dia”³⁵.
- c. Allan Kardec, em *O Livro dos Médiuns*, cap. XXVI, questão 289, item 11, notifica: “os Espíritos vêem, ou pressentem, por indução, os acontecimentos futuros: vêem-nos a se realizarem num tempo que eles não medem como nós”.

Depreendemos desses informes que no plano espiritual, na emancipação parcial do sono, quando em sonho, o espírito só “verá” os espaços que puder iluminar. Nos sonhos, as idéias e as sensações, coordenando-se, são produtos extraídos daquele “armazém” há pouco citado.

Assim, que ninguém diga que a noite traz trevas e escuridão: ao contrário, traz, isto sim, como num “céu particular”, a fantástica visão de incontáveis mundos celestiais, iluminados, que chamamos de estrelas.

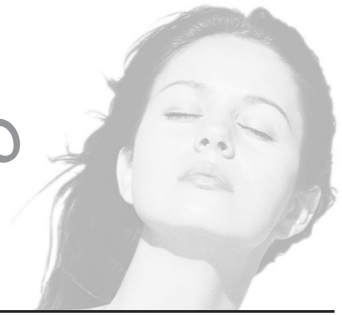
Deixemos o sono nos levar para mais perto delas!

Se no dia, na vigília, não há maior espetáculo terreno do que a luz do Sol, à noite ver gratuitamente um céu estrelado é outra sublime concessão do Criador ao homem, que, assim, toma conhecimento da grandeza universal.

E quando for dormir, dependendo dele, poderá ver aquele



Sonambulismo



“outro céu”, também só dele...

Sonambulismo é uma palavra que tem vários significados, dependendo do contexto no qual é empregada.

Literalmente, significa andar dormindo.

Etimologicamente, vem do francês *sonambulisme*, que por sua vez derivou dos termos do latim: *somnus* mais *ambulare* (sono + andar), que em português originou a palavra *sonâmbulo* (que ou aquele que caminha, age, fala durante o sono).

Aquí, teceremos comentários sobre esse instigante fenômeno, que pode ser tanto natural quanto induzido (provocado).

Exporemos também passos de nossas pesquisas, que palmilharam alguns informes da psicologia, embora mais nos tenhamos debruçado sobre as observações ofertadas pelo Espiritismo.

CONCEITOS DA MEDICINA (PSICOLOGIA)

Tem-se como certo que se trata de um problema raro que afeta principalmente as crianças e geralmente durante a primeira parte do sono.

O sonâmbulo caminha e realiza determinados atos enquanto dorme, não se recordando, ao acordar, do que se passou. A causa pode ser ansiedade, mas freqüentemente não existe nenhuma causa específica. Recomenda-se, no caso, que o sonâmbulo seja conduzido calmamente para a cama, se possível sem ser acordado.

CONCEITOS ESPÍRITAS

Dormir é uma das necessidades fisiológicas do ser humano, e o Criador, ao engendrar o equipamento orgânico, equipou-o com a propriedade de agasalhar o perispírito, que por sua vez reveste o espírito.

Até onde sabemos, uma das bênçãos que o sono proporciona é a de emancipar parcialmente a alma que, liberta dos liames da matéria, embora a ela ligada por um fio (cordão fluídico),

pode deslocar-se no plano espiritual, segundo seus interesses mais profundos.

Assim, quando dormimos, nossa alma, revestida do perispírito, afasta-se do corpo físico por períodos breves ou mais longos, afastamento esse que pode ocorrer de quatro formas.

1ª) Pelo sono fisiológico

É a forma mais rotineira das emancipações parciais da alma, eis que acontece naturalmente todas as noites quando adormecemos.

2ª) Pelo transe mediúnico

Na reunião mediúnica, quase sempre, mas também eventualmente fora dela, o perispírito do médium, em desdobramento parcial, afasta-se do envoltório físico com determinadas finalidades:

- a. Médium psicofônico: mantém-se próximo ao corpo físico, podendo permanecer consciente ou inconsciente; o espírito visitante, nesse momento, utiliza-se da voz do médium que, sendo equilibrado, filtrará o que vai ser pronunciado evitando impropriedades, além de ofertar razoável dose de equilíbrio ao comunicante quando esteja este atordoado pela dor ou pela revolta;
- b. Médium de transporte: amparado por espíritos protetores, desloca-se a locais distantes, nos quais há alguém necessitado (encarnado ou desencarnado); se encarnado, leva-lhe apoio fluídico energético coletado do grupo mediúnico; se desencarnado, guia-o ao local da reunião mediúnica, onde será atendido por um orientador por meio de diálogo fraternal, evangélico, ou então per-

manecerá por algum tempo no próprio centro espírita sob cuidados dos espíritos socorristas que, do plano espiritual, participam do referido grupo.

3ª) Transe magnético induzido

O hipnotismo é o processo pelo qual o espírito de um magnetizador exerce ação de comando sobre outro espírito, que a isso se presta, tornando-se-lhe obediente.

Magnetizador comum (encarnado): várias têm sido, ao longo dos tempos, as destinações de tais atividades:

- ☞ uma das primeiras, a de espetáculos públicos, irresponsável já na origem, não carece tomar nosso tempo, pois os objetivos são equivocados, somando-se o interesse financeiro do magnetizador e o ridículo a que é submetido o hipnotizado;
- ☞ magnetização também prejudicial é aquela em que o hipnotizador, consciente ou inconscientemente, encarnado ou desencarnado, exerce forte pressão mental sobre alguém, igualmente encarnado ou desencarnado, resultando disso a *obsessão*, aqui entendida como influência negativa que um espírito exerce sobre outro³⁶;
- ☞ num terceiro módulo, enquadramos a magnetização de magnetizador encarnado sobre paciente encarnado, objetivando auxílio daquele a este:
 - 1) por exemplo, quando um médico ou um dentista,

36. No livro *Nos domínios da mediunidade*, cap. 14, o autor espiritual, André Luiz, cita expressivo exemplo de como a obsessão pode ser mútua, entre encarnado (quando dormindo) e desencarnado. (N.A.)

37. Desses três casos fica para nossa reflexão que determinados impedimentos físicos, em algumas circunstâncias, não são do perispírito. (N.A.)

hoje sob o amparo legal, hipnotiza o paciente, provocando-lhe inteira insensibilidade à dor para poder realizar determinado procedimento que do contrário exigiria anestesia, sendo que o paciente ou se recusa (crianças rebeldes que não suportam receber injeção odontológica) ou é alérgico a anestésicos;

- 2) Gabriel Delanne, em *A evolução anímica*, cap. V, narra os extraordinários casos de três pessoas que, quando em vigília, surda uma, cega a outra e parálitica a terceira, ao serem hipnotizadas já em estado sonambúlico, a primeira ouvia, a segunda via até mesmo no escuro e a terceira corria e saltava com agilidade (!). Comenta Delanne: “o dr. Gibier, que teve a coragem de narrar casos como esses, pagou caro por isso, pois teve de exilar-se nos Estados Unidos, em face da intolerância de que se viu alvo”³⁷;
- 3) ação hipnótica de espírito protetor a encarnado sofredor, que é envolvido com fluidos calmantes, entrando em “hipnose profunda”, após o que é trazido um espírito ligado ao paciente, proporcionando-lhe salutar e feliz reencontro³⁸;
- 4) a hipnoterapia a serviço da cura de determinados vícios ou neuroses, criando no paciente reflexos condicionados que, mesmo na ausência do hipnotizador, funcionará como poderoso catalisador da vontade, levando-o a libertar-se da dependência

38. Vide exemplo em *No mundo maior*, do Espírito André Luiz, cap.13, “Psicose afetiva”. (N.A.)

39. O Espiritismo não endossa tal prática, eis que em *O Livro dos Espíritos*, questões 392 a 399, espíritos evoluídos nos instruem do quanto isso é contrário à sabedoria de Deus e dos “gravíssimos inconvenientes que teria o de nos lembrarmos das nossas individualidades anteriores; aduzem que, quando necessário, a providência divina revela algumas circunstâncias das vidas passadas, sempre com um fim útil”. (N.A.)

- ou do psiquismo anormal;
- 5) há ainda a chamada TVP (Terapia de Vidas Passadas), sem assento esta nos centros espíritas, mas utilizada por profissionais sérios, visando encontrar, eventualmente até no passado e em outras existências, a origem dos traumas atuais e com isso compreendê-los e solucioná-los³⁹.

4ª) Sonambulismo natural

É de ocorrência rara: desprende-se o espírito dos laços físicos e, na posse plena de si mesmo, sob ação da vontade, vai a planos físicos ou espirituais com plena consciência, ali agindo segundo suas tendências que podem ser tanto positivas quanto negativas. Nessa última hipótese, as conseqüências são as mais funestas àquele que se utilizar de tão sublime possibilidade para usufruto pessoal ou para atender a interesses escusos, seus ou de outrem. Desdobrado, o espírito atrairá a companhia de entidades sintonizadas com seu padrão moral; no caso de evidenciar o desejo de aprimorar-se ou de trabalhar em prol do próximo, terá amplas garantias de protetores; ao contrário, estará desguarnecido e vulnerável, posto que transitará em ambiente onde pululam miasmas espirituais e hordas de espíritos infelizes, não raro maldosos ao extremo.

ÊXTASE

Derivação do sonambulismo natural, há o *êxtase* – desdobra-

40. Esses “passeios” que o espírito realiza quando seu corpo permanece “dormindo”, na verdade nada mais representam do que divina bênção aos missionários que aportam no plano físico, e assim, rotineiramente, conseguem ir às regiões etéreas encontrar-se com seus amigos e mestres, haurindo forças para bem cumprir a tarefa a que se propuseram antes da reencarnação. Nada impede que espíritos outros usufruam dessa mesma bênção, desde que para isso obtenham mérito. (N.A.)

mento consciente, emancipação da alma no grau máximo –, próprio do espírito que consegue visitar regiões astrais mais elevadas, nas quais vivencia atividades de forma mais independente. De acordo com *O Livro dos Espíritos*, questão 440, nesses casos, o extático “vê mundos superiores e compreende a felicidade dos que os habitam, donde lhe nasce o desejo de lá permanecer”.

DESDOBRAMENTOS ESPIRITUAIS

Desdobrar, em sentido literal, é dividir. Sob múltiplas modalidades, o espírito se afasta do corpo físico e recupera sua parcial liberdade. Parcial porque, embora afastado, permanece ligado à matéria pelo cordão fluídico⁴⁰.

Eis como descrevem vários médiuns a experiência do desdobramento espiritual, quando ele ocorre de forma espontânea, mas consciente:

1. comumente acontece na hora de dormir, estando o corpo absolutamente relaxado;
2. de forma espontânea, mas consciente, o perispírito desliga-se vagarosamente do corpo físico;
3. a princípio o perispírito flutua sobre o corpo, a pequena distância, permanecendo na horizontal por alguns instantes e logo se verticalizando;
4. unindo o perispírito ao corpo, há o cordão prateado;
5. geralmente o perispírito deixa o aposento; contudo, antes de partir, fixa o olhar por momentos sobre o envoltório físico em repouso, como que num gesto de respeito e gratidão ao Criador, por tal faculdade;
6. o retorno nem sempre é consciente, pois a pessoa adormece e, ao acordar, poucas vezes se lembra da ação

41. 3ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1980, p. 230-231. (N.A.)

perispiritual;

7. a sensação de bem-estar é sempre um indicativo de que a motivação do desdobramento foi caridosa ou de aprendizado moral.

Temos, em *Metapsíquica humana*, de Ernesto Bozzano (1861–1943)⁴¹: “desdobramento: é ao mesmo tempo fluídico, sensorial e psíquico (bilocação), deslocando a personalidade consciente do sensitivo para o ‘corpo fluídico’, que então percebe, *a distância, o seu próprio corpo somático inanimado e sem vida*”.

Nenhum outro fenômeno espiritual se iguala ao desdobramento para provar que a pessoa tem um corpo físico e outro etéreo. No desdobramento, o espírito tem consciência integral da sua personalidade, mas nem sempre de que está agindo em outro plano, diferente do material.

Na grande maioria dos desdobramentos, após o retorno ao corpo físico, o espírito não se lembra de todas as suas ações quando desdobrado.

FINALIDADE

Bênção divina, para nossa evolução, pois, desdobrados, podemos exercer *tarefas socorristas*, participar de pesquisas e experiências, de exercícios de aprendizado, bem como realizar visitas àqueles que amamos, encarnados ou desencarnados, desta ou de outras encarnações!

Não obstante, porém, podemos também nos comprometer com ações promíscuas (com encarnados ou desencarnados)...

CARACTERÍSTICAS

Os desdobramentos variam de pessoa para pessoa, podendo

ser conscientes ou inconscientes. Podem ainda e também ser:

a. não-provocados

- ☞ espontâneos ou naturais;
- ☞ durante o sono: o mais singular, mais comum;
- ☞ durante a vigília: um leve torpor, sem perda total da consciência (às vezes isoladamente, mas quase sempre em grupos mediúnicos).

b. provocados

- ☞ pela própria pessoa (raríssima faculdade mediúnica, por isso os protetores espirituais alertam para o máximo de cautela, chegando mesmo a recomendar que desdobramentos *não sejam provocados*);
- ☞ por martirização física: faquires ou em seitas religiosas (ocultismo);
- ☞ ingestão de determinadas plantas ou cogumelos: feiticeiros, xamãs, pajés;
- ☞ grandes dores: afrouxam os laços que ligam o perispírito ao corpo físico;
- ☞ pacientes terminais: moribundos têm estágios duplos, simultâneos, narrando para parentes visões do plano espiritual;
- ☞ graves choques psíquicos: promovem deslocamentos súbitos do perispírito;
- ☞ tóxicos: rompem o equilíbrio da união corpo físico/duplo etérico;
- ☞ anestesia: desloca o perispírito por determinado período;
- ☞ hipnose: provoca saída do perispírito que, às vezes, vai a grandes distâncias ou locais determinados pelo hipnotizador;

☞ psicofonia/psicografia: perispírito se mantém ao lado.

DESDOBRAMENTOS MEDIÚNICOS

Além das modalidades provocadas, de iniciativa do próprio encarnado, há o caso de desdobramento sob ação de espíritos desencarnados, normalmente em reuniões mediúnicas:

- a. se *protetores*, visam sempre a tarefas caridosas (auxílio a desencarnados, geralmente em labores desobsessivos);
- b. se *obsessores*, utilizam a hipnose, fazendo o médium dormir, objetivando impedi-lo de participar das atividades mediúnicas.

RECOMENDAÇÃO IMPORTANTÍSSIMA

Nunca será demais o conselho de médiuns experientes, a fim de jamais forçar o desdobramento. Isso porque, quando em projeção espiritual, o encarnado pode sofrer ataques de espíritos infelizes. Se estiver sem proteção, as conseqüências poderão ser graves. Gravíssimas!

Quais conseqüências graves seriam essas?

Será sempre oportuno lembrar a descrição feita pelo Espírito André Luiz, em *Mecanismos da mediunidade*, cap. 11 (“Desdobramento em serviço”): o médium, em desdobramento espiritual promovido por dois benfeitores espirituais, mesmo por eles protegido, sentiu muito medo. Se não fossem as preces do grupo mediúnico ao qual estava ligado, não poderia empreender a tarefa socorrista.

42. 10ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1984. (N.A.)

43. Neologismo criado em 1981 pelo médico dr. Waldo Vieira. (N.A.)

Nas considerações a respeito, de Martins Peralva, em *Estudando a mediunidade*⁴², cap. XV, há nas zonas próximas à Terra “uma barreira de trevas” a ser rompida, impregnada de substância mental (*piche aerificado*), projetada pelas inteligências encarnadas...

Na “*Projeciologia*”⁴³, os fenômenos mediúnicos de desdobramento ganharam rótulo e *status* científico:

- ☞ nomenclatura técnica
- ☞ neologismos abundantes
- ☞ descrições analíticas
- ☞ apurada pedagogia expositiva

Correspondência de palavras (Projeciologia – Espiritismo):

- ☞ projeção = desdobramento
- ☞ projetor = médium que se desdobra
- ☞ consciência = espírito
- ☞ extrafísico = condensação/organização diferente da material
- ☞ projecionato = mediunato socorrista
- ☞ amparador = protetor espiritual⁴⁴

44. Em linhas gerais, o que propõe o dr. Waldo Vieira em sua alentada obra *Projeciologia*, de 1986, não difere substancialmente daquilo que Allan Kardec consignou a respeito, na codificação do Espiritismo, particularmente ao tratar da emancipação parcial da alma. (N.A.)

Sonhos que Fizeram a História

5



Deus – a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas (O Livro dos Espíritos, questão 1) – sempre foi reverenciado pelo ser humano.

De uma forma simplista e com comovente ingenuidade, os povos antigos julgavam que Deus, quando “queria” ou “precisava” dialogar amigavelmente com os jungidos pela Sua bênção, fazia-o por meio dos sonhos, diretamente. Ao contrário de quando ficava “nervoso” e então incumbia os raios, tempestades, chuvas e outros fenômenos naturais de conduzir a advertência-punição.

O destino das pessoas e das tribos, dessa forma, era ditado pelos sonhos de alguém que, por motivos vários, era tido como o líder, isto é, o “escolhido de Deus”. Esse líder era o intérprete oficial dos sonhos. Sua interpretação era definitiva. E nisso não cabia discussão.

No somatório dos milênios, nos quais conceitos e preconceitos mobiliaram a civilização, estruturaram-se as normas de vida, verdadeiras “constituições nacionais”, de povos e sociedades inteiras.

E, sem dúvida alguma, as primeiras dessas constituições foram aquelas em que preponderou o elemento sobrenatural (fenômenos não explicados, geralmente, mediúnicos...).

Surgiram assim as religiões.

No âmago de todas, o *subject* (tema, motivo) quase sempre era o respeito tributado ao desconhecido, configurado por ofertas, veículos do escambo pela paz, na forma de sacrifícios de gente, animais, conforto e bens, navegando ao sabor do terrível binômio superstição–medo, cuja intensidade, apesar de variar de povo para povo, não se reduzia.

Deus – no caso, o desconhecido – se desdobrou na imaginação e no culto daqueles povos primitivos, mas desde então já tementes aos poderes superiores (literalmente, olhavam para os céus, intuindo que de lá de cima vinham tais manifestações, as naturais e as sobrenaturais).

Não tardou e cada fenômeno passou a ter um deus por trás dele. No Egito antigo, pasmem, até os animais passaram a representar deuses...

INFLUÊNCIA DOS SONHOS NAS RELIGIÕES

Observando o *Antigo Testamento* podemos deduzir, pelo desfile de sonhos dos profetas, que só a partir de Moisés o politeísmo perdeu terreno para o monoteísmo, quando ele desceu do Monte Sinai trazendo o decreto divino para os hebreus, segundo o qual só um Deus deveria ser reverenciado⁴⁵.

a. Judaísmo (Antigo Testamento)

Para não nos alongarmos, relembremos que a história judaica, uma das mais transcendentais do planeta, iniciou-se pelo sonho do patriarca Jacó. Com efeito, ele sonhou que havia uma escada

45. Hoje, sabemos, tal era a preparação para a vinda de Jesus, iluminando a mente humana, insculpindo nela o “retrato mental” do Pai, Criador supremo, único, infinito, justiça, bondade e Perfeição absolutas. (N.A.)

posta na Terra cujo topo tocava o céu, pela qual anjos de Deus subiam e desciam. Viu Jeová que lhe disse que dele seria aquela terra (Gênesis 28:12-17).

Por esse sonho, cujos efeitos ainda vigoram atualmente (!), os judeus, em guerra, não abdicam de tal promessa ancestral.

O nome *Israel*, dado a Jacó nos escritos proféticos, é a designação étnica do povo de Israel⁴⁶.

Outros sonhos narrados no *Antigo Testamento* influenciaram decisivamente o destino do povo judeu:

JOSÉ

José, filho caçula de Jacó, talvez seja o personagem histórico mais famoso na interpretação de sonhos – próprios e dos outros.

- ☞ seu primeiro sonho: estava nos campos de trigo, trabalhando com os irmãos, quando de repente seu feixe se ergueu e os feixes dos seus irmãos se abaixaram diante do seu;
- ☞ seu segundo sonho: o Sol, a Lua e 11 estrelas se curvaram diante dele;

O pai (Jacó) e os 11 irmãos censuraram tanta arrogância, dizendo-lhe: “iremos eu, tua mãe e teus irmãos nos inclinar diante de ti?” (Gênesis 37:5-10)

- ☞ depois, tendo José sido vendido pelos irmãos aos egípcios, como escravo, por sua inteligência e boa conduta tornou-se intendente. Rejeitando o assédio sexual da mulher de

46. Israel é palavra hebraica que significa “que Deus reine”. Na Bíblia designa: 1. Jacó; 2. As tribos que trazem os nomes dos filhos de Jacó e que constituem o povo judeu; 3. O território desse mesmo povo; 4. O povo de Deus da Antiga e da Nova Aliança. (N.A.)

Putifar, para quem trabalhava, foi mandado para a prisão. Lá, interpretou dois sonhos para companheiros, um dos quais o assistente do faraó e o outro, o padeiro do faraó (Gênesis 40:9-23).

- ☞ quando o faraó teve sonhos que nenhum sacerdote-mago conseguiu interpretar, ficou sabendo que José tinha tal dom; convocou-o e relatou-lhe os sonhos: sete vacas gordas pastavam às margens do Rio Nilo e logo surgiram sete vacas magras que as comeram; depois, em um outro sonho, viu uma haste com sete espigas boas e logo surgiram sete espigas murchas, mirradas, que tragaram as boas.
- ☞ José, naturalmente inspirado e intuído por espíritos amigos, guardiães do povo egípcio, assim interpretou: *“os dois sonhos são um só e são uma comunicação do Deus verdadeiro. As vacas boas e as espigas cheias são sete anos bons e as sete vacas descarnadas e as sete espigas murchas, sete anos de fome.”* (Gênesis 41:15-30; 47-49; 54)

Tais predições se concretizaram.

Alertado, o faraó armazenou as abundantes colheitas dos sete anos seguintes, pelo que todo povo egípcio e mesmo outros povos vizinhos puderam se suprir de alimentos nos outros sete anos de penúria agrícola.

José, ele próprio, foi designado o superintendente de todas as safras agrícolas. Quanto à sua família, foi mesmo ao Egito em busca de alimento e realmente se curvou diante dele, então alto dignitário da corte do faraó, promovido que fora por tão extraordinária qualidade – interpretador fiel de sonhos.

GIDEÃO

Filho de Joás (12º rei de Israel, de 798 a 783 a.C.), encarre-

gado por um anjo de Jeová de salvar Israel, ajudando-o a selecionar 300 soldados voluntários para dar combate a Midiã, o inimigo invasor. Aproximando-se do acampamento inimigo, ouviu um dos soldados de Midiã narrar que sonhara que um bolo redondo, de pão de cevada, rolava para dentro do seu acampamento, ferindo-os. Um companheiro desse inimigo, que ouviu o sonho, interpretou-o dizendo que assim seria, pois que seriam aniquilados pela espada de Gideão (o pão de cevada representava a profissão de Gideão, moleiro) (Juízes 6:11; 7:13-22).

Aquele anônimo intérprete de sonhos acertou...

NABUCODONOSOR II (605–562 A.C.)

Teve sonhos e passou a ter sono perturbado, por isso convocou os sacerdotes-magos para os decifrar. Não contou quais os sonhos, pondo em prova o poder deles. Como os sacerdotes-magos não souberam dizer quais tinham sido os sonhos, receberam sentença de morte. Daniel foi convocado e contou sobre um sonho: “Uma grande estátua, feita de diversos metais, despedaçada por uma pedra caída sobre ela sem intervenção de ninguém. A cabeça da estátua, de ouro, seria o próprio rei. As outras partes, peito e braços de prata, ventre e coxas de bronze, pernas de ferro e argila modelada, teus reinos inferiores. A estátua, despedaçada, foi dissolvida pelo vento. A pedra simbolizava a lei de Deus (ou o Reino de Deus), que seria implacável caso não houvesse mudança de vida”.

Um outro sonho do rei, oculto aos sacerdotes, mas revelado apenas a Daniel: uma árvore alta no centro da Terra, com ninhos em seus frondosos galhos e outros animais ao seu abrigo, deveria ser derrubada. Daniel interpretou: a árvore era o próprio rei, que seria expulso da sua realeza, indo para os campos conviver com animais, até que removesse seus pecados e fosse bom.

Nabucodonosor desobedeceu, entrou em loucura, foi para o campo, onde viveu algum tempo, depois se arrependeu e passou

a louvar a Deus (Daniel 2:1-9; 29-45; e 4: 10-17; 22-26; 32-37).

b. Cristianismo (Novo Testamento)

Não fossem os sonhos talvez a história mundial fosse outra.

Na Galiléia, um casal humilde teve a suprema graça de ser informado que teria um filho: Jesus!

As circunstâncias nas quais Jesus foi gerado, segundo o relato bíblico, são extraordinárias, pois a concepção de Maria, sua mãe, passou à história como sendo efetuada no céu (pelo Espírito Santo) e não na Terra (relação conjugal com José, o marido) (Mateus 1:20-21).

José teve os seguintes sonhos:

- 1) O anjo do Senhor anuncia-lhe a gravidez da esposa, Maria, acrescentando que a criança deverá chamar-se Jesus e que será o salvador do povo, redimindo seus pecados (Mateus 1:20-21);
- 2) É avisado que deve fugir para o Egito, com a esposa e seu filho, sob ameaça de morte por parte do rei Herodes (Mateus 2:13);
- 3) Morto Herodes, o anjo volta a informar isso, ainda e sempre por meio de sonho, declarando que poderia voltar com a esposa e o filho em segurança (Mateus 2:20).

Dessa forma, José, Maria e o filho retornaram à terra de Israel, onde Jesus viveu até a crucificação, agindo com tanta sabedoria, amor e caridade que dividiu a história em duas partes: “antes de Cristo” (a.C.) e “depois de Cristo” (d.C.).

Cabe inquirir se na ausência dos três sonhos citados as coisas teriam se passado como se passaram, isto é, como o planeta Terra teria recebido a dádiva da eterna luz a brilhar sobre as almas: o Evangelho de Jesus!

Outro sonho marcaria indelevelmente aquele que talvez seja o mais triste episódio terreno, a crucificação de Jesus:

“(...) horas antes, a mulher de Pilatos, que por sua nacionalidade nada tinha a ver com o povo judeu, sonhou que Jesus, submetido a julgamento, era justo, e por isso recomendou ao seu marido que não o perseguisse.” (Mateus 27:19)

Talvez a covardia de Pilatos (que lavou as mãos, isto é, não se envolveu, em omissão) tenha decorrido desse sonho.

c. Islamismo (Alcorão)

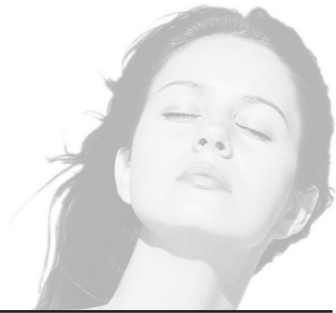
O profeta Maomé (570–632 d.C.), por volta do ano de 610, quando estava em meditações solitárias numa caverna do Monte Hira, em sonhos, teria ouvido a palavra de Deus, transmitida pela voz do arcanjo Gabriel. A seguir, transcreveu-a no livro sagrado *Alcorão*, fundando o Islamismo.

O Islamismo proclamou a independência religiosa por uma nova fé: a lei corânica, substituta das religiões monoteístas até então reveladas (o Judaísmo e o Cristianismo). Meca substituiu Jerusalém, passando aquela a ser favorecida pelas preces dos adeptos do islã (do árabe, *islam*: obediência a Deus; religião e civilização dos muçulmanos; o mundo muçulmano).

O *Alcorão* é hoje a “constituição” de aproximadamente um bilhão de muçulmanos.

6

Sonhadores Famosos⁴⁷



MARK TWAIN (1835–1910)

Seu nome verdadeiro era Samuel Langhorne Clemens.

Escritor norte-americano, mundialmente famoso (*As aventuras de Tom Sawyer, O príncipe e o mendigo, Vida no Mississíppi* e outras obras consagradas da literatura mundial), trabalhou algum tempo como timoneiro do barco Pensilvânia. Àquela época sonhou com um cadáver num esquife de metal, vestido com um terno seu, tendo um ramo de flores com uma rosa vermelha sobre o peito. O morto era seu irmão, Henry. Despertou sobressaltado. Mas não deu importância ao sonho e logo o esqueceu.

47. Parte das referências deste capítulo foram extraídas do livro *Gênios ou ingênuos*, de Aloysio Alfredo Silva, edição do Instituto Maria, Juiz de Fora, 1ª ed., 1982. Aloysio desencarnou em maio de 1998. Três dias antes, conversando com ele, pedi-lhe autorização para utilizar algumas notas do seu meticuloso trabalho de pesquisa sobre as personalidades que aqui citaria; comovido, Aloysio não só concedeu referida autorização (tenho-a por escrito), como, ainda, num gesto de humildade, agradeceu-me, dizendo que “seu livrinho seria promovido...”. *Obrigado, Aloysio!* (N.A.)

Na realidade, tempos depois, houve um acidente e Henry faleceu, tendo sido o único dentre as vítimas que recebeu um esquite de metal, sendo vestido com um terno do irmão. Uma senhora piedosa colocou sobre o peito do defunto um ramo de flores e uma rosa vermelha. Quando chegou, Mark Twain lembrou-se imediatamente do sonho.

SCHOPENHAUER (1788–1860)

Arthur Schopenhauer, sábio alemão, filósofo, deixou cair tinta em uma folha de papel, manchando a mesa e o chão. Convocou a empregada doméstica para a limpeza e foi surpreendido pela narração dela de que na noite anterior havia sonhado que estava limpando tinta da mesa e do chão do patrão. O sábio duvidou e a doméstica informou que, inclusive, havia contado o sonho para uma colega. Esta, chamada pelo patrão, sem saber do diálogo de ambos, confirmou o sonho da colega.

A partir daí o famoso filósofo dedicou-se com afinco à interpretação dos sonhos premonitórios, observando que, quase sempre, referem-se a doenças e acidentes fatais, com explosões, naufrágios e morte em geral.

WILLIAM YEATS (1865–1939)

William Butler Yeats, grande poeta, dramaturgo e ensaísta inglês, embora de origem irlandesa, Prêmio Nobel de Literatura (1923), foi também político – nomeado um dos primeiros senadores do Estado Livre da Irlanda (1922). O sobrenatural preenchia muitas das páginas literárias de Yeats.

Casou-se em 1917 com uma médium, que lhe fez várias revelações por ele tornadas públicas.

Convenceu sua mulher a dedicar uma ou duas horas, dia a dia, para captar as mensagens mediúnicas, passando a receber metáforas para a sua poesia.

Ainda criança, sonhou que o barco em que estava seu avô havia batido em outro vapor e afundou. No dia seguinte, seu avô visitou-o, chegando a cavalo. Narrou que o barco em que vinha afundara, levando à morte oito passageiros. Yeats, jovem, passou a realizar pesquisas psíquicas. Em Londres, entrou para o círculo da famosa madame Helena Blavatsky, carismática fundadora do movimento teosofista. Estudou outras correntes do pensamento esotérico, dedicando-se à telepatia em particular. Realizando várias experiências telepáticas com seu tio, notou que uma empregada, possuidora de faculdades mediúnicas, captava em sonhos os pensamentos de ambos.

Yeats certa vez sonhou com dois cachorros, de corpo longo, um branco e outro negro. Verificou tempos depois que tal dupla de animais realmente existia, mas numa “lenda camponesa”.

Opinou que “nas visões da verdade, jacentes nas profundezas da mente quando os olhos estão fechados (...) muitas mentes podem derramar-se dentro de uma outra (...) e criar ou revelar uma única mente, uma única energia (...) e que as fronteiras de nossas memórias se deslocam e que nossas memórias são parte de uma grande memória, a memória da própria natureza”.

Salvo melhor juízo, eis aí, em sentido poético, definições espíritas sobre mediunidade e sonhos, muitos deles indecifrados:

- ☞ *mente derramando-se dentro de outra, criando e revelando uma única mente* – fragmentos de vidas passadas;
- ☞ *nossas memórias se deslocam e são parte de uma grande memória, a memória da própria natureza* – o arquivo espiritual de cada homem, repositório de todos os acontecimentos desde sua criação.

ABRAHAM LINCOLN (1809–1865)

Notável político norte-americano, assassinado em 14 de abril de 1865, cinco dias após ser reeleito presidente dos Estados Unidos.

Lincoln interessava-se pelos fenômenos mediúnicos, deles participando em repetidas ocasiões.

Em 1891, em Filadélfia, a sra. Nettie Maynard, no livro de sua autoria *Was Abraham Lincoln a Spiritualist?* (Seria Abraham Lincoln um espiritualista?), faz várias narrativas em torno das diversas experiências mediúnicas por ela realizadas na Casa Branca, com participação do presidente dos Estados Unidos.

Ward H. Lamon, amigo de Lincoln a ponto de participar de sua intimidade, escreveu em 1872 *Life of Abraham Lincoln* (Vida de Abraham Lincoln), em Boston, e em 1895, *Recollections of Abraham Lincoln* (Reminiscências de Abraham Lincoln), em Chicago. Nessa última obra estão as proféticas palavras do presidente:

Há três dias cochilei e logo comecei a sonhar. No ar havia quietude. Logo ouvi soluços abafados de muitas pessoas. Deixei meu leito e desci ao andar inferior, mas não encontrei ninguém. Atormentado por não ver quem chorava, cheguei à Sala Leste, onde entrei. Ali estava um catafalco⁴⁸, sobre o qual repousava um cadáver embrulhado em vestes mortuárias. Ao redor, postavam-se soldados, fazendo o papel de guardas. Havia uma multidão de pessoas, algumas olhando tristemente para o cadáver, cuja face estava coberta. Havia choros lastimosos.

– Quem está morto na Casa Branca? – perguntei aos soldados.

– O presidente – foi a resposta –, ele foi morto por um assassino.

48. Catafalco: estrado alto sobre o qual se coloca o caixão. (N.E.)

Então partiu, da multidão, uma ruidosa explosão de dor, que me acordou do meu sonho. Não dormi mais naquele noite e, embora isso tenha sido apenas um sonho, desde então tenho andado estranhamente incomodado com ele”⁴⁹.

CHARLES DICKENS (1812–1870)

Extraordinário escritor inglês, criador de obras originalíssimas, tais como *Oliver Twist*, *David Copperfield*, *Contos de Natal* e tantas outras não menos famosas. Viveu numa época em que o mundo todo estava em grande agitação pela ocorrência de fenômenos mediúnicos: mesas girantes, sons de pancadas na madeira, materializações de espíritos, levitações etc.

Embora contrário a tais fatos, nem por isso pôde impedir que acontecessem com ele próprio: perdendo o pai em condições constrangedoras (cirurgia renal sem clorofórmio), certa feita, ao acordar após tranqüilo sono, viu-o sentado na cama. Narrou: “Como ele não se movia, fiquei alarmado e coloquei minha mão sobre o seu ombro, conforme pensei; e ali não havia... nenhum ombro”. Tivera uma vidência (faculdade mediúnica).

Em sonho, viu uma senhora usando um xale vermelho e com as costas voltadas para ele. Quando ela se virou, percebeu que não a conhecia. Disse-lhe: “Sou a srta. Napier”. Ao acordar, ficou intrigado com tão nítido sonho, até porque jamais ouvira falar em

49. A *Revista Espírita Allan Kardec*, ano I, nº 4, março/1989, de Goiânia, publica matéria extraída do *Banner of Light*, de Boston, Estados Unidos, versando sobre análise de uma comunicação mediúnica de Abraham Lincoln, pelo médium de Ravenswood. Nesse artigo consta que o Espírito Abraham Lincoln, logo após chegar ao plano espiritual, compreendeu sua situação, sendo recebido por muitos amigos. Sua angústia por ter deixado a família atraiu-o ao plano terreno, onde foi visitar seu algoz, William Booth, mortalmente ferido, que logo desencarnou; porém, em vez de demonstrar arrependimento, mantinha a mesma postura agressiva. (N.A.)

nenhuma srta. Napier. À noite, estando em sua sala particular, em leitura, nela entraram seu irmão, uma senhora e a dama de xale vermelho que lhe foi apresentada: esta é a srta. Napier.

RUDYARD KIPLING (1865–1936)

Joseph Rudyard Kipling, escritor naturalizado inglês, nascido em Bombaim, foi criado em Londres e retornou à Índia aos 17 anos.

Em 1907 foi laureado com o Prêmio Nobel de Literatura.

Em sua obra *Something of myself* (Estudo de mim mesmo), descreve um sonho premonitório que teve: estava ele numa cerimônia na Abadia de Westminster, na qual nem sequer pensara. Seis semanas depois o cerimonial realizou-se tal como havia sonhado.

Intrigado, perguntava-se: “Como e por que uma parte inédita do filme da minha vida me foi revelada?”

Os sonhos que acima foram narrados põem em evidência, sem a menor possibilidade de contrafação, que a premonição é uma realidade não rotineira, mas também não tão rara, quase sempre manifestada por meio de sonhos.

SONHOS TRAZENDO INTUIÇÃO/INSPIRAÇÃO

Vejamos agora outros exemplos marcantes de sonhos: uma pessoa vai dormir com um problema e acorda com a solução (intuição).

É o caso de autores célebres que se detêm em determinada parte de uma obra literária ou musical. E conseguem completá-la em sonhos.⁵⁰

50. Pequena resenha (algumas das citações) extraída do *livro-clipping. O poder dos sonhos*. São Paulo: Martin Claret, 1995. (N.A.)

Existem várias citações sobre esses vultos célebres (geralmente escritores, músicos e pesquisadores consagrados), que adormeceram com uma questão não resolvida e que, por meio de sonhos, lograram o êxito que a história consagrou.

Tais fatos são de difícil comprovação, mas, se isso ocorresse, a questão da autoria teria de ser repensada...

Conquanto esteja provado pela ciência que durante toda a vida o cérebro não cessa jamais suas atividades, é de se perguntar: Se ao dormir há um problema, como é que um sonho pode resolvê-lo, se o cérebro que não o resolvera na vigília é o mesmo?

Mais uma vez o Espiritismo presta valiosa informação a um tema ingrato, esclarecendo-o: quando o espírito, pelo sono, está parcialmente emancipado do corpo físico e tem um objetivo definido, atrai para si outros espíritos afinados com o mesmo propósito; juntos, trocam informações, vindo a prosperar a resposta. Em outros casos, pode acontecer que da solução do problema vá resultar um bem coletivo e, aí, um espírito elevado proporciona a resposta.

Como exemplos de um e de outro caso, vamos listar alguns desses chamados “sonhos inspirativos”, ou “sonhos intuitivos”, ressaltando, ainda uma vez, que sua autenticidade fica por conta dos respectivos biógrafos ou dos historiadores:

- ☞ **Homero** (séc. nono a.C.), poeta épico grego, teria usado tais sonhos para escrever a *Ilíada*;
- ☞ **Giuseppe Tartini** (1692–1770), violinista e compositor italiano, procurou – e não conseguiu – terminar uma sonata. Indo dormir, teria sonhado com alguém executando ao violino “a tão almejada sonata, com um encanto inexprimível de execução”; ao acordar, escreveu de memória a peça musical que tanto buscava;

- ☞ **Voltaire** (1694–1778), escritor francês, teria composto, em sonho, um canto completo da sua *Henriade*, diversamente do que havia escrito quando na vigília;
- ☞ **Étienne Bonnot de Condillac** (1714–1780), filósofo francês, quando redigia seu curso de estudos, por várias vezes adormeceu sem concluir o trabalho; ao acordar, teria freqüentemente o encontrado pronto na mente;
- ☞ **Georg Friedrich Haendel** (1726–1759), compositor alemão, teria recebido em sonho a melodia para o último movimento de seu oratório *Messias*;
- ☞ **Wolfgang Amadeus Mozart** (1756–1791), compositor austríaco, inspirava-se quando em estado de semi-inconsciência;
- ☞ **Isaac Merrit Singer** (1811–1875), trabalhando incessantemente, não conseguiu alcançar seu objetivo, que era o de construir uma máquina que possibilitasse a costura mecânica. Certa noite, teria sonhado com uma falange de cavaleiros vestindo cotas de malha. Cada cavaleiro carregava uma comprida e afiada lança que descansava no estribo. Na ponta de cada lança havia um buraco. Até então, Singer tentara aperfeiçoar uma agulha com o orifício na base, porém o sonho indicou-lhe seu erro;
- ☞ **Robert Louis Balfour Stevenson** (1850–1894), escritor escocês, teria admitido que uma de suas melhores obras (seria *A ilha do tesouro* ou *O estranho caso do dr. Jekyll e do sr. Hyde?*) foi fruto de um sonho, que lhe apresentou a trama pronta.
- ☞ **George Bernard Shaw** (1856–1950), escritor irlandês, teria obtido inspiração, em sonhos, para o terceiro ato de *Homem e super-homem*;
- ☞ **Niels Bohr** (1885–1962), notável físico dinamarquês, Prêmio Nobel de Física de 1922, participante do pro-

jeto da primeira bomba atômica que os Estados Unidos lançaram sobre o Japão (Segunda Guerra Mundial), teria sonhado com o sistema planetário e foi assim que veio a descobrir que o núcleo do átomo era contornado por elétrons circulantes, de maneira similar à dos planetas orbitando ao redor do Sol;

Até aqui, só mencionamos homens célebres estrangeiros. Falemos de um ilustre brasileiro:

JOÃO GUIMARÃES ROSA (1908-1967)

Médico, diplomata, escritor laureado internacionalmente, ele disse: “Tenho de segredar que – embora por formação ou índole oponha escrúpulo crítico a fenômenos paranormais e em princípio rechace a experimentação metapsíquica – minha vida sempre e cedo se teceu de sutil gênero de fatos. Sonhos premonitórios, telepatia, intuições, séries encadeadas fortuitas, toda sorte de avisos e pressentimentos. Dadas vezes, a chance de topar, sem busca, com pessoas, coisas e informações urgentemente necessárias”.

Vejamos outras palavras suas: “(...) Talvez seja correto eu confessar como tem sido que as ‘estórias que apanho diferem entre si no modo de surgir. À *Buriti (Noites do sertão)*, por exemplo, *quase inteira* (destaque nosso) assisti, em 1948, num sonho duas noites repetidos; ‘Conversa de Bois’ (*Sagarana*), recebi-a, em amanhecer de sábado, substituindo-se a penosa versão diversa, apenas também sobre viagem de carro-de-bois e que eu considerava como definitiva ao ir dormir na sexta”.

ADORMECER PARA DIAGNOSTICAR...

Edgar Cayce (1877–1945), “o profeta adormecido”, era norte-americano, filho de um agricultor e detinha pouquíssima cultura.

Adoecendo da garganta ainda criança, sua voz ficou reduzida a quase inaudíveis murmúrios. Hipnotizado, recebeu a própria cura e daí em diante passou a falar firmemente, curando-se em definitivo. Entusiasmou-se por tal maravilhoso tratamento e desenvolveu-o, passando a empregá-lo no auxílio a pessoas com problemas.

Nessa fase, adormecia sobre os livros e da noite para o dia absorvia todo o ensinamento que continham. Acordando, com facilidade repetia tudo o que tinha captado!

Desde então, passou a experimentar transe profundos (adormecendo), quando então prescrevia remédios para doentes e apontava soluções para os problemas das pessoas que o procuravam. O mais extraordinário era que com apenas o nome da pessoa e o local geográfico em que residia, em qualquer parte do mundo, diagnosticava com acerto e detalhes qual a condição dela.

Quando estava em transe fazia várias previsões e, por isso, passou a ser cognominado por uns de “o profeta sonâmbulo” e por outros de “o profeta adormecido”.

Sua aparente capacidade de transcender à normalidade constituiu-se no fato de que, quando adormecia (ficava em “transe” segundo comentaristas da época), falava sobre coisas que nem sequer conhecia. E, mais que isso, identificava o que estava escrito em algum livro ou folha de papel sem sequer olhar um ou outro.

“Adormecia” duas vezes por dia, ao longo de 22 anos!

Sempre ajudando pessoas. Milhares de pessoas!

Desenvolveu o que chamava de “leitura de vida”, isto é, pesquisava as vidas passadas das pessoas, sendo, pois, entusiasmado defensor da reencarnação.

Mais de cem livros foram escritos a respeito de Cayce, cujas vendas alcançaram, no total, cerca de 12 milhões de exemplares.

PROFECIAS

Por séculos, muitos foram os intérpretes de sonhos que atribuíam o dom da profecia a sonhadores especiais – os detentores desse “dom”.

A *Bíblia*, em particular, foi expressivo aval desse pensamento, eis que são inúmeros os sonhos proféticos bíblicos, como vimos linhas atrás.

O que deve ser levado em conta num sonho profético é que ele envolve povos inteiros, e não apenas uma pessoa ou só um grupo familiar. Nos tempos modernos, temos como exemplo o sonho de Jung (Carl Gustav Jung, de quem falaremos adiante), em outubro de 1913: após ter tido uma visão de uma onda enorme a cobrir todos os países da planície setentrional da Europa estendendo-se da Rússia à Inglaterra, sonhou com a mesma visão. No início de 1914, viu-se ainda acometido por sonhos, nos quais toda a Europa estava envolvida por um frio cósmico.

No início de agosto daquele ano, eclodiu a Primeira Guerra Mundial...

Jung, sem dificuldade, assimilou que havia tido sonhos proféticos, nos quais fora avisado da grande guerra.

O “fim do mundo”, desde as mais remotas eras, vem sendo sempre repetitivo tema de sonhos proféticos, mas que se mostraram falsos... pelo menos até aqui (se você está lendo este livro é porque o mundo não acabou).

PREMONIÇÕES

Cientificamente, há uma evidência racional que explica muitos dos chamados “sonhos premonitórios”: é que o ser humano, em essência, passa a vida pensando no futuro – seja daqui a um

minuto, uma hora, amanhã, o mês que vem, na aposentadoria. Alguns até pensam na morte...

Na antecipação do que pode nos acontecer, levamos em conta as variáveis que a mente engendra, provenientes naturalmente daquilo que é nosso patrimônio vivencial.

Qual seria esse patrimônio?

Bombardeados pela mídia, atualmente com maioria de notícias ruins (crimes, desastres, catástrofes, falências etc.), nosso cérebro codifica tais fatos de maneira pessoal, em razão das circunstâncias, e mobilia-nos a memória com esquemas psíquicos acabados resultantes do nosso modo de pensar.

Armazenados, tais esquemas permanecem à disposição da mente e não é muito difícil acoplá-los a determinados fatos da vigília, muitos deles despercebidos ao consciente, mas inescapáveis ao inconsciente.

Vamos exemplificar:

Um inglês assiste à televisão e toma conhecimento de um desastre ferroviário nos Estados Unidos. Não tendo parentes por lá, a notícia desaparece da memória (consciente) instantes após. Dali a três anos um familiar vai viajar aos Estados Unidos e o que fica sonha que acontece um acidente aéreo com o que viaja. Que acontece???

Premonição?

Nem sempre...

No caso, ninguém poderá afirmar com certeza que houve premonição, pois *nós sabemos* que a notícia de três anos atrás pode ter ficado incubada na mente do parente que ficou, e agora a viagem detonou o sonho.

Além do mais, há pesquisas científicas sobre sonhos:

☞ na Grã-Bretanha foi demonstrado que seus 58 milhões de habitantes têm em média vários sonhos por noite: sete, às

vezes até dez sonhos; teremos, assim, aproximadamente 400 milhões de sonhos por noite;

- ☞ nos Estados Unidos estima-se a população em 250 milhões de pessoas também com a alta média de até sete sonhos por noite, o que equivale a 1 bilhão e 750 milhões de sonhos por noite;
- ☞ se somados, já teremos agora 2,15 bilhões de sonhos por noite.

Isso apenas nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha.

Conclui-se, matematicamente, ser provável que várias outras pessoas tenham sonhado com aquele desastre. A maioria, se não todas, de alguma forma envolvida com a viagem (tripulação, passageiros e familiares), pode ter tido tão-somente *sonhos reflexivos* do oculto temor a desastres.

AVISOS

Óbvio que existem, sim, sonhos que efetivamente antecipam fatos. Muitos deles foram celebrizados pela fidelidade com que se confirmaram. Com certeza aqui estaremos sempre diante de auxílio espiritual.

Vamos relacionar um deles no qual a “associação de idéias” ficou afastada em definitivo. A narração é de Mark Thurston, no já citado livro *O poder dos sonhos*:

☞ Certa madrugada, um policial acordou coberto de suor, coração batendo descompassado, pois tivera um sonho aterrador: sonhou que em patrulha com um colega, num bairro onde havia muita violência, receberam um chamado de roubo; logo identificaram a casa, com aparência de abandono; adentraram, em cautela máxima. Tentava encontrar o interruptor para

acender a luz quando alguém, atrás dele, deu passos em sua direção; ao se voltar para identificar quem era, foi atingido por rude golpe na cabeça e ombro, passando a perder sangue em abundância; aí, acordou; em pânico. O sonho assustador só foi esquecido depois de várias semanas, com longas noites de intranqüilidade, e pelos afazeres da rotina diária. Certa noite foi mandado para investigar algo num endereço, uma casa que estava às escuras e com a porta aberta: adentrou, com seu colega, dizendo em voz alta que era da Polícia; ia à frente quando instantaneamente lembrou-se do sonho: ato contínuo, por puro reflexo, pulou para o lado, em resposta automática à intensa lembrança do ataque; alguma coisa passou raspando seu corpo e chocou-se contra o chão: era um homem que tentara golpeá-lo com um machado, ataque que seria mortal, caso não se esquivasse. O atacante foi facilmente dominado e preso.”

O sonho do policial salvara-lhe a vida!

Num outro exemplo, também interessante, vemos como um sonho traz por antecipação um diagnóstico médico ao sonhador, que desconhecia a doença, da qual não sentia nenhum sintoma.

Uma jovem sonhou que seu peito sofria forte pressão. Não deu importância ao sonho, mas como ele se repetiu, por precaução resolveu procurar o médico. Nada foi encontrado no coração. Aí, a jovem sonhou que o motor do seu carro, mesmo com a chave desligada, não parava de funcionar. Estava atrapalhada quando apareceu um homem que, dizendo-se mecânico, abriu o capô do carro, retirou o filtro de ar e limpou-o. Filtro limpo, o motor passou a ligar e a desligar sob seu comando (funcionamento normal). Tendo algum conhecimento sobre interpretação de sonhos, ao acordar associou o carro ao próprio corpo, o motor ao coração e o filtro de ar aos pulmões. Procurou o médico pneumologista e foi

A Psicologia e os Sonhos



detectada grave infecção nos pulmões. Foi medicada e curou-se.

Para refletir sobre sonhos julgamos conveniente, primeiro, tecer uma base científica sobre o tema. Depois, sobre esse piso, dispostemos a mobília filosófica. E sobre esta, em arremate religioso, estenderemos a suave e luminosa cobertura do Espiritismo.

Aí, quem quiser poderá fazer parte dessa sala, pois nela, repetimos, o ambiente é de reflexões sobre os sonhos, e não uma aula; para tanto, falta-nos competência. Sinceramente!

O que não nos falta é a vontade de pesquisar, para aprender.

PSICOLOGIA

Psicologia é a disciplina que estuda as atividades mentais e dos comportamentos, considerado o meio. Podemos dizer que a psicologia tomou emprestado da biologia o modelo experimental, tornando-se ciência experimental na segunda metade do século dezanove. Para tanto, a psicologia descartou a embalagem filosófica na qual até então se abrigava por inteiro e embrenhou-se na análise das sensações subjetivas do ser humano em razão de estímulos objetivos.

Talvez não seja de todo impróprio imaginar que o mundo científico de então (século dezanove) deduziu que cada homem trazia dentro de si, submerso, um universo de idéias e ideais, conflitos e angústias, fracassos e sucessos, perdas e buscas – encontros e desencontros, enfim.

Deduziram mais os pesquisadores: aquele turbilhão individual, quase sempre submerso, era o gerador de comportamentos por vezes incompreendidos ou censuráveis, mas inexoravelmente oriundos de uma fonte, situada nos mais ocultos escaninhos da alma.

Entrava assim a humanidade, gloriosamente, na era do espírito!

Soltavam-se as amarras subterrâneas do prolongado estio

espiritual, imposto pelas seculares trevas inquisitoriais, que pouco antes haviam cedido espaço aos iluminados ventos racionais, louváveis, mas inalcançáveis à maioria, pela embalagem de concepções situadas em grimpas intelectuais. Descortinava-se agora, de forma a ser vista e apreciada pelo homem, grande parte da paisagem íntima dele próprio.

Gustav Theodor Fechner (1801–1887), filósofo e psicólogo alemão, publicou em 1860 *Elementos de psicofísica*, obra considerada a certidão de nascimento da psicologia científica. Nela, Fechner associou a intensidade da sensação à intensidade do estímulo, isto é, estabeleceu uma escala de medida das sensações psíquicas elementares. Essa escala, segundo Fechner, expressaria-se por grandezas subjetivas.

Os sonhos, pela Lei de Fechner, seriam respostas logarítmicas à estimulação, isto é, os fatos sonhados podem conter proporcionalmente mais realidade do que os conceitos do sonhador, quando acordado.

Assombrosa assertiva mas ainda incompleta...

Percebe-se que a psicologia moderna está presente onde se encontra o homem, estudando o seu comportamento e as suas experiências, e também que o homem, nas diferentes fases da vida, tem diferentes formas de comportamento.

Homens são semelhantes, mas não idênticos!

Cada ser é um universo de idéias e ideais, engendrados a partir de uma infinidade de fatores capazes de modelar-lhe o caráter e a personalidade, dentre eles os fatores étnicos, hereditários, ambientais, sociais, religiosos, econômicos etc.

Em cada setor da atividade humana está a psicologia geral, subdividindo-se.

Em síntese, citemos alguns desses campos:

☞ psicologia filogenética: conduta do animal e sua evolução;

- ☞ psicologia ontogenética: origem e evolução do ser humano;
- ☞ psicologia comparada: diferenças de comportamento e de psiquismo entre diferentes espécies de animais;
- ☞ psicologia diferencial: diferenças de caracteres entre raças.

Já conforme o tipo, o método e o sistema que emprega na investigação, a psicologia pode ser:

- ☞ psicanálise: sistema criado por Sigmund Freud, visando ao tratamento dos transtornos mentais do indivíduo, cuja conduta é resultante da luta constante entre a consciência e forças inconscientes;
- ☞ psicologia analítica: análise por introspecção (auto-análise), de que se valeu Carl Gustav Jung;
- ☞ psicologia anormal: investiga, dentre outros “estados especiais” do indivíduo, o transe hipnótico, os sonhos etc.

Há ainda muitas outras subdivisões da psicologia.

Citamos apenas essas, acima, que mais de perto dizem respeito às nossas reflexões sobre os sonhos.

Aqui nos ocuparemos particularmente da psicanálise.



Freud e Jung - Psicanálise e sonhos



FREUD

Quem foi Freud?

Antes de responder, devemos registrar que ao longo deste trabalho Freud será amiúde citado e fazemos essa ressalva para justificar que, neste capítulo em particular, sintetizamos sua vida e obra.

Os leitores perceberão na seqüência que o “pai da psicanálise”, como Freud é mundialmente conhecido, voltará à cena (ou ao texto...), seja por novos e oportunos destaques da sua obra, seja por tantas e pródigas informações que sobre ele Jung citou.

Jung, aliás, também estará conosco no decorrer deste capítulo e desta obra.

A vida de Sigmund Freud (1856–1939) é toda ela um épico de como um homem sensível dedica todo o seu viver, toda a sua brilhante inteligência à pesquisa da alma humana.

Nascido em Freiberg, na época território austríaco e hoje pertencente à República Tcheca, de pais judeus, modestos comerciantes,

aos quatro anos de idade mudou-se com a família para Viena, na Áustria, onde viveu quase toda a sua vida.

Bom aluno, inicialmente dedicado à química e à botânica, enfrentou o preconceito do anti-semitismo (contrário aos judeus), que não o abalou. Interessou-se pela neurologia, nela se especializando.

Já nos tempos de estudante de medicina estagiou num laboratório de fisiologia, onde pesquisou o sistema nervoso. A seguir, dedicou-se ao estudo da histeria.

Aos 26 anos formou-se em medicina e trabalhou vários anos numa clínica infantil. Nessa fase, desenvolveu o processo de auto-análise, vindo a teorizar sobre o que denominou “Complexo de Édipo”, fase infantil de desenvolvimento de todos os rapazes, caracterizada por um amor profundo pela mãe e ódio pelo pai (Édipo, segundo a mitologia grega, matou involuntariamente o pai e casou-se com a mãe). Registrou que normalmente ocorre interdição espontânea ao incesto, mas tal não impede que surja a essência de neuroses. Convenceu-se de que o Complexo de Édipo se instala na criança entre os três e cinco anos de idade e tende a desaparecer durante o “período de latência”, que vai da fase de desenvolvimento psicosssexual infantil – aproximadamente cinco anos de idade – até a pré-adolescência⁵¹.

Em 1886, em Viena, abriu um consultório particular de neuropatologia, no qual passou a tratar de pacientes “nervosos”, na maioria histéricos, empregando hipnose e eletroterapia (estimulação local da pele e músculos)⁵².

A seguir, entusiasmou-se pela hipnose, na solução de distúrbios psicológicos, de pronto aliando o hipnotismo ao processo

51. Diz-nos a psicanálise que é durante o período de latência que as aquisições da sexualidade infantil ficam reprimidas. (N.A.)

52. A eletroterapia difere do tratamento à base de choques elétricos. (N.A.)

da catarse: libertando-se das emoções reprimidas, os pacientes revivem, sob o sistema da hipnose (sono induzido), as experiências que motivaram sua angústia. Algum tempo depois abandonou a hipnose, adotando como instrumento terapêutico um simples estado de relaxamento do paciente, convidando-o a contar-lhe suas associações livres.

Tímido, Freud ouvia os relatos íntimos de seus clientes.

Logo colocou um móvel adequado ao relaxamento da pessoa que consultava, convidando-a a fechar os olhos, desconstrair-se e, se possível, imaginar que estava sozinha naquela sala.

Foi assim que se instituiu o uso do divã no consultório médico, para que nele o paciente pudesse, ao máximo, figurar o conforto da própria cama.

Essa é a origem do método psicanalítico de consulta.

A psicanálise

No planeta Terra jamais se poderá mencionar a psicanálise sem referir-se àquele que lhe é considerado pai: Sigmund Freud.

A psicanálise é, de longe, a subdivisão da psicologia geral que mais interessa ao estudioso dos sonhos.

Em síntese, psicanálise é o método de psicoterapia criado por Sigmund Freud, em 1895, após estabelecer uma teoria detalhada da atividade mental humana, fazendo associação livre e análise dos símbolos contidos no material psíquico (sonhos, atos falhos, fantasias etc.).

Foi nesse ano que Freud publicou, em colaboração com Josef Breuer (1842–1925), médico austríaco, *Estudos sobre a histeria*, no qual já estão expostos os conceitos fundamentais da psicanálise: inconsciente; deslocamento (transferência de afeto); ab-reação (descarga emocional pelo surgimento consciente de afetos até então recalçados) e recalçamento.

A histeria, naquele preciso tempo, apresentava-se como o grande mistério da medicina: era ou não uma doença? Por que alguns pacientes mostravam histeria e outros neuroses obsessivas? Por que a sexualidade, em todos, tinha papel tão essencial nas perturbações?

Concorde com seu professor Charcot, Freud discordava dos colegas que pensavam ser a histeria uma busca de atenção por parte dos pacientes. Analisando-a, intuiu que o desconhecimento das causas dos sintomas, pelos próprios pacientes, indicava a existência de uma região psíquica oculta, arquivo quase inexpugnável de determinados traumas... quase sempre de natureza sexual.

A tal desconhecimento (dos impulsos proibidos) denominou *defesas*; ao arquivo, *inconsciente*; aos traumas decorrentes dos embates entre a consciência e a inconsciência, *conflitos*.

Logo se separou de Breuer, que não aceitava o componente sexual na origem das neuroses. E, nas premissas freudianas, o fator sexual desempenha o papel de pedra angular.

A psicanálise parte do princípio de que o sintoma apresentado pelo indivíduo é o substituto de um processo psíquico recalcado. Pede o psicanalista ao analisando que se deixe levar por suas associações livres e que comunique ao analista tudo o que lhe vier à cabeça, ainda que ache inútil, inadequado ou penoso.

O trabalho do analista será remover o sintoma, em decorrência do que inferir daquilo que ouviu e analisou, deduzindo a transferência ocorrida entre o fato passado e a angústia ou distúrbio psíquico presentes.

Para discorrer sobre psicanálise será sempre inescapável que Freud seja festejado como seu criador, mas igualmente que Jung seja celebrado como aquele que, em vida, apenas com uma ferramenta – a inteligência –, desviou, para melhor curso (para o espírito imortal), o então caudaloso rio freudiano (o inconsciente).

É verdade que a história contempla mais a Freud que a Jung, mas ambos são personalidades célebres do nosso século, e a história, pela evolução humana, no dealbar dos conceitos, às vezes se modifica...

Freud e os sonhos

Da observação arguta dos seus pacientes, Freud convenceu-se de que todos os problemas psicológicos que se manifestam na vida adulta têm raízes na infância: estavam “guardados” no inconsciente.

Proclamou suas pesquisas e sua convicção, sendo combatido por inimigos ferrenhos fiéis ao lema *mens sana in corpore sano*, isto é, um corpo são significa, obrigatoriamente, a presença de mente também sadia.

Seus pacientes, por vezes, narravam sonhos que os haviam impressionado de maneira profunda. Freud raciocinou: se na parte oculta da mente estava a raiz dos problemas, o sonho poderia ser um caminho para trazer à tona os sentimentos e as emoções reprimidos.

Brilhante reflexão!

Refletiu mais: imaginou que o sonho poderia funcionar como uma espécie de válvula para suavizar o choque entre a vontade (do consciente) e o instinto (do inconsciente).

O estudo e o entendimento dos sonhos para Freud eram considerados importantíssimos passos para transformar a psicologia em verdadeira ciência, pulverizando a ação dos feiticeiros, astrólogos e adivinhos, os únicos até então que se preocupavam e se dedicavam ao assunto, pois a grande maioria movida por interesse financeiro.

Aprofundando-se na “radiografia” dos sonhos, considerou-a um dos melhores métodos para vasculhar o mundo inconsciente

dos indivíduos. Os conflitos entre o consciente e o inconsciente “escapam” durante o sono, nos sonhos e por meio de símbolos quase sempre surrealistas. Sonhos absurdos, seqüências incoerentes, mudanças súbitas de atividades ou cortes abruptos de cenário ou tempo, na verdade, davam a chave do seu significado, desde que utilizados símbolos próprios, em associação livre.

Muitas das neuroses, então, tiveram sua explicação.

A Interpretação dos Sonhos (Die Traumdeutung)

Em 1900, Freud publicou aquele que viria a ser seu mais celebrado livro: *A interpretação dos sonhos*, obra-chave para o alicerce sobre o qual se ergueriam as teorias e as respectivas terapias para aplicação aos desarranjos mentais, geradores de neuroses e psicoses.

Freud sugeriu em sua obra que, uma vez reconhecido o objeto do sonho, livremente associado à vertente sexual, o terapeuta intensificasse perguntas ao sonhador, capazes de logo fazer emergir ao consciente a origem do problema, tornando-se relativamente fácil adequar-lhe solução.

De 1895 a 1899, Freud impôs-se a tarefa de decifrar por que a interpretação dos sintomas levava à cura; isso após o paciente, com a memória induzida, recordar e reviver esquecidos traumas, freqüentemente da infância. Contudo, lidando com pacientes neuróticos, logo captou a dificuldade em acessar-lhes o inconsciente, pelos múltiplos obstáculos decorrentes do estado alterado deles. Teve então a idéia de aplicar em si mesmo a combinação da associação livre do sintoma com a interpretação do sentido.

Durante esse período anotou cuidadosamente seus sonhos, dia a dia, ou melhor, noite a noite, analisando de cada um:

- ☞ detalhes menores (fragmentos) do cenário;
- ☞ diálogos;

- ☞ personagens;
- ☞ formação de tramas paralelas (de idéias que se transformam em imagens e sentimentos);
- ☞ como certos fios se cruzam e se entrecruzam etc.

Em paralelo, começou a escrever o *Die Traumdeutung*, cuja tradução literal poderia ser “A explicação dos traumas”. Assim, esse livro que o mundo conhece como *A interpretação dos sonhos*, na verdade não os interpreta, mas sim propõe-se a oferecer um meio investigativo para entendê-los.

Tão logo foi publicada a obra, o autor encontrou barreiras ao seu método, passando a ser combatido por não poucos ferrenhos adversários, muitos deles alunos ou colegas seus.

Na segunda metade do século dezenove a cocaína era de uso liberado pela sociedade, sendo considerada estimulante, benéfica à saúde... Freud, pouco tempo após ter começado a clinicar, sugeriu ao filósofo Ernst von Fleischl-Marxow, então viciado em morfina, que a substituísse por cocaína. Tendo Fleischl se tornado cocainômano com constantes alucinações, a Freud restou, por pouco, angustiada perda da reputação no meio científico.

A ninguém caberá o direito de condenar Freud nesse ato, pois sua intenção foi promover a cura, jamais a viciação.

Tanto assim que em nenhuma de suas anotações posteriores encontraremos a prescrição de tal medida.

Nesses cem anos de existência, entre aceitação entusiástica e rejeição sistemática, *Die Traumdeutung* foi considerado “o melhor livro do século” por alguns críticos literários e principalmente por estudiosos da psique.

A obra divide-se em capítulos que se abrem com um “sonho padrão”, seguido de vários outros sonhos “secundários”, todos com as devidas sugestões quanto à causas que os originaram.

Citada construção, pedagógica, avança capítulo a capítulo

de forma a possibilitar ao leitor, passo a passo, assimilar o progresso da tese freudiana, segundo a qual os sonhos têm um *conteúdo latente*, que por meio de *condensação* e *deslocamentos* dá origem ao *conteúdo manifesto*, no sonho “sonhado”.

Ao final, aceite-se ou não, Freud oferta a fórmula que se tornou célebre: “Um sonho é a realização disfarçada de um desejo reprimido”.

Até hoje, Freud continua a ter fiéis seguidores, mas também é objeto de críticas acerbas: de outubro de 1998 a janeiro de 1999 a Biblioteca do Congresso em Washington, Estados Unidos, abrigou a exposição “Freud, Conflito e Cultura”, sobre sua vida, com mostra de objetos pessoais, 200 manuscritos, livros, cartas, filmes, fotos e reconstituição do seu consultório.

A exibição, majoritariamente pró-Freud, não se esquivou, entretanto, de incorporar igualmente manifestos de intelectuais antifreudianos, segundo os quais, hoje em dia, os problemas da mente devem ser tratados com remédios, que são muito mais baratos e de efeito mais rápido que a análise.

A mesma exposição, sob a denominação de “Brasil: Psicanálise e Modernismo”, foi exibida no Brasil em outubro de 2000, no Masp (Museu de Arte de São Paulo), como contraponto à mostra norte-americana. Entre nós, foi seguida de uma série de simpósios correlatos.

Tantas e profundas são as proposições de Freud quanto aos sonhos que, socorrendo-nos da sempre vulnerável valia do reducionismo (ou da chamada condensação literária), nesta obra daremos alguns poucos exemplos do que o famoso médico austríaco denominou “associação livre”, isto é, o analista acoplar elementos dos sonhos a fatores sexuais, e então, aprofundando a análise e a sindicância, inferir qual a origem do desconforto psíquico: traumas, neuroses, psicoses – conflitos, enfim.

Determinada a raiz da angústia, o pressuposto é que com

maior facilidade a terapia psicanalítica a erradicará.

Quem quiser aprofundar-se nas teorias freudianas encontrará no livro *A interpretação dos sonhos* um espantoso rol de símbolos nos quais Freud aplicou o método da “associação livre”:

- ☞ órgão sexual masculino: objetos alongados encontrados nos sonhos, tais como troncos, armas brancas e armas de fogo, torres de igreja, edifícios altos, torneiras, gravatas, regadores e até os dirigíveis zepelim etc.;
- ☞ órgãos genitais femininos: em sonhos aparecem veladamente em casacos de pele, moitas, o número zero, a letra “o”, estojo de jóias, vasos, garrafas, baús etc.;
- ☞ símbolos bissexuais: maçãs, peras e frutas em geral; geralmente remetem o sonhador à primeira infância, quando a distinção do sexo ainda não é conhecida; cuidado especial nessas ocasiões é averiguar se o(a) sonhador(a) não traz, oculto em si mesmo(a), o desejo de pertencer ao sexo oposto;
- ☞ símbolos sexuais obscuros: objetos que tanto podem ser associados ao homem quanto à mulher: chapéus, roupas íntimas manchadas de sangue, alguns calçados etc.;
- ☞ relações sexuais: atividades em que há ritmo (dançar, marchar, subir ou descer escadas, machucar-se, ser agredido etc.).

Não demorou e Freud assegurava, com firmeza inaudita, que os sonhos – todos – eram manifestação do inconsciente, sendo alguns reflexivos, isto é, projeção de acontecimentos próximos, no estado de vigília e outros expressivamente mais reveladores, fruto do rompimento da barreira moral do indivíduo, cujo ego, livre de censura (ou de autocensura), expressava desejos sexuais ocultos. Dessa forma, nenhum sonho poderia desprezar a moldura sexual,

e em muitos deles não só a moldura, mas o quadro todo refletia contexto inteiramente sexual.

Surgem daí preciosas informações sobre os conflitos inconscientes. Inescapável comparar o que hoje se denomina TVP (Terapia de Vidas Passadas) com o pioneirismo freudiano, dele excluída a radicalização sobre a origem sexual para todos os problemas.

Outra fundamental diferença é que em Freud, conquanto se lidasse com fatos remotos, o consultor interrompia o mergulho do consulente no passado quando sua memória regressava à infância, ao passo que na TVP o psicólogo-terapeuta, por vezes, induz o paciente a rememorar outras vidas.

Principais obras literárias de Freud

Além da “coluna-mestra” do edifício freudiano, *A interpretação dos sonhos*, há as seguintes obras:

- ☞ em 1901 publica *Psicopatologia da vida cotidiana* (análise dos lapsos de memória, esquecimentos e atos falhos);
- ☞ em 1905 publica *O chiste e suas relações com o inconsciente e Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*;
- ☞ em 1907 redige *Delírios e sonhos na “Gradiva” de Jensen*;
- ☞ em 1909 realiza conferências nos Estados Unidos, mais tarde condensadas no livro *Cinco lições de psicanálise*;
- ☞ entre 1910 e 1912 publica *Uma recordação da infância de Leonardo da Vinci* e *O caso Schreber*;
- ☞ em 1913 publica *Totem e tabu*;
- ☞ em 1914 publica *Contribuição à história do movimento psicanalítico*;
- ☞ entre 1916 e 1917 publica *Conferências introdutórias sobre psicanálise*;

- ☞ entre 1918 e 1919 inicia a obra *Além do princípio do prazer*, na qual surgem os conceitos de Tânatos (instinto da morte) e de Eros (instinto da vida);
- ☞ em 1920 publica *Psicologia das massas e Análise do ego*.

Nessa época passa a ser mundialmente famoso e prossegue publicando:

- ☞ em 1923: *O ego e o superego*;
- ☞ em 1925: *Minha vida e a psicanálise*;
- ☞ em 1926: *Inibição, sintoma e angústia*;
- ☞ em 1927: *O futuro de uma ilusão*;
- ☞ em 1930: *O mal-estar da civilização*.

Também em 1920 ocorreu uma reviravolta nas suas teorias, tanto que propôs um novo modelo para o aparelho psíquico. Nos seus estudos do íntimo do ser humano, todos eles realizados sob estrita observância de métodos científicos, Freud, pedagogicamente, dividiu a personalidade humana (a mente, o ser interior) em três camadas:

- ☞ *Ego*: responsável pelas percepções; a parte com que pensamos e raciocinamos, enfim, a individualidade do homem;
- ☞ *Superego*: mais bem considerada como a consciência (condicionamento às regras e convenções sociais);
- ☞ *Id*: onde se localizam a memória e os instintos básicos, inerentes à espécie humana⁵³.

53. O médico alemão Walter Georg Groddeck (1866–1934), antes de Freud, introduziu o conceito de id, que definiu como “a força que faz o homem agir, pensar, crescer, estar bem e doente, em suma, que o faz viver”; para ele, não havia diferença essencial entre doença corporal e doença psíquica, que seriam duas expressões simbólicas do id. (N.A.)

A proposição freudiana do id mostrou-se incompleta, tanto que ele logo lhe aduziu uma quarta parte:

☞ *Pré-Consciente*: situado entre o id e o ego.

Modernamente, denomina-se *inconsciente* o id, o pré-consciente e o superego conceituados por Freud.

Anos e anos de trabalho árduo na elaboração e divulgação das suas teorias, como dissemos, deram-lhe fama mundial.

Teve alunos que logo se tornaram também famosos, dentre eles podendo destacar-se Carl Gustav Jung.

Mas não foram fraternais as relações mestre-alunos: quase todos se separaram dele por apresentarem novas teorias, conquanto formuladas com base nas idéias iniciais do professor.

Eclodiu a Primeira Guerra Mundial (1914–1918) e com ela recrudescceu o ódio contra os judeus.

Terminada a guerra, nos anos seguintes manifestou-se na Europa propaganda contra o semitismo. Não tardou e avolumou-se o sentimento de frustração por parte dos derrotados, do que se valeu o nazismo, então incipiente, desencadeando poderosa propaganda contra o semitismo, eleito vilão do conflito.

Em 1924 Freud foi acometido por câncer maxilar, mas nem por isso deixou de atender seus pacientes.

Em 1930, preocupado com os grandes problemas da civilização, escreveu *O mal-estar na civilização*.

Por ser judeu, Freud, nos últimos anos da sua vida, foi odiado e enfrentou ambiente hostil, ante a expansão do nazismo por alguns países da Europa.

Suas idéias foram atrozmente combatidas.

Sua biblioteca foi incendiada e seus livros foram queimados em praça pública... sob a acusação de conterem “uma pornografia especialmente judaica”.

Seus bens foram confiscados.

Amigos do mundo todo ofertaram-lhe refúgio e abrigo em outros países. Mas aquela era sua pátria: não a deixaria.

Em 1938, a Alemanha invadiu a Áustria.

Confiscaram-lhe o passaporte e proibiram-no de trabalhar.

Fazia 16 anos ele sofria de câncer no maxilar.

Por intervenção pessoal do presidente dos Estados Unidos, foi liberado para ir à Inglaterra para se tratar. Com ele foram a esposa e a filha, Ana.

Um ano após, o câncer ceifou-lhe a vida física: 23 de setembro de 1939.

É indiscutível que a vida moderna deve-lhe expressiva gratidão, eis que a exploração dos problemas do homem nele encontrou o seu... (apropriando-nos aqui de uma construção junguiana) arquétipo.

Unificando sonhos, fantasias, contos de fadas e mitos de diversas culturas do mundo, Freud projetou nova imagem na tela mental: como cada um de nós traz ocultas, no inconsciente, personalidades que, afinal, se transformam em nós mesmos.

A muitos espíritas, em particular, conquanto conscientes de que o plano espiritual observa de perto e auxilia o progresso moral do planeta, a eles causa pena que tão brilhante cientista não tenha albergado na mente e proclamado à ciência ao menos um dos pontos básicos do Espiritismo: a reencarnação!

Pois só a reencarnação explica, com base na justiça divina e com lógica irrefutável, o porquê das aflições, ante as quais a psicanálise emudece.

Como Freud explicaria e resolveria, apenas pela psicanálise:

1. A angústia de um cego de nascença?
2. A frustração e até mesmo a revolta das crianças, diante da vida, que nascem de pais extremamente pobres e têm longas provações?

3. A revolta de uma pessoa quando sabe que já ao nascer era portadora do vírus da Aids?

Tivesse aceitado a reencarnação – imortalidade da alma e vidas sucessivas – e Freud teria sido, provavelmente, a maior alavanca científica a favor da divulgação do Espiritismo.

Tal acontecimento, em última análise, certamente teria contribuído substancialmente para o progresso moral do planeta, pelo entendimento e pela consolação que oferta diante dos sofrimentos, ao mesmo tempo que induz o homem à fraternidade universal.

JUNG

Quando Freud tinha 19 anos, nasceu Carl Gustav Jung (1875–1961), na Suíça.

Não é gratuita a associação feita anteriormente, de Jung a Freud, ou melhor, deste àquele.

Jung, protestante, médico, psiquiatra: esse o perfil do homem que em 1907 encontrou-se com Freud, então já famoso pelas suas corajosas teorias sobre distúrbios psíquicos. Foi intensa a convivência profissional entre ambos, com admiração recíproca.

Não tardou a que o mestre, Freud, promulgasse o aluno, Jung, seu “filho primogênito” e o consagrasse sucessor e “príncipe herdeiro”.

Mas essa união trincaria dois anos depois.

No dia 25 de março de 1909, Jung visitou Freud em sua residência, em Viena. Intrigado com o fenômeno da pré-cognição, Jung pediu a opinião do mestre a respeito, aludindo às teorias da metapsíquica, então em voga, para explicar citados estranhos fenômenos, indicadores de que a alma sobrevive à morte do corpo

físico, e, mais que isso, com possibilidades de “conversar” com alguns homens vivos⁵⁴.

Freud foi tão incisivo ao opinar, fazendo afirmações rigidamente materialistas, desacreditando da hipótese trazida por Jung, que este, a duras penas, conteve-se e não destratou o mestre. Em meio ao áspero diálogo, Jung teve a estranha sensação de que sua garganta estava incandescente. Nesse preciso instante um forte estampido na estante de livros fez os dois homens se assustarem e ficarem de pé.

Disse Jung a Freud:

“Pronto, isto é um exemplo do chamado fenômeno de exteriorização catalítica.”

“Oh, espere aí”, exclamou Freud, “isto é pura asneira!”

“Não é não”, replicou Jung, informando: “Agora predigo que em um momento haverá outro grande ruído igual!”

De fato, ouviu-se nova estrondosa detonação...

Freud nem assim se convenceu da ação espiritual.

Mas a amizade entre ambos restou inapelavelmente abalada.

E nesse mesmo ano outro fato marcante viria a estremecer mais ainda a associação de ambos.

Jung e os sonhos

Com efeito, em 1909, Jung e Freud, juntos, fizeram viagem marítima aos Estados Unidos. Seu passatempo durante a longa travessia era interpretar os sonhos um do outro, isso no convés e durante horas.

54. Esse intercâmbio (manifestações entre vivos e mortos), de que o *Antigo* e o *Novo Testamento* estão repletos de citações, já então estava devidamente analisado e dimensionado por Allan Kardec (1804–1869), o codificador do Espiritismo, na obra *O Livro dos Médiuns*, editado em Paris, em 1861. (N.A.)

Jung teve um significativo sonho:

Estava em um sobrado de sua propriedade, cujo andar superior era novo e ricamente mobiliado; o térreo, porém, era escuro e a casa parecia velha, como as dos tempos medievais. Andando a esmo, descobriu uma escada que conduzia ao porão: era um lugar ainda mais antigo, talvez dos tempos romanos. Olhou para baixo e viu uma laje de pedra, de onde partia outra escada para lugar ainda mais profundo: uma caverna, onde repousavam dois crânios humanos quase desintegrados.

Freud, desde logo, fixou-se a interpretar o significado dos crânios, defendendo que deveria haver ali um desejo reprimido de morte.

Jung discordou.

Contudo, para evitar discussões com o mestre, e mais para contentá-lo, acabou por dizer que os dois crânios seriam de sua mulher e de sua cunhada.

Segundo Jung declararia mais tarde, “Freud ficou aliviado”.

No íntimo, contudo, Jung, recém-casado, jamais havia sequer pensado em eliminar a mulher e a cunhada. De si para si, inaugurando um método interpretativo mais cauteloso do que a associação livre de idéias, prestando atenção à forma e ao conteúdo do sonho, concluiu que o sobrado representava sua própria psique; o andar superior seria a consciência, caracterizada pela sala de estar limpa e organizada; no andar térreo, o começo do inconsciente; e a partir dali, quanto mais profundo, mais obscuridade... na caverna, lá estavam restos da civilização primitiva, isto é, restos nele próprio do homem primitivo.

Com base nessa interpretação, Jung formulou o conceito de *arquetipos*, a pilastra-base dos fundamentos psicológicos junguianos.

Jung não concordava com Freud quanto ao fato de os sonhos serem uma “fachada”, dissimulando um significado preexistente, porém escondido *maliciosamente* da consciência: ao contrário,

sempre defendeu que “sonhos são natureza e não encerram a menor intenção de enganar; dizem o que podem dizer e tão bem quanto o podem, como faz uma planta que nasce ou um animal que procura pasto”.

Médium de efeitos físicos, Jung já havia vivenciado outras fortes experiências no ano de 1899: ainda estudante, passando férias com a mãe, ouviram ambos um estampido na sala semelhante a um tiro de pistola. A velha mesa de jantar que pertencera à avó de Jung quebrou-se ao meio. Sua mãe, sendo como ele médium, não se assustou. Duas semanas após, novo estrondo e, dessa vez, uma faca que estava no aparador partiu-se em vários pedaços.

Nos seus tempos de universitário lera vários livros sobre Espiritismo, não encontrando nenhum incentivo por parte dos colegas com os quais trocava impressões a respeito.

Já formado médico, intrigado com tais fenômenos inexplicados, organizou e frequentou sessões espíritas semanais, tendo uma jovem médium como suporte para comunicações, por meio de golpes na parede e na mesa.

Ao cabo de dois anos ocorreu um certo afrouxamento das atividades mediúnicas nela, a qual Jung pilhou tentando provocar fraudulentamente os fenômenos.

Com pesar, interrompeu as experiências mediúnicas...⁵⁵

55. É sabido pelos espíritas que os espíritos evoluídos só participam de reuniões sérias, em que o objetivo sincero seja o aprendizado moral. Quando, por algum motivo, o grupo ou os médiuns enveredam por atalhos, movidos por banalidades, curiosidade ou interesses materiais, aqueles protetores se afastam. Não é raro, nesse caso, que alguns médiuns que de início agiam com sinceridade, mas que enveredaram por tal descaminho, tentem, irresponsavelmente, manter o *status* anterior, inclusive apelando para mistificações ou fraudes. Mais grave ainda, nesse patamar: espíritos zombeteiros aproximam-se e, encontrando desguarnecidas as defesas espirituais, assumem as diretrizes de tais reuniões, sempre com resultantes morais e físicas infelizes para os participantes encarnados. Tudo dentro da mais perfeita Lei de Ação e Reação. A questão é de sintonia... (N.A.)

Em 1902 escreveria sua tese de doutorado em medicina sobre o que assimilou dessas reuniões: *Sobre a psicologia e a patologia dos assim chamados fenômenos ocultos*.

Quando em 1912 Jung escreveu e publicou o livro *Transformações e símbolos da libido*, defendendo que a libido era sinônimo de energia vital, mais do que sexual, o relacionamento dele com Freud desvaneceu-se de vez.

Freud estava convencido de que a alma humana era um universo íntimo de emoções e sentimentos, todos originários do impulso sexual infantil reprimido, gerador das angústias, em particular, dos seus pacientes e, de forma ampla, também dos não-pacientes, isto é, do ser humano em geral.

O monstruoso Complexo de Édipo, a ser verdadeiro, real ou virtual (para usarmos a moderna terminologia cibernética), ao equipar o homem com a libido (usina de desejos sexuais frementes, ardentes, contraditórios), seria, na verdade, autêntica catapulta para um inferno íntimo. E os homens, assim, teriam de administrar a oferta de dois infernos: esse, particular, e o *outro*, coletivo...⁵⁶

Tudo indica que Jung entreviu essa nuance na criação do mestre, rebelando-se: deu outro caráter à libido, não sexual, mas como sinônimo de energia vital.

Mais tarde, em contrapartida ao Complexo de Édipo, a psicologia incorporaria, relativamente às mulheres, a expressão Complexo de Electra, designação de Jung (na mitologia grega, Electra induziu Orestes, seu irmão, a matar Clitemnestra, sua mãe, a qual, com ajuda de Egisto, havia assassinado o pai deles, Agamenon).

56. A nós, espíritas, não escapa a possibilidade de que, realmente, dois espíritos, passional e obsessivamente vinculados, possam reencarnar, ambos, na situação de filho e mãe, como oferta divina para transformar paixão em amor fraternal. O desperdício de tal chance, sublime, pode levar mesmo à figuração do Complexo de Édipo. O que não nos faculta à razão é a generalização freudiana, sem o cuidado da especificidade, que tão bem ilumina o Espiritismo. (N.A.)

A expressão *Complexo de Electra* é utilizada para explicar a realidade psicológica de algumas mulheres das sociedades urbanas modernas que, sentindo a perda de uma relação infantil com o pai, não conseguem preencher o vazio emocional deixado por essa perda, passando a viver socialmente isoladas, retraídas e com dificuldade nos relacionamentos amorosos. Além disso, sentem profunda dificuldade em representar os papéis femininos da maternidade, matrimônio etc., e em estabelecer relacionamentos sérios e profundos, apresentando uma agressividade contra o sexo masculino.

Segundo Jung, no Complexo de Electra não existiria o impulso sexual reprimido, que caracterizaria um incesto em potencial, tal como Freud teorizou quanto ao Complexo de Édipo.

Jung adiantou-se a Freud e defendeu que o superego não é apenas consciência mas também a parte mais espiritual da mente. Deu-lhe o nome de *superconsciente*.

Se Freud teorizava cada vez mais sobre os distúrbios psíquicos, vamos encontrar Jung estudando, também sem parar, os fenômenos atribuídos ao “oculto”.

Pode-se, pois, deduzir que Freud alicerçava na mente a concepção de que para explicar qualquer fenômeno dito *paranormal* (exclusive a ainda incompleta lista de possibilidades do cérebro) a idéia de intervenção espiritual, defendida por Jung, não passava de equivocada opção.

Em 1913 Jung lançou o livro *A psicologia do inconsciente*, que recebeu acerbas críticas do mestre. Rompeu-se o último elo da amizade entre ambos.

Memórias, Sonhos e Reflexões

Jung, aos 83 anos, concordou em redigir a autobiografia, com a condição de ser publicada apenas após sua morte. Daí resultou o alentado livro *Memórias, sonhos e reflexões*.

Em resenha, dessa obra podemos ressaltar:

- ☞ é obra indispensável a quantos queiram compartilhar da grande aventura vivida por Jung, na busca sincera dos mistérios da alma;
- ☞ se Freud considerava Jung seu “príncipe herdeiro”, por seu turno Jung assinalou que Freud “possuía o fogo sagrado”;
- ☞ a grande admiração e respeito pelo mestre não impediram que Jung logo se conscientizasse de que Freud mesmo “sofria de uma neurose fácil de diagnosticar, com sintomas muito incômodos”, neurose essa da qual nem o próprio mestre conseguia livrar-se;
- ☞ registra que Freud insistiu para que ele defendesse o “inabalável baluarte” da sua teoria da sexualidade, em vez da “negra maré de lama... [do] ocultismo”;
- ☞ particularmente esclarecedora e mesmo comovente é a narração do encontro com Freud e posterior ruptura de tão grande amizade, fundamentada em admiração recíproca;
- ☞ Jung declarou enfaticamente: “Todos os problemas que me preocupavam humana ou cientificamente foram antecipados ou acompanhados por sonhos”;
- ☞ ao longo de suas lembranças recheadas de comentários judiciosos e emocionados, emergem de forma insofismável suas notáveis faculdades mediúnicas, às quais denominou “fantasias e sonhos”, e administrou-as mais com a razão (cientificamente) do que com o coração (espiritualmente), o que foi uma pena...
- ☞ a propósito, declarou: “Foram necessários 45 anos para elaborar e inscrever no quadro de minha obra científica os elementos que vivi e anotei nessa época da minha vida. Mas encontrei esta corrente de lava, e a paixão nascida

de seu fogo transformou e coordenou minha vida. As primeiras fantasias e os primeiros sonhos foram como um fluxo de lava líquida e incandescente; sua cristalização engendrou a pedra em que pude trabalhar”;

- ☞ algo nostálgico, aos 83 anos, declarou: “Olhando para trás, posso dizer que sou o único que prosseguiu o estudo dos dois problemas que mais interessaram a Freud: o dos ‘resíduos arcaicos’ e o da sexualidade. Espalhou-se o erro de que não vejo o valor da sexualidade. Muito ao contrário, ela desempenha um grande papel em minha psicologia”;
- ☞ vemos como Jung trilhou praticamente todos os caminhos do pensamento humano ao estudar e analisar o conteúdo dos mitos, da alquimia, das religiões, da mandala (palavra do sânscrito que significa “círculo mágico”), que, no Tantrismo e no Budismo, é o diagrama simbólico representativo da evolução e da involução do universo; na obra de Jung, símbolo do centro e do si-mesmo (*self*), como totalidade psíquica.

De 1913 até 1917 Jung passou a ter visões e sonhos com seus antepassados e com célebres vultos da história.

Os fenômenos mediúnicos prosseguiram à sua volta.

Decidido a dar-lhes conotação científica, denominava-os “imaginação ativa”, “alucinações visuais e auditivas”, “aparições”, “intromissões de espíritos”, “escrita automática”, “viagens clarividentes” etc. Isso, em detrimento da terminologia espírita já existente desde 1861, pormenorizadamente descrita em *O Livro dos Médiuns*, no qual cada fenômeno recebeu adequada denominação.

Mas os espíritos continuaram a orbitar em sua vida de forma palpável. Tinha a percepção de que em sua casa perambulavam muitos deles. São suas palavras:

Havia uma atmosfera sinistra envolvendo-me completamente. Eu tinha a estranha sensação de que o ar estava cheio de entidades fantasmais. Então foi como se a minha casa começasse a ser assombrada. Minha filha mais velha viu uma figura branca atravessando a sala de jantar. Minha segunda filha, à parte da sua irmã mais velha, contou-me que duas vezes, naquela noite, seu cobertor tinha sido arrancado da cama; e naquela mesma noite o meu filho de nove anos de idade teve um sonho cheio de angústia...”

Talvez a muralha que não transpôs quanto à aceitação pura e simples da Doutrina Espírita tenha sido o fato de ter realizado estudos e análises de fenômenos mediúnicos produzidos por pessoas perturbadas (seus pacientes), dentre os quais muitos mistificavam, outros apresentavam alto grau de animismo.

Finalizando nossas considerações sobre Jung e sua evidente mediunidade, vamos reproduzir um dos seus comentários a respeito:

“É irônico que eu, um psiquiatra, pudesse haver topado, quase que em cada degrau de meus experimentos, com o mesmo material psíquico que é a matéria-prima da psicose e é encontrado nos loucos”.

SEXO E OCULTISMO: VISÃO PSICANALÍTICA

A amizade entre ambos, já trincada, deteriorou-se mais quando Jung percebeu que para Freud o sexo era tudo quanto ao processo psicológico.

Jung questionava:

– Por que Freud precisa falar constantemente de sexo e nunca se interrogou sobre isso? Não seria a fuga de um outro lado seu (o místico), oposto ao sexual, que não desejava ver, de modo a causar

uma angustiosa desarmonia?

Freud trazia em si e nos seus aforismos científicos uma verdadeira ojeriza obsessiva contra os fenômenos do ocultismo. Aliás, não só ele, mas a maioria dos grandes intelectuais da ciência nos albores do século vinte, cujo crepúsculo testemunhou aquela mesma ciência ensaiar tímidos passos, alvissareiros na verdade, quanto à realidade de verdades ocultas à instrumentalidade laboratorial, porque de origem espiritual. Como simples exemplo, temos a medicina recomendando assistência religiosa a recém-operados, respeitada a crença de cada paciente, como valioso aspecto no processo de convalescença.

Freud atribuía ao sexo o domínio da mente e nisso não encontrou aliados nem em Jung nem em Alfred Adler (1870–1937), médico e psicólogo austríaco (e seu aluno dissidente), que creditava as nuances do psiquismo à vontade intrínseca de poder de todo ser humano. Quanto a Jung, ultrapassando em lógica e bom senso os dois colegas, admitia o poderoso energético que emana do fator sexual aliado à busca do poder, mas não contemplava o entendimento de que fossem únicos. Defendia que parilha à atividade da *libido* (de Freud) e da *vontade de poder* (de Adler), mais transcendental que essas duas vertentes psíquicas, o ser humano traz em si, em escala individual, num microcosmo da criação, o valioso patrimônio integral da humanidade – *o inconsciente coletivo*.

Dessa forma, manuseando o presente, Jung nele incluía um longo passado (arquétipos) que, sem grandes esforços de abstração, podemos configurar como muitas, muitas vidas acumuladas, aflorando no indivíduo.

Na visão freudiana e adlerista, o objetivo do psicanalista é proporcionar bem-estar ao paciente, libertando-o dos conflitos nele gerado sempre a partir de um curto período do passado: a infância. Circunscreviam, assim, os antecedentes e os conseqüentes na vida presente.

Na visão junguiana, muito mais abrangente, há o entendimento de que os traumas, muitos deles, podem ter sido gerados em perdidas épocas da civilização. Se tais distúrbios (e no caso estamos considerando só os sonhos) são inexplicáveis apenas com a vida atual, só resta uma alternativa: vidas passadas. E aí, buscar-lhes clareza (como hipótese, a participação do sonhador neles) é apenas decorrência.

No já citado *Memórias, sonhos e reflexões*, Jung (então com 83 anos, relembramos) relata ter observado nele próprio uma série de sonhos que trazem à tona, quase com certeza, a veracidade das vidas sucessivas – a reencarnação.

É óbvio que a Freud e a Jung ficamos muito a dever, pelo seu denodo em decifrar alguns enigmas do psiquismo humano.

Mais a Jung: seus enunciados, recheados de compreensão e de sagrado respeito diante dos mistérios da dor, privilegiaram a “espiritualidade” como fonte maior do comportamento.

Houve coragem de sua parte: um cientista, comentando o insondável, no alfa do século vinte, significava, como significou, colisão com o pensamento dos meios cientificistas⁵⁷ da época, os quais primavam pela rejeição ao espírito, situação que fazia pouco, no ômega do mesmo século, ainda era encontrada em não poucos bolsões científicos.

Pena que tenha faltado a esses dois gigantes das pesquisas psíquicas o bom senso de perquirir e analisar a reencarnação ao menos como hipótese de trabalho, com a profundidade que o tema suscita. Tivessem feito isso e certamente teriam se convencido de que, pairando sobre o material, o espiritual é de muito maior expressão. Teriam vislumbrado que o físico nada mais é do que uma

57. Cientificismo: opinião filosófica do fim do século dezenove que afirmava: “A ciência faz-nos conhecer a totalidade das coisas que existem e este conhecimento basta para satisfazer todas as aspirações humanas” (é uma forma de positivismo). (N.A.)

das incontáveis roupagens, sucessivas, de que se vale o espírito imortal, uma em cada vida.

Porque o espírito, na sua senda evolutiva, ascende degrau a degrau (existência a existência orgânica), rumo à possível perfeição moral.

E sobretudo: caráter, personalidade, sentimentos todos (felizes ou infelizes), comportamento – em toda a complexidade de suas manifestações –, nada mais são do que conseqüências, efeitos.

A causa primordial, única e eterna, é o espírito imortal!

Psique, para a psicologia.

9

Departamentos da Alma



Para tratarmos dos sonhos e captarmos o que os pesquisadores de todos os tempos deduziram, é indispensável que alguns conceitos científicos sejam explanados, dentro das expressões utilizadas.

A PSIQUE

De início, indispensável socorreremo-nos dos antigos e consagrados pensadores gregos, demonstrando que, na raiz de toda a terminologia sobre os estudos, reflexões e análises da alma humana, a Grécia é mãe da palavra *psyché*, que na língua portuguesa originou *psique*: alma, vida.

Mitologia grega

Remontando àqueles distantes tempos da Grécia, em que a filosofia se valia de mitos para erguer seus fundamentos, a psique não escapou a esse costume, e uma bela história foi incorporada à sempre tão apaixonante quão expressiva mitologia grega:

Psique ou Psiquê, na mitologia grega, era uma jovem mulher de grande beleza, personificação da alma e amante de Eros. Segundo Apuleio, escritor latino (125–170 d.C.), Psiquê recebia toda noite a visita de Eros (divindade do amor entre os gregos), cujo rosto ela não devia conhecer. Uma noite, ela acendeu a lamparina na tentativa de ver seu rosto. Uma gota de óleo caiu no ombro de Eros, adormecido, que despertou e fugiu. Psiquê vagou pelo mundo implorando que os deuses a ajudassem a encontrá-lo. Afrodite (deusa da beleza e do amor) submeteu-a a várias provas, até que Eros a reencontrou e quis esposá-la. Para isso, Zeus (deus supremo do Olimpo, habitação das divindades; o céu, em sentido figurado) tornou-a imortal”.

As ilações são inescapáveis:

- ☞ a alma (linda na origem) e o amor juntos: felicidade;
- ☞ a alma não vendo amor individual: o amor universal;
- ☞ a alma quebrando um mandamento: fica infeliz, sem o amor;
- ☞ a alma vagando em busca do amor perdido;
- ☞ a felicidade (beleza e amor), em grau maior, distanciando um do outro, submetendo a alma a diversas provas, por ter cometido infração;
- ☞ reencontro do amor com a alma (evolução espiritual);
- ☞ imortalidade concedida pelo deus supremo...

Qualquer semelhança com a história de Adão e Eva, a expulsão do paraíso, a nossa vivência difícil ante provas e expiações e por fim o reencontro com a felicidade (pela auto-reforma) não é mera coincidência... Esse é o nosso destino – espíritos imortais!

Para nos referirmos aos elementos da psique (ou do psiquismo), nos valem da mitologia grega.

Já havíamos citado também, em síntese, dados pessoais e trabalhos de Freud e Jung, para alicerçarmos as concepções da ciência (psicanálise) quanto à alma.

Veremos agora, com mais detalhes, como os termos latinos *ego* (eu), *id* (isto), e *superego* foram apropriados pela psicanálise para definir suas conclusões sobre os estudos da alma:

ELEMENTOS FREUDIANOS DA PSICANÁLISE

a. O ego

Ego foi o nome dado ao *eu*, concebido como “sujeito pessoal”. É o centro de referência para todas as atividades psicológicas.

Em psicanálise, ele é parte do aparelho psíquico, intermediário entre o *id* e o *superego*, e que permite ao indivíduo defender-se tanto das ameaças da realidade como dos instintos.

É através dele que aprendemos tudo sobre a realidade externa, de modo a podermos orientar o comportamento a fim de evitar estados dolorosos, ansiedades e punições (desenvolvemos defesas).

Os mecanismos racionais também estão intimamente relacionados com o ego.

Freud, no início das suas pesquisas, concebeu o ego como pólo defensivo no conflito neurótico.

Traduzindo: seria a defesa que realizamos quando alguma crise moral nos alcança. Por exemplo: alguém que “explode” por qualquer coisa e se justifica na base do “se a vida não tivesse me causado tanta infelicidade, eu até que poderia ser mais tolerante, mais calmo; agora, depois de tanta ingratidão, não levo desaforo para casa”.

Esse indivíduo fica surdo à consciência que tenta chamá-lo à razão, sugerindo um pouco mais de paciência, quando não bom

senso, nas vezes em que seu dia-a-dia oferta-lhe dissabores, grandes ou pequenos, aos quais reage negativamente.

Foi ainda Freud que em 1920 reavaliou o ego como um dos inúmeros elementos da personalidade. O ego, então, seria parte do id, aquele que reage conforme a circunstância exterior, real.

Arrematou o grande cientista: “O ego se vê forçado a servir a três senhores exigentes de uma só vez: o superego, o id e o mundo exterior; quando este último apresenta perigos, o ego reage, produzindo angústias”.

Hoje em dia promulga a psicanálise que o ego, como fração do psiquismo, analisa e elege os valores morais necessários à satisfação do *superego*, obediente, este, ao ideal que o indivíduo almeja.

Dito assim, parece academicismo, mas um exemplo corriqueiro talvez decodifique para os leitores pouco afeitos à terminologia científica esse referencial da psicanálise:

Um escriturário de grande empresa, angustiado ante sua inexpressividade profissional, sonha com o cargo de gerente. Exteriormente, dirá que é para proporcionar melhores condições à família, o que não deixa de ser verdadeiro. Verdadeiro, mas apenas parte da verdade: na essência, ele não quer o cargo; nem o aumento do atual e razoável conforto familiar é o motivo de desejo dessa promoção, mas sim as resultantes que adviriam dessa conquista:

- a. passar a subordinar-se diretamente à diretoria;
- b. mudar de uma mesa escondida num canto para outra, ampla e bem posicionada, com telefone, fax e terminal de computador;
- c. comandar os atuais colegas;
- d. ter direito à condução individual, da empresa;
- e. chegar e partir da sua residência rumo ao emprego com tal mordomia, causando inveja aos vizinhos, que necessitam de condução coletiva ou particular;

- f. se casado, ganhar mais alguns pontos de respeito e admiração da família e demais parentes seus e da esposa;
- g. ganhar mais;
- h. vestir-se melhor;
- i. conseqüência abrangente: promoção pessoal – poder.

Quais variantes do ideal sonhado constituiriam, ou seriam, o ego do nosso escriturário do exemplo acima?

As de ordem empírica, subjetivas: aquelas que o guindariam a um patamar no qual passaria a ser admirado pelo grupo de pessoas em órbita cativa à sua existência, no caso, ele passando a ser a estrela, e as demais, sendo os planetas com os respectivos satélites.

As demais variantes que produziriam bens materiais, na verdade, seriam simples acessórios do ideal sonhado: poder, em última instância.

Modernamente, a escola norte-americana da psicologia do ego (ou psicologia psicanalítica do desenvolvimento) tem como proposição que o reforço do ego dos pacientes é o principal objetivo para a cura de seus desconfortos, aflições e angústias, geradores de neuroses, brandas ou agudas.

b. O id

Segundo Freud (sempre nos reportaremos a ele...), o id seria o reservatório da energia pulsional, aquela que é a fronteira entre o psíquico e o orgânico, possibilitando a emersão do ego sob pressão do mundo exterior. Ambos surgem, então, interdependentes.

Complicado?...

Vamos a um exemplo, mas antes uma reflexão: vimos que o ego é defensivo por natureza e agora podemos supor que o id esteja contido na memória acumulada do indivíduo, quase sempre oculta. Essa memória compõe-se de infinitas camadas adjacentes, mas qualquer

uma delas, mesmo as mais profundas, é acessível de imediato quando diante de um fato exterior expressivo, motivado pelo instinto de defesa ou necessário à administração do inopinado desconforto ou crise inesperada, gerados por algum tipo de comportamento.

Eis o exemplo:

Em criança, um indivíduo foi picado por uma abelha, junto a uma jabuticabeira, e estava sorratamente desobedecendo a ordens do dono do pomar. Ao tornar-se adulto, sem ter tido mais contato com essa árvore frutífera, causará espanto pelo fato de ir a um pomar e “não gostar” de jabuticaba, além de ter um inexplicável receio de subir em árvores, particularmente em jabuticabeiras...

Será possível deduzir que o “não gostar” de jabuticabas é ação defensiva do id e o que o infundado receio de subir em árvores é a defesa (autocensura) que o ego produziu, à revelia do consciente, pela angústia gerada em criança, não tanto pela dor da picada da abelha, mas, principalmente, pelo fato de tal ter acontecido quando cometia uma infração social.

Um psicanalista, remontando os fatos, de pronto interligará o presente (angústia) e o passado (punição: picada da abelha em situação “de delinqüência”), afastando da mente desse paciente tal desconforto já transformado em fobia: medo de subir em árvores. Ao sair do consultório, poderá subir galhardamente em quantas jabuticabeiras quiser, e o fará, até porque o id precisa comemorar a vitória de ter se livrado do medo. Já o ego, com nuances psíquicas e orgânicas, exigirá que o indivíduo se farte de grandes quantidades daquela fruta, para compensar o tempo perdido.

c. O superego

O termo *superego* – derivação de *ego* –, para Freud seria o herdeiro do *id*. Tem como função a consciência moral, auto-observação e formação de ideais.

Quando o indivíduo (ego) se torna algo “mandão” fazendo escolhas iniciais que contrariem, ainda assim o superego as acolhe.

Tentemos exemplificar, louvando-nos nas concepções freudianas:

“Numa criança, o id é o formador do Complexo de Édipo. O superego, sem vetar referido complexo, nem por isso lhe dá vazão. Aguarda o indivíduo tornar-se adulto para equipá-lo de referenciais culturais, sociais e espirituais, para então, qual juiz, sobrepor-se àquelas equivocadas injunções do id, agora de todo condenáveis. Aí, elas se dissolvem, naturalmente.”

Vemos assim que, segundo Freud, o superego é poderoso dissolvente do Complexo de Édipo, sendo-nos possível inferir que, ainda dentro do conceito freudiano, também poderá sê-lo para os demais transtornos psíquicos, oriundos de má-formação comportamental na infância⁵⁸.

ELEMENTOS JUNGUIANOS DA PSICANÁLISE

a. Arquétipos (“inconsciente coletivo”)

Jung imaginou o superconsciente como sendo ligado a Deus, fazendo parte de um inconsciente universal, ou mesmo que fosse uma fração de um Ser Supremo.

Essa idéia, espiritualizada e de grande respeito ao Criador, encontrou abrigo na mente do psiquiatra suíço após ter ele estudado algumas filosofias orientais.

58. Melanie Reizes Klein (1882–1960), consagrada psicanalista austríaca, considerava que a origem das neuroses estava no primeiro ano de vida e ligada ao fato de o indivíduo não conseguir superar a posição depressiva (que para ela ocupava o mesmo papel do Complexo de Édipo). Tratando de crianças por longo tempo, defendia que o superego se formava já na fase oral (segundo a psicologia, aquela em que a criança de peito encontra o prazer na alimentação, na atividade da boca e dos lábios); anterior, pois, à época defendida por Freud, quanto ao nascimento dos conflitos. (N.A.)

Jung, com suas observações, buscando interpretar pela psicologia qual a explicação de determinados indivíduos possuírem conhecimentos preexistentes de forma alguma ministrados nesta vida, criou o chamado “inconsciente coletivo” (somatório do conhecimento da civilização). Como exemplo de conhecimento preexistente, podemos citar o caso dos “gênios” da música ou das artes, que deslumbraram o mundo com suas criações ou com suas *performances*. Isso para não serem aqui citadas as dezenas de experiências em reuniões mediúnicas, nas quais pessoas analfabetas, “quando em transe”, produzem textos de profunda filosofia, em linguagem superior e em outro idioma (!).

Mas, afinal, o que seria ou como age o “inconsciente coletivo”?

A explicação junguiana, com todo o respeito que merece o consagrado psiquiatra, arremete-nos para um labirinto de dúvidas: com efeito, preconizou Jung que o “inconsciente coletivo” se exprime por arquétipos (padrões preexistentes no mundo), desde a criação, de onde os indivíduos captam esses conhecimentos. Dizia mais: o “inconsciente coletivo” todos o trazemos ao nascer, como herança natural.

A ser verdadeira a hipótese, não há resposta à primeira pergunta que ela impõe: de que forma isso acontece?

Mais uma vez o Espiritismo ficou aqui interdito pela ciência.

A nós, quer nos parecer que o eminente psiquiatra esteve perto de incorporar, à sua, a Doutrina dos Espíritos, tão bem codificada por Allan Kardec. Em *O Livro dos Médiuns*, por exemplo, é decifrado de modo lógico todo o mecanismo de intermediação entre o plano espiritual e o plano material – a mediunidade.

A nosso ver, Jung ultrapassou o mestre ao laborar a existência do “inconsciente coletivo” para justificar acontecimentos puramente mediúnicos, invariavelmente desprezados por Freud.

Mas é de lamentar que seu trabalho não se valesse, oficialmente, do Espiritismo.

Melhor teria sido apoiar-se em Allan Kardec e configurar o fato como a comunicação de um espírito (indivíduo desencarnado) que, quando encarnado, detinha aqueles conhecimentos e por mantê-los integrais ao desencarnar repassa-os a um indivíduo encarnado (médium).

b. Individuação

Jung usava a palavra *individuação* quando queria definir uma pessoa como um ser psicológico individualizado por um processo que, conquanto respeitasse a unidade, integrava-a a uma totalidade.

Nesse quadro, o indivíduo se realizaria naquilo que de mais íntimo nele existisse, e apenas nele, sem possibilidade de quaisquer comparações. Realização plena do ser, ou melhor, do *si-mesmo*.

Asseverava Jung: “A individuação não exclui o universo, ela o inclui”.

Jung, em seu vasto arrazoado de pesquisas, defendia que, no atendimento de pacientes, impunha-se o modelo terapêutico que lhes permitisse tomar consciência, por meio dos seus sonhos, do que exigem os padrões oníricos para reencontrar assim suas raízes.

Ainda aqui, os sonhos continuam a merecer atenção e pesquisas científicas...

Rendida nossa mais alta admiração a Freud, a Jung, à dra. Melanie Klein, pioneiros do estudo científico da alma em suas várias instâncias, registraremos a seguir novos avanços desses estudos, como atualmente a psicologia os contempla.

ELEMENTOS APROPRIADOS PELA PSICOLOGIA

a. A personalidade

Quando um indivíduo observa os seus constantes procedimentos, também caracteriza a sua personalidade.

O atual modelo da psicologia, para registrar a personalidade de cada pessoa, infere que ela se estabelece durante os primeiros anos de vida e manifesta-se na fase adulta pelo conjunto dos traços físicos e morais. Aí, a individualidade é determinada, não raro, por uma originalidade qualquer.

Como exemplo, ouve-se dizer: “Fulano tem personalidade forte”.

PERSONALIDADE DE BASE

É o conjunto de comportamentos e de crenças de uma pessoa, moldado pela educação recebida na infância, no lar e fora dele, acrescido mais tarde do folclore, da mitologia e religião.

Como existem discrepantes personalidades entre os indivíduos de um mesmo contexto social, criados num mesmo espaço geográfico-temporal, surgiram outras hipóteses, atribuindo a caracteres hereditários a justificativa para essas diferentes personalidades.

E ainda, num terceiro registro psicológico, há os que defendem que as diversas personalidades dos seres humanos se devem ao caráter constitucional de cada um deles.

Vemos, sem dificuldade, que nenhuma das explicações, ou mesmo que as três, somadas, deixam de satisfazer a não poucas dúvidas:

- ☞ Se dois indivíduos são gêmeos, por que diferem suas personalidades?
- ☞ Em contrapartida, como é que dois seres nascidos em diferentes latitudes e em diferentes épocas muitas vezes têm tanta sintonia psíquica, afetiva e física?
- ☞ Como é que em determinadas circunstâncias um poderoso influxo psíquico (de um líder, por exemplo) pode modificar a personalidade de uma ou várias pessoas sem, entretanto, modificar a de todas as que com elas convivem?

São questões instigantes...

Pelo singelo fundamento espírita da reencarnação, todas aquelas perguntas e muitas outras obtêm respostas calcadas na lógica, no bom senso e, mais que tudo, contemplando a crença na justiça divina.

Qual seria o fundamento reencarnacionista?

Aquele que submete ao crivo da razão a dedução de que as diferentes situações individuais dos seres humanos são reflexo de suas vidas anteriores, nas quais eles próprios formaram e armazenaram no espírito imortal um arsenal de conhecimentos e experiências.

b. A consciência

Quando um indivíduo, com noção da própria existência, realiza uma síntese do seu passado e analisa sua experiência pessoal, pela qual ele é como é, em termos de personalidade, podendo inclusive projetar seu futuro, aí temos a *consciência*.

Simplificando: em auto-análise, a pessoa vê, no seu *hoje*, o fruto dos atos e fatos do *ontem*. Se essa pessoa quiser, sua visão poderá, com grande margem de acerto, abranger o seu *amanhã*, nem que seja em parte.

Essa, a consciência, de si mesmo e do mundo exterior.

DISTÚRBIOS DE CONSCIÊNCIA

Quando uma visão, mesmo que apoiada na realidade, formula imagens sobre o empírico (“materialização de devaneios”), estará sujeita a graves desvios de foco, os chamados *distúrbios de consciência*, assim definidos:

1) Pela Psiquiatria

Perturbações que, em conjunto, alteram a vigilância (produzindo equívocos de conduta ou erros de avaliação); alteração da

percepção que o indivíduo tem de si mesmo (por exemplo: vê-se como “dono da verdade” sempre, sem possibilidade de quaisquer contradições; ante qualquer perda, mesmo aquelas que ele provocou, acredita-se vítima, injustiçado, perseguido).

2) Pela Neurologia

Alteração quantitativa da vigília.

Distúrbios referentes à alteração quantitativa da vigília, traduzindo-se por interferência no sistema sono–vigília.

☞ regulação do sistema sono–vigília.

2.1) Os considerados como distúrbios do sono

☞ a hipnose, a obnubilação (lentidão nas respostas ou dificuldade para executar ordens simples), a obtusidade (confusão), o torpor, o coma, a síncope, a embriaguez, as ausências epiléticas e a confusão mental.

2.2) Os considerados mais especificamente psicogénicos

☞ surto delirante, psicose crônica, situação de despersonalização (sensação de perda da identidade) e estados crepusculares (perturbações na vigília, amnésias e inclusão do imaginário na percepção da realidade).

c. O inconsciente

É atribuída a Santo Agostinho a frase: “Se não me perguntam quem é Deus, sei a resposta; se me perguntam, já não sei responder”.

Nesse exemplo, identificamos algo oculto na mente humana: o *inconsciente*.

Igualmente no corpo humano, fenômenos orgânicos processam-se à revelia da nossa vontade, sem que deles sequer tomemos conhecimento. Em medicina se diz que tais fenômenos, complexos, incessantes, ininterruptos, da fecundação à morte do ser, engendram o metabolismo (transformação da matéria em energia) em duas fases:

- ☞ o anabolismo (assimilação fisiológica);
- ☞ o catabolismo (desassimilação).

Esses são exemplos de como dentro de nós há conhecimentos e estão presentes atividades físicas permanentes das quais não temos consciência (no sentido de que nos seja possível dimensioná-las).

Podemos dizer que, de certa forma, estão ocultas.

Quem as abriga, quem as esconde?

O inconsciente.

O inconsciente em nós manifesta-se de forma indireta: sintomas, complexos, imagens, símbolos, visões, fantasias e *sonhos*.

Pelos sonhos, objeto do nosso trabalho, expressa-se o *inconsciente* livre das amarras, tanto físicas (do corpo material) quanto da censura imposta pelo *consciente* (pensamento do indivíduo quando em vigília na convivência social).

Partindo dessas reflexões, podemos agora afirmar que o ser humano, quando pensa e em seguida age, o faz de forma consciente. Quando, em contrapartida, seu corpo realiza uma infinidade de procedimentos automáticos tendentes à manutenção da vida, ainda é o indivíduo que age, mas de forma *inconsciente*.

Em particular, referimo-nos aqui ao *sono*.

Assim, inescapáveis as perguntas:

- ☞ E, quando, em ato reflexo ante uma mesma situação, há os que reagem com humildade, outros com soberba,

mais alguns com impassibilidade, omissão ou inércia, como determinar em que parte da mente tais reações se alicerçaram?

- ☞ Como explicar que um mesmo indivíduo apresente diferentes caracteres de personalidade, quando em diferentes situações sociais, tais como: no lar, no trabalho, no trânsito, no campo de futebol, na igreja, num casamento, num velório?
- ☞ Se as funções metabólicas se processam à nossa revelia (inconscientemente), o que justificaria na mente esconder-se disparidade comportamental sem causa definida (períodos de bom ou mau humor, alegria, tristeza, angústia, euforia etc.)?

Aqui, emerge um maravilhoso binômio: *inconsciente—consciente*.

Essa é uma das inalcançáveis mostras da sabedoria divina, que formulou tal mecanismo mental e o incluiu no ser humano.

Todos os seres vivos buscam a felicidade.

Ao criá-los, Deus configurou-lhes tal caráter, busca, anseio, vontade: de viverem bem, da melhor maneira possível, isto é, serem e viverem felizes. A vida toda!

Os animais, na luta pela sobrevivência, têm uma única conduta: manter a vida e procriar.

Para tanto, a mãe natureza equipa-os com apurado instinto e meios orgânicos adequados para alcançarem tais objetivos, alocando-os em habitats adequados à espécie. O instinto de conservação é-lhes insculpido como principal mecanismo de manutenção da vida. Neles, como no homem, a vida orgânica em si se processa e se mantém sem sua participação ativa, ignorando mesmo os inumeráveis e recônditos processos metabólicos, a cargo do fabuloso gerenciamento do cérebro.

A grande diferença entre o animal e o homem – o irracional e o racional – é que no primeiro inexistente consciência, aqui compreendida como a faculdade de pensar de modo contínuo.

Com efeito, elaborando o pensamento, o ser humano tem a maravilhosa capacidade de optar, seja depois de instantânea seja depois de demorada reflexão.

Utilizando a prodigiosa ferramenta que é a memória, ele quase sempre decide rápido e logo age; porém, quando a situação à sua frente é pioneira, demandando escolha ou ação inéditas, a inteligência interage, elabora hipóteses e proposições que são remetidas à mente. Aí, a decisão é tomada. O cérebro, receptor do comando mental, por sua vez comanda a ação física, seja apenas falar seja então executar determinada ação.

Quando não há palavra pronunciada nem ação executada, ainda assim o fato existe e ficará armazenado. Onde?

No inconsciente...

d. O subconsciente

Todos temos uma parte interior na mente que foi chamada de “subliminal”, “subjéitiva”, “id” etc. A psiquiatria designa-a como *inconsciente* quando se trata do *ser interior*⁵⁹.

A noção do inconsciente vem da Grécia antiga, com Hipócrates, Esculápio, Sócrates, Platão e outros pensadores. Mas foi no século dezenove que um gigante das pesquisas mentais, Sigmund Freud – já por nós reverenciado –, conseguiu a admirável proeza de entreabrir parte das cortinas do interior humano, isto é, da sua *psique* (alma, em grego). Em outras palavras, penetrou no

59. Talvez seja oportuno lembrar que a psiquiatria é o ramo da medicina que se ocupa das doenças mentais e das alterações do comportamento. (N.A.)

subconsciente do ser humano por meio da análise dos problemas apresentados pelos seus pacientes.

Se antes dissemos que o inconsciente está oculto na mente e no corpo, agora podemos aduzir-lhe um novo componente: o *subconsciente*, que seria a nossa porção espiritual e que influi decisivamente em nosso comportamento.

Na verdade, Freud de início utilizou esse termo, logo o abandonando, por implicar a noção de uma segunda consciência.

Muitos psicólogos, hoje, relacionam o subconsciente com aquilo que está abaixo do limiar (fronteira) da consciência.

e. O pré-consciente

O pré-consciente, segundo Freud, seria a sede dos atos psíquicos *temporariamente inconscientes*, mas suscetíveis de se tornarem conscientes.

Ali, o que o indivíduo lembra não é recalcado, isto é, não vai para as camadas mais profundas da consciência, mas também não fica à tona: permanece intacto, em potencial, à disposição da pessoa, para utilização a qualquer instante em que necessário.

Como exemplo podemos citar o caso dos motoristas:

- ☞ quando freqüentam a auto-escola e depois se submetem aos exames teórico e prático, sabem de cor o significado da sinalização de trânsito;
- ☞ na prova prática, ordenam mentalmente os procedimentos, desde a ajustagem do banco, dos espelhos, cinto de segurança, verificação do câmbio “em ponto morto”, freio de mão acionado, para só então acionar a partida;
- ☞ daí inúmeros outros atos se processam, em ordem rigorosa:

- a. ligar lanterna indicadora de direção (se estacionado);
- b. braço esquerdo para fora e com a mão esquerda sinalizar partida;
- c. pé esquerdo no pedal da embreagem;
- d. pé direito levemente sobre o pedal da aceleração;
- e. pressão de um e soltura do outro, simultâneas;
- f. ao mesmo tempo liberar freio de mão, com mão direita etc.

Ora, uma vez aprovados e já sem os examinadores julgando-os, tais motoristas vão executar esses movimentos dezenas, centenas de vezes, sem jamais raciocinar na sua cadência de ordenação: terão adquirido aquilo que se chama “conhecimento pré-consciente”.

Na vida, de um modo geral, o que mais executamos são esses procedimentos: um banho, uma refeição, um assobio etc.

f. O *superconsciente*

Será lógico inferirmos que se existe subconsciente é previsível a existência do *superconsciente*, com características transitando na mesma estrada (a consciência), conquanto em sentido contrário.

Vimos que o subconsciente, relacionando-se com o pré-consciente, mergulha no arsenal das experiências vivenciadas, extraindo dali as informações necessárias ao cérebro para comandar as ações exigidas pelo momento presente (exemplo dos motoristas ao utilizarem o veículo).

Porém, quando um indivíduo busca entender o porquê da sua existência, ou reflete sobre a grandeza de Deus, ou ainda quando procura decifrar os mistérios da vida, sua mente alça vôo rumo às esferas mais transcendentais e espirituais do ser.

Na ida dessa fantástica viagem mental o ser leva perguntas,

perquirições, inquirições, dúvidas...

No retorno, trará reflexões, ilações, sonhos...

Os filósofos são os viajantes mais encontrados nessas viagens.

OBSERVAÇÕES À LUZ DO ESPIRITISMO

Hoje, quer nos parecer que a própria psicologia modificou a visão de ambos os consagrados psiquiatras, pelo menos em parte, aceitando a realidade de que o ser humano é formado do binômio corpo-alma, muito influenciável sim, na infância, pelo meio ambiente, mas também até mesmo antes de nascer... Assim, nem todos os traumas ou neuroses têm origem apenas na infância, já sendo cientificamente aceito que durante a gestação o feto capta nuances do mundo exterior. Citemos o caso típico das mulheres grávidas que fumam, são alcoólatras, toxicômanas ou doentes de Aids, ou que têm gravidez conturbada, todos esses fatores podendo influenciar negativamente na saúde do filho que trazem no bem resguardado ambiente uterino.

Muitos desses futuros bebês nascem com problemas de saúde, mas nem todos...

Em contrapartida, muitas são as mulheres que têm uma gravidez normal, não comprometem com nenhum procedimento o futuro filho, que, entretanto, por vezes nasce com deficiências congênitas, como asma, bronquite, distúrbio cardíaco, anormalidade cerebral etc.

É-nos indissociável acoplar a tais acontecimentos um fator extra-humano, desconhecido até mesmo da biogenética, polarizando a vida de cada ser, indene a assertivas biológicas preestabelecidas.

Que fator seria esse?

Responde o Espiritismo:

A reencarnação!

Cada ser é um espírito imortal, evoluindo a bordo de vidas

sucedidas. Dealbando a cada existência, estagiando ora no plano espiritual (em espírito), ora no material (com corpo físico), traz em si mesmo o histórico completo de suas realizações desde a criação.

Balizado seu comportamento pelas leis morais, insculpidas por Deus na consciência de cada espírito, ao afastar-se do bem carreará para si mesmo dificuldades futuras, para a ele (o bem) retornar. Tais as premissas da Doutrina dos Espíritos, codificada por Allan Kardec, inserindo no pensamento humano a concepção da justiça divina, nem punitiva, nem premiadora, mas sim rigorosamente justa!

O aval dessa afirmação dá-nos o Espiritismo, com a lapidar sentença: “A sementeira é livre, mas a colheita é obrigatória”.

Conceito que, aliás, é aceito por todos os homens que pensam e norteiam o equilíbrio humano na justiça de Causa e Efeito: eis que ninguém pode obter algo bom, nem sofrer algo ruim, sem que para tanto tenha dado azo.

Na trilha reencarnacionista de raciocínio transita a lógica, iluminando a escuridão mental, filosófica ou religiosa, incapaz de explicar e justificar o porquê das mazelas humanas, dentre as quais, para não nos alongarmos, fiquemos apenas com aquelas inexoráveis, com início desde o instante do parto...

Os Sonhos e o Tempo

10



TEMPO

Tempo, já o dissemos na introdução deste livro, é o pai dos trigêmeos *passado, presente, futuro*. No grande oceano da existência, no qual navega o barco da vida e do qual somos passageiros eternos, constituem eles a tripulação que o manobra, rumando para a evolução, em busca do porto da felicidade.

Os sonhos, eternamente joviais filhos da vida, fizeram grande amizade com aqueles três marujos e com eles vivem a brincar, quais crianças travessas, ora com um, ora com outro, ora com todos. Tudo isso sem o menor compromisso com o calendário a bordo, pois que os sonhos são mesmo dados a travessuras “temporais”...

Se as crianças brincam de dia, os sonhos o fazem à noite.

Se as crianças têm os pais para zelar por elas, os sonhos têm por guardiães o sono e a noite, sublime casal, cuja união a natureza abençoou.

Se as crianças brincam só na infância, os sonhos são “crianças eternas”, sempre dispostas a nos surpreender, ora nos alegrando, ora nos preocupando – mas sempre nos ensinando algo.

Por todas essas considerações, não deverá o homem aventurar-se a radiografar os sonhos, nos laboratórios da mente, em busca de “diagnósticos” ou de interpretações. Necessário será, antes, “aditivar” esse raio X mental, com reflexões sobre os mecanismos do tempo, da criação dos seres, da vida e da sábia lei moral da evolução. Formam eles um maravilhoso conjunto, que tem sustentação na harmonia e no equilíbrio.

Que esta é a obra de Deus, a Perfeição absoluta!

ESPAÇO–TEMPO (TEORIA DA RELATIVIDADE)

Albert Einstein (1879–1955) tinha 26 anos quando criou a extraordinária e quase inacessível “Teoria da Relatividade”.

Nela, Einstein defendia, dentre outras premissas, que:

- ☞ nada no universo desloca-se mais velozmente do que a luz (cerca de 300 mil quilômetros por segundo, no vácuo);
- ☞ um raio de luz, ao passar pelas proximidades de algumas estrelas (campos gravitacionais intensos), altera o fluxo do seu deslocamento em curvatura, isto é, passando de retilíneo para curvilíneo;
- ☞ na rotina diária, os objetos (espaço que ocupam) têm três medidas: altura, comprimento e largura; para Einstein, neles há uma quarta medida ou uma quarta dimensão: o espaço–tempo; ou seja, para que as três dimensões se agregassem no objeto, houve necessidade de um tempo (arriscando um exemplo, talvez não estejamos distantes dessa afirmativa do gênio: digamos, um armário que tem *altura*, *comprimento* e *largura*, sendo certo que o carpinteiro gastou mesmo algum *tempo* para construí-lo);
- ☞ um ser humano ou um corpo que se deslocassem à veloci-

dade da luz teriam idade, massa e tamanho extremamente diferentes, se vistos por um observador estacionado em um ponto;

- ☞ o tempo se dilataria ou ficaria mais lento: no espaço, o relógio em deslocamento pareceria estar mais lento ao observador fixo;
- ☞ à velocidade da luz, o relógio daria a impressão de estar parado e, com ele, parado também estaria o tempo (!?);
- ☞ assim, como a velocidade da luz é constante e ela sofre desvios, então o tempo subordina-se a ela, pois é medido por ela, no espaço que percorre ele não pode ser constante, e sim *relativo* (daí o nome da teoria: *relatividade*).

Em 29 de maio de 1919 essa teoria foi comprovada quando astrônomos fotografaram estrelas durante o eclipse total do Sol.

O mundo todo se rendeu ao gênio einsteiniano!

O tempo, comprovadamente, é relativo!

Até hoje impossíveis de serem quantificadas em sua integralidade, contudo, as possibilidades aventadas por Einstein mostraram-se reais, eis que os ônibus espaciais têm a bordo relógios atômicos que verdadeiramente funcionam com lentidão quando comparados com os relógios que ficam em terra firme.

Trocando em miúdos, num outro exemplo estimativo, não muito simplista, mas de fácil compreensão:

- ☞ de um ponto estacionário (na Terra, por exemplo), um observador que esteja a medir o tempo de deslocamento de uma aeronave a uma velocidade de 150 mil quilômetros por segundo, isto é, metade da velocidade da luz, rumo a outro planeta distante 900 milhões de quilômetros, tendo a bordo um relógio sincronizado com o da Terra, verá a nave chegar ao destino em uma hora e quarenta minutos

(seis mil segundos);

- ☞ dentro da nave, contudo, um relógio que registrasse o tempo naquele mesmo percurso acusaria que se passou apenas uma hora e trinta e cinco minutos (isso porque a bordo o relógio também estava se deslocando e, nesse caso, lá o tempo se tornava mais lento);
- ☞ tais cálculos escaparão ao raciocínio se formularmos a hipótese de algo deslocando-se à velocidade da luz: ao observador estacionário o tempo se deteria...
- ☞ mais: acima da velocidade da luz, sempre teoricamente e segundo as formulações einsteinianas, o tempo voltaria ao passado!

Se até aqui nós não soubemos expor um mínimo da fulgurante Teoria da Relatividade, é melhor pararmos de falar sobre ela, até porque, confessamos, o tentame nos coloca na justa configuração de autêntico “papagaio de pirata”.

Mas, ao nos despedirmos da fabulosa teoria einsteiniana, ocorre-nos um exemplo doméstico para desvendá-la (quanta pretensão...):

- ☞ uma pessoa foi de carro, à velocidade de 80 quilômetros por hora, de Ribeirão Preto à capital do Estado de São Paulo, distante 320 quilômetros, pela Via Anhangüera, gastando cerca de 4 horas;
- ☞ outra partiu no mesmo instante, do mesmo ponto e para o mesmo destino, de avião, na rota aérea sobre aquela rodovia, chegando em aproximadamente 35 minutos;
- ☞ um terceiro viajante, indo a pé, no mesmo percurso e horário de início da viagem, gastou cerca de uma semana para chegar.

Pois bem: para um observador em posto fixo a grande altura, o

espaço percorrido por cada um dos três foi constante, mas o *tempo* foi *relativo*.

Agora, se esse observador estivesse no Sol, e o início da viagem aqui na Terra fosse às nove horas da manhã, lá, um relógio sincronizado com o terrestre marcaria nove horas e oito minutos, porque a imagem gastaria oito minutos para alcançá-lo. E os diversos tempos da chegada seriam também os mesmos terrenos, acrescidos de oito minutos.

Porém, se estivesse fora do sistema solar, em outra galáxia, já nem seria o relógio que estaria marcando o começo da viagem, mas o calendário, que poderia acusar já terem se passado milênios em relação ao momento terreno... Nesse caso, embora o espaço para os três viajantes fosse o mesmo, os tempos terrenos já não seriam quatro horas, trinta e cinco minutos e uma semana, respectivamente, mas sim outros, porque a imagem, conduzida pela luz, estaria durante aqueles períodos temporais passando por várias estrelas, curvando-se, com isso modificando a medição.

Viagens no Tempo

No limite da aplicação da Teoria da Relatividade, encontra o homem, embora apenas no pensamento, a possibilidade de transformar em realidade o que já existe em abundância na ficção: viajar no tempo!

Isso seria viável de acordo com Einstein caso pudesse, apenas num ponto, ser acumulada matéria em quantidade tal que o aumento da massa provocasse distorção no tempo-espaço hoje conhecidos. O meio empregado para acumular tal quantidade de matéria seria a “máquina do tempo”, pois a gravitação ao redor deteria a própria luz que não a ultrapassaria e, conseqüentemente, nada seria visto. Nesse momento e nesse ponto, segundo cálculos

feitos por alguns matemáticos de renome, teríamos o que hoje em astronomia se denomina *buraco negro*. Qualquer objeto que se aproximasse seria instantaneamente esmagado pela densidade infinita e pelo irresistível poder de sucção. Contudo, havendo um buraco negro giratório⁶⁰, uma espaçonave sendo manobrada também em sentido giratório para além desse campo, com deslocamento no mesmo sentido dele, iria ao futuro; deslocando-se, também e sempre de modo giratório, no sentido contrário, iria ao passado.

O Espiritismo, como sempre em boa hora (sem trocadilho), ocupou-se também do tempo: no livro *A Gênese*, cap. VI⁶¹, encontramos orientação segura para o entendimento parcial do que seja *Espaço e Tempo*, ou melhor, de como o entendimento integral de ambos não é possível ao homem:

(...) o tempo é uma gota-d'água que cai da nuvem no mar e cuja queda é medida. Tantos mundos na vasta amplidão, quantos tempos diversos e incompatíveis. Fora dos mundos, somente a Eternidade substitui essas efêmeras sucessões e enche tranqüilamente da sua *luz imóvel* a imensidade dos céus; imensidade sem limites (espaço) e Eternidade sem limites (tempo), tais as duas grandes propriedades da natureza universal”.

60. Na obra *Mistérios do desconhecido*, Rio de Janeiro: *Time-Life/Tempo e Espaço*/ Ed. Abril-Livros, 1993, é citado que o conceito de “Buraco negro giratório” foi idealizado em 1963 pelo físico matemático Roy Kerr, da Universidade do Texas, Estados Unidos. Como todas as estrelas giram e um dia cessam de viver, do movimento giratório resulta um buraco negro, que pode adquirir forma de anel, estabilizando-se, e nesse anel a viagem no tempo seria exequível. (N.A.)

61. Allan Kardec, 1ª ed., 1868 (na França); 1ª ed. da FEB, Rio de Janeiro, 1882 (no Brasil). (N.A.)

CRIAÇÃO DOS SERES

Tempos de Vida e de Evolução

Fomos criados há muito tempo...

Quanto?

Com a palavra o Espírito André Luiz, no livro *Evolução em dois mundos*, cap. VI, item “Genealogia do espírito”:

(...) o princípio inteligente gastou, desde os vírus e as bactérias das primeiras horas do protoplasma na Terra, mais ou menos *quinze milhões de séculos* [!], a fim de que pudesse, como ser pensante, embora em fase embrionária da razão, lançar suas primeiras emissões de pensamento contínuo para os espaços cósmicos” (grifos nossos).

Assombrosa tessitura divina, essa que nos sustenta há tanto tempo!

Algumas reflexões espíritas se fazem necessárias para que, adiante, haja propriedade quando nos referirmos ao conteúdo dos sonhos:

- a. nossa idade mínima: 1,5 bilhão de anos ou 15 milhões de séculos;
- b. é provável que sejamos dos mais antigos habitantes da Terra, pois a ciência preconiza que nosso planeta tem a idade aproximada de 4,5 bilhões de anos e que a vida teria surgido há cerca de 3,1 bilhões de anos (células albuminóides, amebas e organizações unicelulares);
- c. Deus não cessa de criar – a Criação é Sua obra, pois foi isso que Jesus nos ensinou quando afirmou: “Meu Pai tem estado trabalhando até agora e eu estou trabalhando”

- (João 5:17). Assim, antes de nós, terá criado infinitas quantidades de seres, que, no dealbar evolutivo – eis que, felizmente, a evolução é Lei Divina, compulsória, inexorável, inescapável –, já galgaram níveis morais superiores;
- d. supondo, apenas supondo, que cada etapa reencarnatória dure, em média, no máximo 100 anos (1 século) e também supondo, e ainda em média, que o espírito permaneça cerca de 100 anos (1 século) no plano espiritual, teremos que cada reencarnação/desencarnação/reencarnação dura cerca de 200 anos (2 séculos), ou que, a cada milênio, o homem tem cinco existências físicas; os cálculos são primários, estimativos, mas indenados à fertilidade folclórica com que juízos apressados possam carimbá-la;
 - e. o *Homo sapiens sapiens* (os primeiros europeus do nosso tipo: Cro-Magnon⁶², com cerca de 1.400 centímetros cúbicos de volume na caixa craniana, que possibilitou o crescimento do cérebro) data de há 38 mil anos, ou seja, 380 séculos, ou ainda, 38 milênios;
 - f. fazendo continhas simples segundo as letras d e e acima, cada um de nós – quem escreveu e quem agora lê este livro –, já reencarnou, só numa das últimas fases evolutivas do reino hominal, em média... 190 vezes!
 - g. bem... com base nesses cálculos, algo primário e reconhecidamente sujeito a alterações, lucubramos que nosso arquivo espiritual, que guarda na memória o somatório de todos os atos que praticamos ou dos quais participamos, de modo direto ou indireto, às vezes como simples espectadores, há de contar tais atos, aos milhões (seria este outro cálculo arriscado?)

62. Cro-Magnon: localidade da França que deu nome a uma raça pré-histórica neoantropiana. (N.A.)

Podem ser, todos os cálculos anteriores, arriscados, mas jamais aleatórios ou levianos: na verdade, só Deus sabe a verdade da nossa vida, e ao homem só cabe, de forma precária, formular cálculos, exercitando a mente com ajuda da poderosa ferramenta que é a matemática⁶³.

No livro *A caminho da luz*, psicografia de Francisco Cândido Xavier, Emmanuel, o autor espiritual, empolga-nos a alma com a informação capital sobre este planeta: reunião de Jesus e outros espíritos siderais encarregados do nosso sistema planetário – comunidade de espíritos puros e eleitos pelo Senhor Supremo do universo –, nas proximidades da Terra, nos primeiros tempos da sua formação, quando parte da nebulosa solar se desprendia para formar o novo planeta (há mais ou menos 4,5 bilhões de anos).

Por incumbência divina, Jesus seria o governador do novo planeta!

Gáudio infinito nosso!

Pedindo licença aos leitores, causa-nos pena perceber que algumas pessoas, às vezes até mesmo espíritas, acreditam nas “tentações de Jesus” narradas nos Evangelhos, segundo as quais um espírito das trevas (o “diabo em pessoa”...) ofereceu ao Mestre toda a autoridade e toda a Terra, desafiando-o a promover milagres (Lucas 4:1-12).

Como está escrito, até parece que Jesus havia se tornado um “cliente em potencial” de benesses terrenas (vindas de doador duvidoso...), desde que pudesse realizar “mágicas”. Logo ele, que por

63. Léon Denis, em seu livro *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*, cap. XIII, registra que, ouvidos vários espíritos, estes afirmaram que o tempo intermediário entre uma reencarnação e outra varia de acordo com a vontade de progresso de cada um; em média, indica Denis, de 20 a 30 anos, quando muito, separaram vidas terrestres daqueles espíritos que interrogou. (N.A.)

cerca de dois bilhões de anos havia dirigido legiões de trabalhadores divinos, na fantástica organização da nova casa para bilhões e bilhões de seres, que nela seriam inquilinos, no derramar incessante dos milênios multiplicados por milênios!

Façam-me o favor! Fé raciocinada, meus amigos...

Voltemos ao tempo e aos sonhos.

Em épocas primitivas, o tempo era cultuado por xamãs e contadores de lendas; após, passou a visitar a mente dos filósofos; hoje, é assunto de estudo pela cosmologia, que formou a famosa hipótese de 1922 do já citado *Big-Bang* (origem do universo pela grande explosão do “átomo primordial”), estabelecendo modelos de física teórica, estimando que teria ocorrido entre 10 e 20 bilhões de anos (13 bilhões de anos é o cálculo estimativo mais aceito atualmente).

Teria mesmo ocorrido tão formidável evento...?

E antes dele, o que havia?

Em *O Livro dos Espíritos*, questão 21, está dito que só Deus sabe desde quando a matéria existe e que Ele nunca esteve inativo; na questão 78, consta que apenas Deus é eterno (não teve princípio e é infinito, eterno, condição esta que nos presenteou, ao nos criar, em um tempo em que o homem não tem condições de saber).

Ora, se (pela ciência) a Terra tem 4,5 bilhões de anos e o universo, de 10 a 20, deduzimos que nossa “folhinha” só nos fala de uma parcela do tempo – o período terrestre.

Num hipotético relógio que configurasse o início do universo há 10 bilhões de anos, registrando-os como 4 dias (345.600 segundos), estaria marcado que o homem atual (o citado *Homo sapiens sapiens* – 38 mil anos) está nele há cerca de um segundo.

E nossos cálculos estimaram que nesse “segundo” já reencarnamos cerca de 190 vezes...

Por aí, podemos inferir que o tempo, como bem o disse Einstein, é mesmo relativo. Muito relativo!

E se o tempo é relativo, os sonhos, que nele e por ele transitam, também o são.

Só com esses dois conceitos (relatividade temporal e vidas sucessivas) poderemos, embora de modo primário, entender algo dos nossos sonhos.

Bilac defendia que “só quem ama tem ouvidos capazes de ouvir e entender estrelas”, e nós, parodiando-o, dizemos que “só quem crê no Espiritismo tem ouvidos capazes de ouvir e interpretar a verdadeira mensagem dos sonhos”.

OS REFERENCIAIS DO TEMPO E OS SONHOS

Científicos

Na ciência é tido como verdadeiro que não há nada no universo mais veloz que a luz (300 mil quilômetros por segundo). Esse é um referencial até aqui realmente verdadeiro para o conhecimento científico humano, que já o comprovou por meio da metrologia:

- ☞ em 1676, a observação dos eclipses dos satélites de Júpiter (!) forneceu o valor aproximado da luz, de 210 mil quilômetros por segundo;
- ☞ em 1849, pelo método da “roda dentada”, e em 1850, pelo método do “espelho giratório”, efetuadas medidas diretas, concluiu-se pelo valor de 299.774 ± 5 quilômetros por segundo;
- ☞ posteriormente, a medida da velocidade da luz foi relacionada com o comprimento de onda de uma radiação monocromática e com sua frequência, de tal modo que o produto dessas duas grandezas é, por definição, igual

à velocidade procurada, no caso, a da luz: experiências recentes indicam o valor de 299.792.458 metros por segundo⁶⁴.

Espirituais

Sem a brilhantíssima e rara inteligência dos cientistas, qualquer cidadão comum apenas com o Q.I. (quociente de inteligência) normal, sem efetuar um mínimo de cálculo(s), intui e comprova que há algo que, embora impalpável, é mais veloz do que a luz, muito mais veloz: o pensamento!

É tão veloz o pensamento que, em um surpreendente esquema de inimaginável concepção, tem a propriedade de voltar no tempo e visitar o passado (recordações).

E mais: nos sonhos, quando o sonhador se vê no outro lado do mundo, sendo acordado por quaisquer causas, instantaneamente seu espírito retorna à cama onde seu corpo repousa e dele reassume exercício vital pleno (estado de vigília).

A MARCHA DO TEMPO

Presente

O tempo jamais estaciona ou regride (não vai ao passado).

Desloca-se, segundo a segundo, inexoravelmente para o futuro. Isso porque, não havendo nada mais veloz do que a luz, que se desloca milímetro a milímetro, se algo se movimentasse na mesma velocidade dela, o tempo se deteria.

Einstein explicou que esse deslocamento pode ser mais acelerado ou mais lento, dependendo de onde está quem o observa.

64. *Grande Enciclopédia Larousse Cultural*. (N.A.)

Passado

No homem, e somente no homem, contudo, existe algo mais veloz do que a luz: o pensamento! – que navega a bordo da memória, que, por sua vez, tem a capacidade de voltar no tempo e visitar o passado. Se o passado é próximo (vida presente), a viagem é feita no mesmo instante. Se é remoto (vidas passadas, de que a reencarnação faz prova), aí, só em condições especiais. Dentre estas, situamos os sonhos...

Futuro

Grande mistério para a ciência: se a memória jamais vai para a frente (futuro), posto que o fato ainda não aconteceu e, por conseguinte, não foi ainda alocado nela, como é que não é raro alguém “ver” o futuro, descrevendo-o com detalhes tão precisos que o tempo se encarrega de comprovar?!

Ou, em outras palavras, se o futuro ainda não aconteceu, qual seria então o mecanismo que explica as premonições, em sonhos, visões, intuições ou nos chamados “transes” (atividade mediúnic)?

TEORIA DA PRESCIÊNCIA

O Espiritismo explica esses e outros intrigantes aspectos do tempo.

Em *O Livro dos Espíritos*, questão 404, está registrado que há sonhos trazendo para o espírito do sonhador “um pressentimento do futuro, permitido por Deus” (o sonho do policial, citado no capítulo 6 deste livro, comprova-o).

Em *O Livro dos Médiuns*, cap. VI, item 101, lemos: “durante o sono há sonhos que podem ser uma visão retrospectiva do passado e, em alguns casos excepcionais, um pressentimento do futuro”.

O Espiritismo proclama que o conhecimento do futuro – presciência integral – é um atributo apenas de Deus, o Criador Supremo. Contudo, tendo em vista que os programas reencarnatórios, estes de responsabilidade de espíritos siderais e prepostos adiantados moralmente, trazem no seu bojo como previsão, um mapa de acontecimentos gerais, pode dar-se que um sonhador conquiste o mérito de tomar conhecimento de algum detalhe desse plano.

Considerando ainda que a presciência, em maior ou menor grau, é uma faculdade da alma, temos que, quando desprendida do corpo físico (pelo sono, por exemplo), esta terá condições de ver a paisagem distante com muito maior amplitude. Allan Kardec, em *A Gênese*, cap. XVI, dá-nos um exemplo expressivo de como um espírito “vê” o futuro:

Estando alguém no topo de uma montanha poderá narrar para seus companheiros que estão no sopé o que está à frente deles, mas oculto por bosques, montes menores etc. Essa pessoa vê uma carruagem vindo em direção a eles e calcula (‘adivinhandando o futuro’), que dentro de duas horas chegará. Dá a notícia e torna-se ‘adivinho’.

Dessa mesma forma, um espírito em plano moral mais elevado tem condições de conhecer o que se passa em planos inferiores.

Ainda sobre o futuro, nesse mesmo capítulo, Kardec explana sobre como os espíritos elevados podem abarcar um período de alguns anos, séculos ou mesmo de muitos milhares de anos. Isso porquanto um século pouco é em face do infinito, e tais espíritos vêem simultaneamente o começo e o fim do período, com todos os seus eventos. Não os divulga para não interferir no livre-arbítrio do homem.”

Completa Kardec o raciocínio:

Quando esse véu ergue uma ponta é porque Deus o consente, já que o homem tem de concorrer para o progresso geral e certos acontecimentos devem resultar da sua cooperação.”

Sempre com um fim útil.
Jamais por curiosidade.

II

Tipos de Sonhos



CLASSIFICAÇÃO

Muitas têm sido as classificações dos sonhos.

Todas, de modo geral, atendem às definições que se seguem.

Há quem classifique os sonhos, sua representação e fonte primária como sendo:

- ☞ *comuns*: são aqueles sonhos que o indivíduo tem em uma mesma noite: curtos, inexpressivos, geralmente fragmentados e que, minutos após acordar, nem se lembra deles; são tão comuns e relegados ao esquecimento que nem mesmo há necessidade de exemplificá-los; podem, ou não, ter alguma correlação com as atividades da vigília; estudos científicos sobre sono e sonhos demonstraram que, no geral, as pessoas têm de quatro a sete sonhos por noite;
- ☞ *físicos*: representados pela *Terra* – plano terreno – e originários do inconsciente; são estimulados por sons, sentimentos ou algum tipo de contato com o corpo do

sonhador; sonha-se com uma serra e acorda-se com o(a) parceiro(a) ao lado, roncando; também manifestam prolongamento das atividades da vigília, geralmente daquele dia;

- ☞ *reflexivos*: quando, em um ou outro caso dos sonhos *comuns* e/ou *físicos*, deles nos recordamos e no mesmo instante o associamos a determinada ocorrência da vigília, naquele dia ou em dias não muitos distantes; constituem a maioria dos nossos sonhos;
- ☞ *reativos*: caracterizam-se por projeções conscientes, advindas de “arranjos ou desarranjos” promovidos pela zona física.

Exemplificando: vamos dormir de estômago cheio e sonhamos com um banquete (arranjo); se nessa mesma circunstância sonharmos que alguém nos feriu o estômago é provável que isso decorra da digestão dificultada (desarranjo).

Tais sonhos, simples, retratando reações físicas da vigília, costumam ser em preto e branco.

Porém, se nos sonhos reativos há fatos ou acontecimentos gravados na zona espiritual, certamente estaremos diante de injunções mediúnicas.

Vejamos um exemplo: ao nos deitarmos para dormir, rogamos aos benfeitores espirituais a graça de, durante o sono, caso tenhamos essa possibilidade, ajudar alguém necessitado. É provável, se não naquela noite mas em outra, ou em muitas, que de fato auxiliemos o próximo, sob direção de equipe espiritual socorrista. Mas é mais provável ainda que não nos recordemos desses encontros, pois eles se passaram em esferas mais altas, sendo incapaz o cérebro físico de registrar as nossas atividades lá, onde outra é a frequência vibratória.

Esses sonhos, mostrando nossas vivências evolutivas, na

maioria são coloridos:

- ☞ *mentais*: emergem da parte espiritual mais profunda do sonhador, daí resultando premonições e avisos para correção de procedimentos envolvendo pessoas conhecidas, desconhecidas, brigas etc.; há possibilidades de comunicação entre o sonhador e tais pessoas;
- ☞ *emocionais*: expõem emoções eventualmente em conflito ou em simbiose (mudança de atitudes ou fortalecimento de laços fraternos); surgem fatos que envolvem pessoas do relacionamento do sonhador ou, às vezes desconhecidas, mas sempre lhe causando fortes impressões quando deles se recorda;
- ☞ *espirituais*: na verdade, são os sonhos que trazem inspirações ou intuições para o sonhador e que lhe possibilitam encontro espiritual com conhecidos seus (geralmente desencarnados);
- ☞ *recorrentes*: são os sonhos que se repetem, por vezes à exaustão, havendo casos bem interessantes em que ocorrem mais de uma vez na mesma noite, por vezes repetem-se por duas ou mais noites seguidas ou então por muitas e muitas noites, seguidas ou intercaladas; de um para outro sonho podem existir pequenas variações, mas o tema central sempre retorna; têm tais sonhos muito a ver com a atividade profissional: muitas vezes acontece se o sonhador é aposentado, pois, anos e anos exercendo tal ou qual atividade, verdadeiramente locupleta a memória de acontecimentos então vistos ou vivenciados;
- ☞ *telepáticos*: sonhos nos quais o sonhador e alguém dialogam, sem ao menos se conhecerem; mas, no sonho, não é percebido esse detalhe, parecendo que ambos são conhecidos de longa data; temos aqui, com grande possibilidade

de acerto, dois espíritos conversando, desprendidos do corpo físico podendo, até mesmo, o interlocutor do sonhador ser encarnado ou desencarnado;

☞ *eróticos*: ainda aqui podemos caldear tais sonhos com aqueles enquadrados como *reflexivos*, posto que, no mínimo no inconsciente, o sonhador mentalizou algo sobre sexo; as cenas do sonho erótico não são necessariamente aquelas que visitaram a tela mental de quem sonha, isso porque a autocensura do inconsciente age e adapta as seqüências; tais sonhos, que na Idade Média eram tidos como visitas do demônio ao sonhador ou à sonhadora, trazem no seu bojo alguma repressão imposta: ou pela moral, ou pelos costumes sociais, ou pela família, ou pela própria personalidade daquele que sonha – ou, caso extremo, pela soma de todas essas patrulhas do comportamento⁶⁵;

☞ *programados*: tais sonhos são raros. Usamos a expressão “programados” quando a pessoa deseja sonhar com um acontecimento específico, nisso se concentrando intensamente durante o dia ou antes de dormir, e o consegue na mesma noite! (Ou em outras, não distantes.) Assemelham-se esses sonhos com algo assim como um passeio ou um cardápio, previamente definidos e executados no tempo *programado*. O objeto do sonho pode ser o encontro com uma pessoa, a realização de um

65. Não devemos, em apressado juízo, afirmar que todo aquele que tem um sonho erótico há de ter andado, nem que seja pelo pensamento, em descaminhos morais. Não! O sexo, maravilhosa bênção divina, faz parte da natureza de cada ser vivo desde sua criação e, assim, não deverá ser motivo de repreensão ou autoperturbação, se vez por outra surgir um desses sonhos, à revelia da vontade. Fator complicador seria sua repetição ou assiduidade. Mesmo nesse caso, nada que um auto-exame não possa corrigir... (N.A.)

projeto, tal como uma promoção, uma viagem de turismo ou profissional, uma visita a um local da infância ou até mesmo a solução para um problema. Às vezes, e isso tem acontecido com frequência, um objeto perdido, após infrutíferas e exaustivas buscas, faz o dono pensar: “Ah! como seria bom se eu o encontrasse no meu sonho...” Então sonha com o local onde está o tal objeto e ao acordar lembra-se e vai lá: confirmado! Em outros casos, um pesquisador que tenha fé nos sonhos quanto ao encontro de uma determinada fórmula de matemática, química ou física, ou ainda à metodologia que deve empregar para chegar a essa fórmula: sonha com a resposta e resolve o problema!⁶⁶

☞ *premonitórios*: de propósito deixamos para encerrar este capítulo o fascinante e antiquíssimo “sonho humano” de interpretar os *sonhos premonitórios*, tidos desde sempre na conta de sobrenaturais.

O encantamento de que se revestem os sonhos premonitórios induz-nos a uma atitude de máximo respeito com os pensadores antigos, modernos e contemporâneos que se debruçaram e se debruçam na investigação de como é que eles, os sonhos, podem acontecer.

Uma coisa é certa: a todos aqueles pesquisadores, com exclusão dos que são espíritas, acometem ardentes perguntas irrespondidas, dando origem a redobradas reflexões, teses e hipóteses, sem que o consenso seja alcançado.

Só para exemplificar, vejamos alguns tipos desses sonhos.

66. Devemos mencionar que, quando esses eventuais sonhadores creditam aos sonhos a realização de seus anseios ou a solução para suas buscas, na verdade estão fazendo uma prece indireta a amigos espirituais, mestres, que podem até mesmo estar encarnados como eles; no desdobramento do sono, encontram-se e recebem de seus amigos mestres a resposta que buscavam. (N.A.)

SONHOS SOBRE TRAGÉDIAS

Existem sonhos que são mesmo impressionantes: noticiam tragédias com antecipação, com detalhes.

1. Titanic

Talvez o acontecimento trágico humano que mais predições teve foi o afundamento do navio Titanic, em 14 de abril de 1912.

Um jornalista inglês, William Thomas Stead, escreveu uma reportagem fictícia na década de 1880, sobre um grande navio de passageiros que afundara no meio do oceano Atlântico. A reportagem foi publicada no *Pall Mall Gazette*. Em 1892, escreveu outro artigo citando uma imaginária colisão de um navio com um *iceberg*, no Atlântico. Em 1910, fez uma palestra, sempre citando a necessidade de os construtores de navios equipá-los com botes salva-vidas suficientes; do contrário, haveria tragédias. Na palestra, citou que ele próprio se via morrendo afogado nas águas geladas, vítima de um naufrágio. Stead, sabendo que a Cia. White Star estava construindo um transatlântico que se chamaria “Titanic”, resolveu consultar vários videntes. Um deles (W. de Kerlor) sonhou que Stead faria uma viagem aos Estados Unidos e via-o junto a mais de mil pessoas, afogando-se e pedindo socorro. Stead nem sequer pensava em viajar.

Mas acabou mesmo como náufrago do Titanic...

Em 26 de abril de 1912, isto é, 12 dias após o naufrágio do Titanic, o Espírito Stead, pela mediunidade da sra. Coates, em Glanberg House, Escócia, comunicou-se. Sabia-se já desencarnado. Pedia preces pelos demais náufragos, os quais ele próprio não podia ajudar, pois que ainda sentia dificuldades. Citou que a maioria dos náufragos, desconhecendo a vida após a morte, sofria terríveis angústias, aturdida ante a situação inesperada. A seguir fez exorta-

ção evangélica, recomendando o não-engrandecimento pelos bens terrenos. Informou que, a seu pedido, ante a iminência da morte, os músicos de bordo tocaram *Perto de Ti, meu Deus, mais perto de Ti!* Narrou que tanta foi a emoção dos músicos executando aquele hino que logo se ouviram espíritos cantando-o em voz melodiosa, espargindo, em profusão, eflúvios de luz suavíssima.

De fato, sobreviventes da tragédia do Titanic relataram que William T. Stead, nos terríveis momentos que precederam a morte, amparava e confortava seus companheiros de desdita (admirável!)

A mensagem mediúcnica de Stead foi publicada no *American Register*, por iniciativa do sr. James Coates, marido da médium.

Morgan Robertson, autor nova-iorquino que em 1898 segundo declarou após ter entrado em transe, escreveu e publicou um romance a que deu o título *Futilidade*. No livro, descrevia que um navio, numa noite gélida de abril, com velocidade imprudente devido às brumas e com três mil passageiros, chocava-se com um *iceberg*. Nome do navio: Titan...

Um negociante de Londres (J. Connon Midleton) sonhou, duas noites seguidas, que via os destroços do Titanic, além dos passageiros e da tripulação nadando ao redor do navio. Cancelou a viagem que havia programado naquele transatlântico...

Anos após a tragédia do Titanic, pesquisadores concluíram que eram autênticas, pelo menos, *19 premonições*, por meio de *sonhos*, transe, visões e vozes.

2. Escola soterrada na Inglaterra

A menina Eryl Mai Jones acordou na manhã do dia 20 de outubro de 1960 e contou à sua mãe que sonhara ter ido à escola, mas que não havia mais escola, pois uma coisa preta tinha tapado tudo. A cidade: Aberfan, na Inglaterra.

Na madrugada do dia 20 para o dia 21 de outubro de 1960 outras pessoas sonharam com tragédias (“pessoas sufocando em meio a mais negra escuridão; uma escola sob uma avalanche de carvão que tinha rolado montanha abaixo; pessoas soterradas”).

No dia 21 de outubro de 1960, ao sul de Londres, a sra. Sybil Brown teve um pesadelo sobre “uma massa negra, encapelada”.

Outras duas pessoas, na Inglaterra, tiveram sonhos parecidos.

Com efeito, após longas chuvas, no mesmo dia, na parte da manhã, uma montanha de meio milhão de toneladas de resíduos de carvão rolou e, numa pavorosa onda de 12 metros de altura, foi varrendo casas e a escola, sepultando-as.

Cento e quarenta e quatro pessoas morreram.

Eryl Mai Jones, uma delas...

Pesquisas posteriores demonstraram que pelo menos 60 pessoas tiveram premonição do desastre, a metade, por meio de sonhos.

O Espiritismo sempre enfatizou o permanente auxílio que os espíritos bondosos dispensam aos necessitados, traduzindo-se por caridade. Em muitos desses atendimentos, valem-se aqueles amigos, quase sempre de forma anônima, dos mecanismos dos sonhos para ofertar avisos ou alertas ao sonhador, fixando-lhe na memória a recordação do que foi sonhado.

Assim ficam explicados muitos sonhos premonitórios.

Sobre sonhos premonitórios temos na literatura espírita a obra *O desconhecido e os problemas psíquicos*, de Camille Flammarion (1842–1925), célebre astrônomo francês e colaborador ativo de Allan Kardec. Essa obra, editada na França em 1900, foi traduzida e editada no Brasil em 1937 (1ª edição em português, 2 volumes) pela Federação Espírita Brasileira (FEB), estando em 2001–2005 na 6ª edição.

Nesse livro encontramos centenas de narrações de sonhos colecionados meticulosamente por Flammarion, tratando de te-

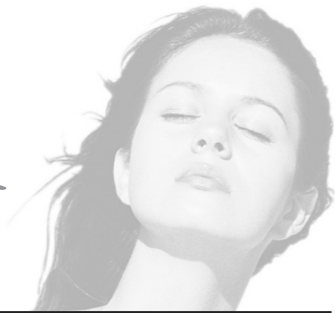
lepatia, visita de espíritos já desencarnados a amigos e parentes e, principalmente, sobre pressentimentos (sonhos premonitórios).

Destaca Flammarion que de alguns desses sonhos foi-lhe possível obter comprovação integral, até porque dois sonhos premonitórios, por exemplo, ocorreram com sua mãe, o que lhe permitiu testemunhar a autenticidade da premonição.

Outrossim, o autor esmerou-se em não tirar conclusões apressadas, apenas investigar e refletir. Assim, oferta aos leitores oportunidade de também analisarem, com ele, o que está narrado e compenetrarem-se por si mesmos do quanto o homem desconhece os fenômenos da natureza, aí incluindo os chamados *sobrenaturais*.

12

Os Sonhos - interpretações



Os sonhos são expressões mentais, quase sempre simbólicas, buscadas no íntimo mais íntimo do indivíduo e expostas ao consciente, como lembrança, em partes ou por inteiro.

Sonham todas as criaturas humanas e a maioria dos animais, conforme está cientificamente comprovado.

No homem, a atividade psíquica é parte integrante da vida.

Diz-nos a psicologia que o único estado sem sonhos é a morte.

Mas para o Espiritismo nem na morte os sonhos cessam, eis que a Doutrina Espírita demonstra, com lógica, a continuidade da vida no plano espiritual, expondo-nos multiplicados casos nos quais os espíritos sonham.

Sonhos, na essência, são espetáculos protagonizados por inúmeros personagens, mas assistidos e às vezes compartilhados por um único espectador: aquele que sonha e que só ao acordar fica sabendo que era o único ser real naquela “irrealidade”.

Os sonhos, se possibilitam multiplicidade de deduções ou de interpretações, impõem unicidade de interesse ao sonhador.

Interpretar sonhos sempre foi meta perseguida pelo ser humano, que lhes atribuía conteúdo mensageiro (avisos, conselhos,

reprimendas, ameaças, fatos do futuro etc.), vindo da parte de entidades celestiais.

Os sonhos ocuparam os seguintes degraus no conhecimento humano, como vimos em páginas anteriores:

- a. Da Antiguidade até Freud, eram manipulados apenas por sacerdotes, “iniciados em ocultismo”, ou adivinhos, desprovidos estes de estudo, mas contemplados “pelos deuses” ou “pelo destino”, com tal atributo;
- b. A partir de Freud os sonhos deixaram as especulações de intérpretes místicos ou interesseiros e tiveram assento em pesquisas subordinadas ao método científico;
- c. Com Adler, foram incluídos na vida psíquica, enquadrada esta na vontade de poder do ser humano, resultante de um complexo de inferioridade, em razão da dependência que cada um experimenta em sua infância;
- d. Com Jung, associaram-se o componente sexual (de Freud), o impositivo da vontade de poder (de Adler), mas profundamente mergulhados no repositório universal da civilização (o inconsciente coletivo).

Antes de comentarmos o que o Espiritismo registra sobre os sonhos, façamos um breve retrospecto de como essa importante atividade psíquica era considerada por várias civilizações, sendo necessário fazermos um passeio pelo tempo.

ANTIGUIDADE

Sacerdotes egípcios

Aproximadamente dois milênios antes de Jesus, no antigo Egito, todo indivíduo perturbado pelos sonhos era encerrado

num templo onde deveria dormir, tendo seus sonhos (símbolos sonhados) interpretados *in loco* por um sacerdote para se livrar do problema.

O processo se denominava “incubação do sonho”.

Não era esse o caso dos faraós, julgados deuses, eles próprios, a partir de 950 a.C.

Os gregos

Mais uma vez, agora nos sonhos, vamos encontrar na Grécia antiga bases sólidas do conhecimento humano, transcendendo, em muito, o que então era pensamento oficial das outras civilizações.

Pela mitologia, Hypnos – o deus do sono, filho de Érebo e da noite e irmão gêmeo de Tântatos, a morte – tinha um filho: Morfeu – o deus dos sonhos. Este sempre trazia uma papoula na mão, com a qual acariciava aqueles que dormiam, trazendo-lhes sonhos. Ele também representava seres humanos em sonhos.

Como se depreende do significado mitológico, Hypnos, bom pai (deus do sono), protegia seu filho Morfeu, que, por sua vez, reinava sobre os sonhos. Vem daí, talvez, a assertiva freudiana de que “o sono é o guardião dos sonhos”⁶⁷.

Cerca de nove séculos antes de Cristo, os doentes eram encaminhados para dormir em templos específicos, morada de “deuses do corpo”. Ali deveriam permanecer por semanas, até que um sonho, vindo daqueles deuses, lhes promettesse cura e saúde.

São inúmeras as citações de filósofos gregos sobre os sonhos:

67. *Hypnos* originou, na língua portuguesa, *hipnose* e seus derivativos; *Morfeu*, por sua vez, originou: no latim, *Morpheus*, no alemão *Morphin*, no francês, *Morphine* e em português, *morfina* (poderoso analgésico). (N.A.)

- a. Heráclito (544–483 a.C.) opinava que os sonhos eram peculiares ao sonhador, excluindo deles a influência dos deuses;
- b. Zenão, ou Zênon de Eléia (490–445 a.C.), criador da dialética – método de raciocínio que consiste em analisar a realidade pondo em evidência suas contradições e buscando superá-las –, segundo Aristóteles, proclamava que a análise dos nossos sonhos é essencial ao autocohecimento. (É verdade...)
- c. Platão (428–348 a.C.) defendia que os sonhos afetam o indivíduo, levando-o a influenciar-se por eles;
- d. Aristóteles (384–322 a.C.) pulverizou a idéia de que os sonhos continham mensagens dos deuses: sugeriu que os sonhos eram reflexos dos acontecimentos da vigília. Teorizou que sonhos poderiam ser indicativos de doenças, cujo diagnóstico estaria subordinado a médicos. Essa idéia era a mesma de Hipócrates (460–357 a.C.), fundador da medicina moderna. Aristóteles também propôs, com acerto, que muitos sonhos nada mais eram do que lembranças fragmentárias de fatos acontecidos na vigília do dia.
- e. Galeno de Pérgamo (129–199 d.C.), físico greco-romano, defendia igual parecer quanto ao fato de os sonhos serem reflexivos da jornada e principalmente do estado orgânico do sonhador.

Os romanos

Já entre os romanos, encontramos o adivinho Artemidoro (150 d.C.), de Éfeso, autor do livro *Oneirocriticon*, traduzido para o inglês (*The Oneirocritica*), publicado em 1975 pela Park Ridge,

Nova Jersey, Estados Unidos. A obra, composta de cinco volumes e baseada em estudos das civilizações egípcia e grega, influenciou largamente toda a pesquisa sobre sonhos. Argumentava ele que os sonhos são “para quem os sonha”, relacionando-se com símbolos de profissão, condição social e saúde da pessoa.

Com notável percepção do que são os sonhos, anotou:

- ☞ não há regras para a interpretação dos sonhos, pois eles diferem quanto ao significado, de pessoa para pessoa, de época para época;
- ☞ numa mesma noite o sonhador poderá ter sonhos bons ou maus;
- ☞ num mesmo sonho poderão acontecer coisas boas ou más;
- ☞ para interpretar-se um sonho há de se considerar o nome, a profissão do sonhador e em que condições ocorreu;
- ☞ há sonhos do dia-a-dia, de pouca repercussão emocional, e há sonhos que trazem imensa carga de emoções;
- ☞ pioneiro em auto-análise, precursor da chamada “associação livre” (técnica psicanalítica empregada por Freud), buscava sempre fazer emergir à mente fatos que o sonho de algum modo indicasse; a diferença entre Artemidoro e Freud é que o primeiro considerava que ao intérprete cabia definir o significado do símbolo onírico e não ao sonhador;
- ☞ proclamava que pelos sonhos os deuses ajudavam o sonhador, mas que este não deveria aventurar-se em questioná-los ou fazer-lhes perguntas, e, sim, agradecer-lhes a cada dádiva (resposta a dúvidas) recebida.

Ainda na Itália, surgiu no século quarto um outro *Onei-*

rocriticon, de autoria de Astrampsico, propondo interpretação metafórica aos diversos sonhos, isto é, o objeto do sonho não representaria esse mesmo objeto, e sim um outro, transposto por analogia.

Os cristãos

Para alguns cristãos os sonhos eram originários do sobrenatural.

- a. São João Crisóstomo (347–407 d.C.) pregava que os sonhos revelavam Deus. Concebia que não temos responsabilidade pelos nossos sonhos e pelas imagens neles criadas, motivo pelo qual deles não temos que nos envergonhar.
- b. São Jerônimo (342–420 d.C.) e Santo Agostinho (354–407 d.C.) declararam que seus sonhos traçaram rumos em sua vida. Referindo-se aos sonhos eróticos, São Jerônimo afirmava que eram enviados pelo demônio.
(Ainda no século treze a Igreja Católica sustentava que a maioria dos sonhos era de inspiração do demônio, já que só ela, Igreja, era intérprete da palavra de Deus e que outros canais de revelações – sonhos dos indivíduos, dentre eles – só poderiam mesmo ser de origem demoníaca).
- c. Martinho Lutero (1483–1546) opinou que “o pecado é aliado e pai de sonhos sujos”.

Os aborígenes

Muitos são os povos indígenas que, a exemplo dos homens pré-históricos, valorizam os sonhos, dos quais se utilizam para

decisões e diretrizes de vida, por vezes até mesmo considerando-os indispensáveis à sua sobrevivência.

ERA MODERNA (PSICÓLOGOS/PSICANALISTAS)

Freud

Pesquisas sérias para interpretar sonhos, com metodologia, tiveram início com Freud, que a princípio passou a analisar os próprios sonhos.

Médico e neurologista, atendendo pacientes com sintomas de doenças físicas, Freud percebeu que, em muitos casos, nada havia de errado com o corpo deles. Aí, inovou: utilizando primeiramente a hipnose, aprendida criteriosamente nos cursos do célebre neurologista francês Jean Martin Charcot (1825–1893), identificou que referidos pacientes traziam, submersas, lembranças insuportáveis, geradoras de fobias, como defesa orgânica contra males maiores.

Sonhos, nesse contexto, formaram expressivo painel de novas idéias e lembranças quando os pacientes os narravam. E os sonhos também revelavam uma das vias de acesso ao conteúdo neurótico (conflitos emocionais, desembocando naqueles sintomas físicos sem doença real).

Freud defendia que no sonho o ego (centro de realidade do indivíduo, isto é, sua personalidade) se recolhia, permitindo que o id (parte da personalidade que abriga os desejos inconscientes) tivesse ampla liberdade para, agitando-se, revolver vontades insatisfeitas e desejos irrealizados – geralmente ligados a impulsos sexuais. Em conseqüência, concebeu o discutido Complexo de Édipo.

Para Freud, os desejos do homem, não podendo expressar-se à luz da realidade, disfarçavam-se e manifestavam-se por meio dos

sonhos (agora, nesse caso, e inversamente, os sonhos é que passam a ser os verdadeiros “guardiães do sono” e censores da moral, objetivando preservar a sanidade do sonhador).

Pela “associação de idéias”, o consagrado pesquisador do psiquismo conduziu todos os seus esforços a fim de alcançar a interpretação efetiva dos sonhos, próprios e de seus pacientes.

Partiu ele da premissa de que sonhos trazem à tona desejos escondidos no inconsciente. Tal acontece, mas nem sempre...

Há casos em que condicionantes orgânicas determinam o sonho:

- ☞ *polução noturna* (emissão involuntária de esperma, em geral durante o sono): não raro, ocorre em meio a um sonho erótico, não resultando em danos nem físicos, nem morais;
- ☞ alguém dorme e algum tempo depois tem necessidade de urinar e aí sonha que está urinando, continuando a dormir; só ao acordar, às vezes bem mais tarde, atenderá àquela necessidade fisiológica (sem trocadilho: ficará aliviado ao perceber que tudo não passou de sonho...)⁶⁸

Freud defendia que todos os sonhos representam a realização de um desejo, podendo tal representação ocorrer:

A. ÀS VEZES, DE FORMA DIRETA

68. Embora não seja tema desta obra, permitimo-nos citar aqui a enurese, termo que designa a micção feita na cama, durante o sono, por crianças que ultrapassam a idade de dois a três anos. Muitas crianças não conseguem vencer a tendência de molhar a cama até que a bexiga tenha crescido suficientemente de modo a reter a produção de urina noturna (cerca de 300 centímetros cúbicos). Normalmente, conseguem esse domínio entre os quatro e os cinco anos. A enurese não deve ser uma fonte de ansiedade nem para os pais, nem para a criança. Se a criança for tratada brutalmente, o problema não só pode se tornar mais grave, mas também a angústia e a perturbação psicológica da criança podem tornar-se mais profundas. (N.A.)

- ☞ a pessoa vai dormir com sede e sonha que está bebendo água;
- ☞ uma pessoa acaricia alguém que está dormindo e o sonhador, no mesmo instante, passa a sonhar que está sendo alvo de agradáveis carícias, prodigalizadas por alguém que nunca viu, mas isso não lhe causa a menor surpresa;
- ☞ há o caso daquele que aciona o despertador, que realmente dispara o alarme na hora prevista, mas o sonhador incorpora o som (principalmente se for musical) ao sonho que estava tendo e assim perde a hora...

Na sua famosa obra *A interpretação dos sonhos*, já citada, que pode ser considerada a “certidão de nascimento” da psicanálise (1900), relata vários sonhos nos quais um estímulo externo vai ser incorporado ao sonho:

- ☞ alguém dorme com os pés sobre uma bolsa de água quente e sonha que sobe a encosta de um vulcão;
- ☞ alguém dorme com roupa apertada no colarinho e sonha que está sendo enforcado.

Dependendo do momento atual do sonhador, poderá ser a realização de um desejo (no caso dos carinhos) ou um pesadelo (no caso do enforcado) quando o momento é de intenso conflito ou de desprazer (bolsa de água quente, por exemplo)⁶⁹.

B. ÀS VEZES, DE FORMA INDIRETA

Nesses sonhos, também visualizava desejos reprimidos, só

69. Do ponto de vista fisiológico, o sonho é protetor do sono e por isso incorpora muitas vezes estímulos externos, como a música do despertador, por exemplo, para não haver interrupção do processo de descanso e recuperação de energias do corpo (N.E.)

que a repressão vinha da infância. Alojava seus pacientes num divã, em repouso, sem vê-lo, em ambiente de absoluta calma, forjando clima onírico, qual se estivessem no recolhimento do próprio quarto e com a privacidade ímpar que a falta de censura confere. Quase sempre de olhos fechados, os pacientes narravam seus sonhos.

Nesse contexto, objetos, palavras e ações – mas principalmente símbolos – eram sempre acoplados por Freud à conotação sexual.

Dependendo da forma, os objetos teriam significado masculino ou feminino: representariam, em última análise, os órgãos genitais do homem ou da mulher.

Como todas as demais, essas generalizações mostraram-se indevidas; eis que a infinidade de fatos arquivados na memória, neles incluindo-se os das vidas passadas, que por vezes afloram nos sonhos da presente existência, desautorizam por inteiro diagnósticos interpretativos que incluam *apenas* a temática sexual.

Seria imperdoável leviandade criticar o fantástico acervo de pesquisas do psiquismo que Freud legou à psicologia.

Não: não incorreríamos nessa irresponsabilidade.

O que registramos, tão-somente por estarmos brindados com as luzes do Espiritismo, é que vemos com inconstante pesar o fato de o grande cientista ter excluído a reencarnação de suas análises, desprezando sua irretorquível lógica, dotada de bom senso.

Sim: tivesse ele incorporado às suas brilhantes idéias o entendimento das vidas sucessivas, que patenteiam a sabedoria de Deus e o incomparável equilíbrio da Sua justiça, teria legado não apenas à psicologia, mas a toda a humanidade, talvez o maior de todos os feitos científicos de todos os tempos, por ser um dos raros referentes ao espírito.

Suas idéias chocaram o mundo todo, principalmente as relativas à hostilidade dos filhos a um dos pais, geralmente o do sexo

oposto, gerada por suposta rivalidade sexual incestuosa.

Jung

Descreveu como sendo “complexo” os chamados “impulsos ocultos” dos seus pacientes.

Discordou de Freud quanto ao fato de os sonhos, em associação livre, identificarem as neuroses, emoções ou desconfortos.

Símbolos: Jung preocupou-se em descobrir qual a mensagem do sonho, expressada por um símbolo em particular. Preconizava que cada símbolo, de cada sonho, só poderia ser analisado especificamente em relação à vida do próprio sonhador. Por exemplo: para Freud, o círculo, universalmente, simbolizava a sexualidade feminina. Para Jung, o círculo seria a integração da personalidade, podendo ser o símbolo da totalidade.

Jung considerava que os sonhos deveriam ser analisados em série (ou análoga à usada para sonhos anteriores) e não isoladamente.

Como Freud, louvou-se nos próprios sonhos para estabelecer as premissas que defendia.

Ao conceituar o “inconsciente coletivo”, baseou-se no fato de que seus pacientes, religiosos ou não, sonhavam com temas semelhantes: mitos, lendas, heróis, heroínas, escravos romanos, magos, princesas astecas, homens sábios. Encontrando os mesmos símbolos em sonhos de tribos primitivas, deduziu que existia um determinado arquivo mental, universal, impessoal e fonte da civilização em todos os tempos: a esse nível mental global denominou inconsciente coletivo.

Jung proclamou que o homem seria mais feliz à medida que mais e mais sintonizasse com o inconsciente coletivo, repositório de sabedoria de todas as eras. Essa ligação *indivíduo–inconsciente coletivo* se dava por meios espontâneos, desde que a sintonia com

o plano psíquico se efetivasse, daí fluindo os sonhos, visões, inspirações e imaginação ativa.

Jung autodividiu-se, mentalmente, em dois: o nº 1 e o nº 2, ambos, co-habitando nele e em permanentes conflitos⁷⁰.

Antes de cursar medicina, jovem ainda, estava procurando urgentemente decidir que carreira profissional seguiria. Foi quando teve três sonhos que para ele foram a solução da sua dúvida e “selaram meu destino”, conforme registrado em sua autobiografia.

No primeiro, caminhava através de uma floresta sombria. Chegando a uma colina, pôs-se a cavar, encontrando ossos de animais pré-históricos.

Compreendeu que deveria estudar a natureza.

No segundo sonho, encontrava-se de novo numa floresta, vendo emergir de um açude circular um animal extraordinário, o que despertou nele o desejo de saber, no campo das ciências naturais.

No terceiro sonho, protegia pequenina luz, em meio a uma tempestade, sendo seguido por um vulto negro.

Ao acordar, identificou:

- ☞ na *luz*, sua consciência;
- ☞ na *tempestade*, as dificuldades da vida;
- ☞ no *vulto negro* que o seguia, a própria sombra – que intuiu ser o passado.

Aqui, não padecem dúvidas: Jung aceitava a existência de *vidas passadas*.

— Jung apropriou-se de várias expressões para dar-lhes signi-
70. Inescapável a leigos, como nós, associar esses conceitos aos de Freud, com outros nomes (ego, id) e o que atualmente a psicologia denomina de *consciente e inconsciente*; indo além, arranhando talvez a pureza científica, mas com certeza pondo em evidência o eterno problema do ser humano, debatendo-se entre a prática do bem ou do mal, lembramo-nos do conflito permanente de ter de optar pela “porta estreita” ou pela “porta larga”, citadas no inesquecível alerta do Mestre Jesus. (N.A.)

ficado psíquico:

- ☞ *complexo*: associação de sentimentos, lembranças, imagens inconscientes, reprimidos e carregados de afeto; (Termo pouco utilizado por Freud, apenas em casos restritos: “complexo de castração”, “complexo de Édipo”);
- ☞ *persona*: como queremos que o mundo nos veja (por isso, é a *persona* que apresentamos a ele);
- ☞ *sombra*: o oposto de *persona* (aquilo que ocultamos do mundo);
- ☞ *sincronicidade*: eventos importantes simultâneos⁷¹;
- ☞ *animus* (palavra latina: alma): contraparte masculina da imagem da alma, está presente na mulher [a contraparte masculina da alma do homem é a sombra];
- ☞ *anima* (palavra latina: alma): contraparte feminina da alma, está presente no homem [a contraparte feminina da alma da mulher é também a sombra];
- ☞ *introvertido*: pessoa cuja afetividade e centro de interesses estão dirigidos preferencialmente para si mesma;
- ☞ *extrovertido*: pessoa expansiva, falante, comunicativa.

Sobre os sonhos, dissertava que eles eram uma parte vital do equilíbrio psíquico do indivíduo e um saudável indicador de como a vida deve ser aceita.

Se formos sinceros, pela proposta junguiana, nossos sonhos nos revelarão também nossa parte não-aceita da *persona*, aquela

71. No seu livro de memórias, já citado nas páginas 125-126, narra o impressionante fato de ter acordado às duas horas da madrugada, sobressaltado, com a sensação de dor surda na cabeça, como se algo tivesse batido na frente e ricocheteadado na parte posterior do crânio; teve a nítida impressão de que a porta do seu quarto fora abruptamente aberta e alguém adentrara, o que não aconteceu; mas, no dia seguinte, ficou sabendo que um paciente seu suicidara-se precisamente àquela hora, com um tiro na cabeça, tendo a bala se detido na parte posterior do crânio... (N.A.)

cuja face ostensiva escondemos do mundo, mas que por vezes atribuímos aos outros.

As queixas de vazio, de isolamento e de solidão das pessoas idosas, para Jung, se traduziriam pelo inconsciente afastamento delas da soberba riqueza ofertada por uma vida emocional plena.

ERA CONTEMPORÂNEA

A maioria dos estudiosos contemporâneos dos sonhos iniciou suas pesquisas tendo por orientação as indicações de Freud e de Jung.

Alguns logo as abandonaram...

De Freud, não aceitaram que os sonhos desnudam desejos sexuais reprimidos, menos ainda que os símbolos-objetos, dependendo da sua forma, em *associação livre*, podem representar os órgãos genitais masculinos ou femininos.

De Jung, há a dificuldade para equacionar a ligação psíquica do indivíduo com o todo, isto é, do *inconsciente individual* com o *inconsciente coletivo* – proposições junguianas que merecem largos créditos de não poucos psicólogos.

Já para outros psicólogos da atualidade, o que se deve privilegiar é a análise de muitos sonhos de um mesmo indivíduo, para então deles formar o painel psicológico, com os devidos reparos a serem feitos, suprimindo desconfortos emocionais e acrescentando diretrizes construtivas da personalidade.

Os defensores da *Gestalt* (palavra alemã: todo, completo) utilizam a técnica interpretativa dos sonhos observando a expressão corporal do sonhador ao narrá-los (expressão facial, voz, representação etc.).

Existem aqueles que estabelecem sérias reservas às conclusões freudianas e junguianas, argumentando que ambos elaboraram suas teses baseados em pacientes em desequilíbrio físico e/ou psíquico.

Existem, ainda, psicólogos que nem sequer dão crédito aos sonhos, considerando-os sem significado para a vida.

E também alguns defendem que os sonhos recentes se sobrepõem aos anteriores, aqueles apagando estes, como uma regravação em uma mesma fita, geralmente de algo diferente sobre o que já existia.

Traduzir a mensagem do sonho sempre foi um dos objetivos do ser humano.

Tantas são as opiniões – ora concordes, ora discordantes entre si, porém todas sérias e fruto de demoradas análises –, que nos resta um imenso cipoal de teorias e proposições. Embora seus autores, consagrados por inegáveis méritos intelectuais e de disciplina científica, lograssem acertos, não menos verdade é que, em muitos casos, a aplicação da sua interpretação onírica resulta em insuficiência de convencimento.

A ciência, nessa infatigável e heróica busca (decifrar o que o sonho significa e o que representa para o sonhador), decisivamente ainda não encontrou o veículo adequado para viajar com segurança no oceano instável dos sonhos – ora calmo, ora revolto; ora raso, ora profundo; ora claro, ora escuro. Pois todos nós – sem exceção – tivemos sonhos felizes, mas também vez por outra já fomos visitados por pesadelos...

Aquele veículo existe: o Espiritismo!

Antes de embarcarmos nele, para a fabulosa viagem filosófica que oferta – no nosso caso no trecho oceânico da vida que abrange os sonhos –, façamos mais alguns preparativos...

SÍMBOLOS ONÍRICOS

É vastíssima a lista dos símbolos que são observados dentro dos sonhos, não sendo menor o rol dos “adivinhos” que os interpretam.

Incontáveis, também, os livros que ofertam a “verdadeira

interpretação dos seus sonhos”, detalhando a mensagem oculta em cada símbolo, em cada sonho, pessoa a pessoa.

Contudo, tanto na ciência quanto na religião, temos conceitos abalizados, recomendando prudência na análise dos sonhos.

Jung, no seu trabalho *Sobre a natureza dos sonhos*, alerta:

Mesmo uma pessoa experiente neste assunto é obrigada, várias vezes, antes de cada sonho, a admitir sua ignorância e, renunciando a todas as idéias preconcebidas, preparar-se para algo completamente inesperado”.

Ouçamos agora Allan Kardec, o codificador do Espiritismo:

- ☞ em *O Livro dos Médiuns*, cap. VI, item 101: “Não ofenderemos o bom senso dos leitores refutando o que há de absurdo e ridículo no que vulgarmente se chama de interpretação dos sonhos”;
- ☞ em *A Gênese*, cap. XV, nº 3: “Sonhos: não se deve inferir que todos os sonhos são avisos, nem, ainda menos, que tem uma significação tudo o que se vê em sonho. Cumpre se inclua entre as crenças supersticiosas e absurdas a arte de interpretar os sonhos”;
- ☞ em *O Livro dos Espíritos*, questão 404: “Os sonhos não são verdadeiros como o entendem os ledores de *buena dicha*, pois fora absurdo crer-se que sonhar com tal coisa anuncia tal outra”⁷².

Aprendizes menores que somos do mestre Kardec e dos espíritos que por seu intermédio legaram-nos a Terceira Revelação

72. Kardec se referia à arte vulgar de interpretação dos sonhos e não aos processos psicológicos hoje empregados na terapêutica, inexistentes à sua época. (N.A.)

(o Espiritismo), neste trabalho não nos permitiremos sequer uma única interpretação onírica.

Os próprios psicanalistas e psicoterapeutas, devidamente credenciados para o exercício profissional, são unânimes em repetir, com Freud e Jung, que os sonhos têm interpretações de pessoa para pessoa. E mais: sonhos idênticos de um mesmo sonhador, em épocas diferentes, podem ter também significados diferentes, consentâneos com seus momentos psicológicos, suas ações físicas e mentais da vigília.

Exemplificando: alguém sonha com uma promoção profissional. Citada promoção, naquela época, era aguardada, sim. Muito tempo depois (já na condição de aposentado) sonha novamente com uma promoção. O provável é que, no segundo sonho, a lembrança da promoção seja ativada por fato indireto da vigília (um filme, uma notícia de jornal etc.), trazendo assim, à tona, o fato que dormia na memória.

Ora, nesse caso, se alguém afirmar que sonhar com promoção no emprego quer dizer isso mesmo, no segundo sonho vai errar inapelavelmente.

Marie Louise von Franz – aluna e posteriormente colega de Jung – preconiza que “o sonho é sempre único, sempre vem no momento certo. É uma mensagem dos poderes do instinto, os poderes do inconsciente coletivo, uma mensagem que vem em um momento específico, durante uma determinada noite, com um significado específico para o sonhador”⁷³.

Agora, mesmo no Espiritismo, diferentemente da interpretação dos sonhos por meio de símbolos, encontramos judicioso estudo de Léon Denis na sua obra *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*, cap. V, sugerindo que determinados vestígios das atividades

73. In Sozzi Holbeche. *Como os sonhos podem nos ajudar*. 10ª ed. São Paulo: Cultrix, 1997. (N.A.)

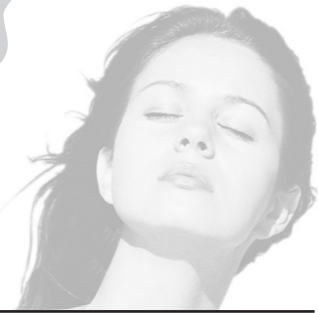
executadas nos sonhos são indicativo seguro do grau de desprendimento do espírito do sonhador.

Assim raciocina o eminente pesquisador, escritor e orador espírita, quanto ao que se pode depreender dos diferentes sonhos:

- ☞ quando voamos, quando deslizamos com rapidez pela superfície do solo, significa isso a sensação do corpo fluídico, ensaiando-se para a vida superior;
- ☞ sonhar que subimos sem cansaço, com facilidade surpreendente, através do espaço, sem embaraço nem medo, ou então que estamos pairando por cima das águas; atravessar paredes e outros obstáculos materiais sem ficarmos admirados e praticar atos que são impossíveis enquanto estamos acordados, não é a prova de que nos tornamos fluídicos pelo desprendimento?
- ☞ tais sensações, tais imagens, que comportam completa inversão das leis físicas que regem a vida comum, não poderiam vir ao nosso Espírito, se não fossem o resultado de uma transformação do nosso modo de existência.

13

Os Sonhos e o Espiritismo



MECANISMOS ESPIRITUAIS DOS SONHOS

De tempos imemoriais há o conceito místico de que cada ser humano tem uma alma e que ela habita o respectivo organismo enquanto há vida abandonando-o na morte.

A ciência atual (medicina psicossomática) está propensa a aceitar igualmente que o homem não é formado apenas do corpo físico, havendo nele uma contraparte invisível. Nos pacientes, quando apegados a uma determinada crença religiosa, essa contraparte manifesta-se mais forte e influencia o cérebro e todo o sistema nervoso central, comandando ações tendentes a uma melhor convalescença e cura mais rápida, fato mais atenuado nos não-religiosos.

Proclamam todas as religiões que o corpo é mortal e a alma imortal. Assim, a todos os religiosos é inescapável deduzir que, se a alma é indestrutível e se na morte deixa o corpo físico, logicamente irá, estará ou permanecerá, em algum lugar que não o plano de vida terrena.

À exceção de comprovadas aparições ou comunicações entre ela, alma, e nós encarnados, não é rotina ver-se nem conviver-se com mortos, do modo como se vêem e se convive com os vivos.

Não poucas correntes do pensamento religioso (Hinduísmo, Jainismo, Budismo) também proclamam, isso desde as brumas do passado longínquo, que a *mesma alma* habita de forma incessante *novos corpos*, um a cada existência física – sistema da reencarnação, em vidas sucessivas.

Nos tempos modernos, de forma científica, porque comprovada em inúmeras experiências conduzidas com método analítico, o Espiritismo codificado por Allan Kardec (1804–1869) traz em seu bojo preciosas informações filosóficas e religiosas sobre a reencarnação.

Para o Espiritismo, o contexto reencarnacionista não é apenas um permanente ciclo de nascer, viver, morrer, renascer, reviver, tornar a morrer e assim prosseguir, num moto-contínuo existencial. Pelos postulados espíritas, os espíritos são criados por Deus “simples e ignorantes”, equipados da bênção da eternidade, iniciando desde logo rota evolutiva rumo ao infinito, aprendendo sempre. Nessas jornadas, ora no plano espiritual, ora no material, vai o indivíduo exercitando sua inteligência, aprendendo a ouvir a consciência e exercitando o livre-arbítrio, agindo mediante escolha individual.

Tais os instrumentos que lhe são doados pelo Criador, desde sua criação e ingresso na racionalidade, para possibilitar-lhe constante ascensão evolutiva, rumo à felicidade:

- ☞ pela inteligência, resolverá os problemas ofertados pelo dia-a-dia;
- ☞ pela consciência, será informado do que é bom ou mau, bem ou mal;
- ☞ pelo livre-arbítrio, decidirá como agir em toda e qualquer circunstância.

Existências sobrepostas umas às outras, não tardará (em termos de eternidade espiritual) e terá considerável acervo de conhecimentos, tanto das leis físicas quanto das morais.

Seus atos bons rendem harmonia, equilíbrio, paz.

Os maus trazem a necessidade de reparação.

Essas premissas englobam as Leis de Justiça e de Ação e Reação.

A reencarnação é, seguramente, o mais explícito comprovante da imortalidade da alma; eis que ela, quando separada do corpo físico pela morte, vem do plano espiritual comunicar-se, via mediúnica, com os que ainda estão na matéria em um precioso intercâmbio de notícias de que há registros indubitáveis ao longo dos milênios.

Com lógica e bom senso, apoiado em informações trazidas pelos espíritos protetores, por meio de pesquisadores honestos e dedicados, bem como utilizando médiuns seriíssimos, e por isso mesmo todos eles respeitados e consagrados, o Espiritismo presta valioso esclarecimento sobre os corpos do homem.

Até mesmo alguns estudiosos espíritas defendem que o homem é formado por físico, perispírito e espírito.

A literatura espírita é pródiga no trato desses três corpos.

Contudo, já há “jurisprudência doutrinária” preconizando, em complemento, que na verdade o homem tem cinco corpos: o físico, o *duplo etérico*, o perispírito, o *mental* e o espírito.

Vejamos algumas notas sobre esses cinco corpos.

CORPOS DO HOMEM

1) Corpo físico

Nosso corpo físico é um bem organizado conjunto de aproximadamente 70 (!) trilhões de células, aglomeradas em sistemas

nervosos (central, periférico e vegetativo), formadoras de esqueleto, órgãos, tecidos e fluidos diversos. No comando geral desse sublime equipamento está o cérebro, coordenando funções vitais, a recepção de mensagens sensoriais e as providências decorrentes.

Trocando em miúdos: tudo o que acontece no nosso corpo é decidido pelo cérebro, sede do sistema nervoso central, ao qual os outros dois sistemas nervosos estão ligados. Isso inclui, além do funcionamento vegetativo das glândulas exócrinas e endócrinas, os vasos sanguíneos e os músculos lisos das vísceras.

O sabor dos alimentos, a temperatura ambiente ou de qualquer objeto, a textura, a identificação de sons e ruídos são outros acontecimentos físicos que o cérebro define de forma consciente.

Já a respiração, digestão, produção hormonal etc. são outros tantos fatos rotineiros que acontecem durante a vida toda e dos quais nem sequer tomamos conhecimento, já que o cérebro providencia sua execução, à revelia da consciência do indivíduo.

Porém... há fatos que movimentam os sentimentos.

É nessa ocasião que a personalidade, o caráter e as circunstâncias ambientais ou psicológicas daquele instante irão desencadear reações de rotina ou, às vezes, totalmente inesperadas.

Exemplificando: quando um pobre pede esmola a alguém que está saindo de um recinto religioso, há enormes chances de ser contemplado com generosidade. Se esse mesmo alguém recebe o pedido quando sai do campo de futebol no qual seu time acaba de ser derrotado, há também imensa probabilidade de o pedinte nem sequer merecer-lhe atenção.

Por esse corriqueiro exemplo deduzimos que um indivíduo, colocado duas vezes diante da mesma situação, em estados emocionais diferentes, reage a ela ora de uma forma, ora de modo oposto.

Nas duas ocasiões a mente teve de administrar as decisões,

conflitantes entre si, tomadas pelo espírito:

- ☞ determinar ao cérebro o cumprimento da decisão do “escalão superior”, o espírito, que tanto pode ter sido doar ou negar;
- ☞ enviar ao centro da memória o videoteipe dos fatos;
- ☞ protocolar o “recurso” impetrado pela consciência, no caso da negativa da esmola (a consciência é bendita “promotora pública”, sempre erguendo a bandeira do bem, da caridade, em defesa dos mais fracos, oprimidos, necessitados...);
- ☞ aguardar julgamento espiritual oportuno: arrependimento ou arquivamento...;
- ☞ arrependimento: reconstruir o que “destruiu” (no caso, se possível, correr atrás do pedinte e atendê-lo com fraternidade);
- ☞ arquivamento: ficará na memória a lembrança dos detalhes da negação e emergirá quando, geralmente após a desencarnação, revir sua vida, decidir pelo arrependimento e aí, em nova oportunidade (nova vida, nova encarnação), agir como no item anterior...

Como vemos, não é fácil à mente administrar os atos do espírito, reflexivos ou pensados.

No espaço diário da vigília, quantos acontecimentos, na maioria comezinhos, perpassam pelo nosso dia-a-dia? Será de todo fugaz o esforço que fizemos para rememorar todos eles, um por um.

A título de brincadeira se diz “se não me lembro nem mesmo do que comi no almoço de ontem, quanto mais no de anteontem!”

Se o leitor duvida, diga em dez segundos o seu cardápio de ontem.

Conseguiu? Ótimo, parabéns! Agora diga o que almoçou

exatamente há uma semana...

Naturalmente, quase todos não saberão responder.

Entretanto, a memória de cada um sabe! Como?

Se voltarmos ao que já foi dito até aqui, relembremos os indecifráveis processos de atividade psíquica de que dispomos, denominados:

- a. pela psicologia: consciente, subconsciente e inconsciente;
- b. pela psicanálise: id, ego e superego;
- c. pelo Espiritismo: corpo, espírito e perispírito.

É preciso algum esforço, alguma abstração e capacidade de concessão a essências comparativas para acoplarmos os três fundamentos das diferentes correntes do pensamento. Se o leitor conseguir situar-se nesse patamar meramente abstrato, nem que seja por instantes, não será difícil captar que, no fundo, as premissas são coincidentes: mudam os rótulos e a embalagem, mas o conteúdo é o mesmo.

Dizem-nos tais premissas que o homem tem departamentos internos que, sob comando de um gerente também interno, organizam a recepção e destinação do que a vida lhe oferece. Nesses departamentos há escriturários fiéis que anotam absolutamente tudo. Tais anotações têm diferentes destinos:

- a. as de utilização imediata, tais como o parágrafo anterior deste livro: que dia da semana é hoje etc., ficam em suspensão no “arquivo vivo” (consciente, id, cérebro físico);
- b. as de utilização permanente, tais como tomar banho diário, alimentar-se, dirigir automóveis, traduzir idiomas estrangeiros etc., devem ir para o “arquivo em potencial”

- (subconsciente, ego, memória cerebral);
- c. as que já foram utilizadas e das quais pouco se recorda formam o “arquivo morto” (inconsciente, superego, memória espiritual)⁷⁴.

2) Duplo etérico

Temos três opiniões de consagrados autores espíritas:

O Espírito André Luiz, em *Nos domínios da mediunidade*, cap. 11, “Desdobramento em serviço”, narrando o afastamento do perispírito de um médium numa reunião mediúnica:

A princípio, seu perispírito ou ‘corpo astral’ estava revestido com os eflúvios vitais que asseguram o equilíbrio entre a alma e o corpo de carne, conhecidos aqueles, em seu conjunto, como sendo o ‘duplo etérico’, formado por emanções neuropsíquicas que pertencem ao campo fisiológico e que, por isso mesmo, não conseguem maior afastamento da organização terrestre, destinando-se à desintegração, tanto quanto ocorre ao instrumento carnal, por ocasião da morte renovadora”;

O duplo etérico representaria uma camada energética, cuja necessidade de expansões na zona física estaria relacionada a cada ser em particular. Para alguns seria nada menos que

74. Aqui, podem ser incluídos os fatos marcantes que irão formar matrizes mentais tão intensas, de amor ou ódio, de alegria ou tristeza, de dor ou felicidade, a tal ponto que a reverberação irá se cristalizar; no caso de serem negativos tais fatos, irão desencadear graves problemas para o futuro, já a partir da vida presente – traumas, neuroses e até psicoses – e na(s) vida(s) futura(s), possíveis desajustes físicos e mentais, a par de processos obsessivos de difícil desate; já quanto aos fatos geradores de felicidade irão influenciar igualmente já a vida atual e as do porvir, sendo verdadeiras usinas de paz. (N.A.)

um frágil e mesmo apagado campo de energias; para outros tantos, um campo intenso de vibrações que, de conformidade com a sensibilidade de doação individual, responderia por maior ou menor intensidade nos passes de transferência a pessoas necessitadas”⁷⁵;

Podemos considerar o duplo etérico como uma extensão do perispírito e não necessariamente um agente destacado e independente daquele; seria como que uma das ‘capas’ do perispírito que, por suas funções de interligação do perispírito propriamente dito com o corpo físico, retém uma maior quantidade fluídica de consistência organomolecular (fisiológica) que psíquica”⁷⁶.

3) Perispírito

Quando olhamos para alguém só vemos o corpo físico dessa pessoa. Entretanto, ali estão o espírito e o perispírito, este revestindo aquele, além do corpo físico, que por sua vez capeia o perispírito.

Sabem os espíritas, em particular, que o revestimento do espírito foi denominado *perispírito*, num neologismo criado por Kardec.

O perispírito, segundo Kardec (e sabem-no também outras correntes do pensamento religioso), varia ao infinito de aparência, na medida exata em que cada homem igualmente situa-se em infinitos degraus espirituais de evolução moral.

Só vêem o perispírito os médiuns videntes e, ocasionalmente, os que não o são. Assim, quando se diz que “um espírito foi visto”,

75. J. Andréa Santos. *Visão espírita nas distonias mentais*. 3ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1992, cap. 1, p. 62. (N.A.)

76. Jacob Melo. *O passe*. 4ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993, cap. 4, p. 76. (N.A.)

ou popularmente, “houve uma aparição de alma do outro mundo”, o que na verdade se vê é o perispírito.

No plano espiritual, todos os perispíritos são visíveis:

- ☞ dos desencarnados: que em grande maioria lá habitam, aguardando outra e mais outra e ainda outras mais reencarnações futuras;
- ☞ dos encarnados: que nele transitam por períodos breves.

No que se refere aos encarnados, cumpre assinalar que a curta permanência no plano espiritual geralmente ocorre por ocasião do sono, podendo ocorrer também por sono induzido (hipnose), estado de coma ou pela anestesia geral. Em todos esses casos, o espírito liberta-se parcialmente da vestimenta carnal e, revestido sempre do perispírito, dirige-se às áreas ou regiões astrais onde se situa o fulcro dos seus interesses.

Aliás, mesmo antes do sono, no entreposto mental que medeia o físico e o espiritual, estando o corpo em semiconsciência, já adentrando na inconsciência, o espírito passa a vivenciar o clima da atmosfera astral.

Pela lei de sintonia e atração fluídica, com a velocidade do pensamento, cada indivíduo dirige-se ou é automaticamente catapultado para um meio ambiente síncrono com o que pensa, por aquilo que o atrai e por aquilo em que se compraz – fulcro dos seus interesses, como dissemos.

Óbvio que nunca estará só; eis que no plano espiritual, em relação ao plano físico, o número de habitantes é expressivamente maior.

E naquele plano, onde o pensamento é força gravitacional e usina geradora daquilo que é imaginado, um espírito ali, repetimo-lo, nunca estará só, pois mesmo que pensasse e se visse num de-

serto, certamente outro espírito que tivesse o mesmo pensamento ser-lhe-ia companhia.

E, sabemos, exceção do amor, na sua mais pura expressão, nada une mais os indivíduos do que a alegria ou a dor, em um processo de corporativismo, propriedade essa inculpida no homem desde sua criação por Deus, quando nos dotou do gregarismo, isto é, do viver em grupo, jamais isoladamente. O homem que se isola – não fazendo nenhum mal, mas também deixando de produzir qualquer bem – está na contramão dessa propriedade.

Quando duas pessoas infelizes se encontram, se não se conhecem mas demonstram seu sofrimento, há natural tendência de se consolarem, mutuamente.

Da mesma forma, se estão radiantes, embora desconhecidas entre si, há compartilhamento instantâneo da alegria, embora, muitas vezes, logo a inveja se faça igualmente presente.

Mas, entre conhecidos, para ficarmos só no caso de um estar feliz:

– Como você está feliz!

– Deu para perceber?

– Claro: está na cara, está escrito na sua testa...

Alegria, tristeza, tensão, cansaço, preocupação etc. são variantes do estado psicológico (íntimo) dos indivíduos, identificáveis em sua fisionomia. Para encarnados, ocultar tais sentimentos é tarefa de redobrado esforço mental, raramente mantido por muito tempo: a menor brisa nesse edifício psíquico pode fazê-lo desabar no ato...

Mostra-nos o dia-a-dia que pessoas “importantes” sendo entrevistadas, exibindo postura de irretocável equilíbrio, se determinada pergunta causar-lhe o menor arranhão no orgulho, vaidade ou amor-próprio (que afinal são a mesma coisa), explodem em reação áspera...

Em outra circunstância, se alguém está pensando em um gesto de caridade, ou na prática de um crime – situações opostas

–, ou relembrando uma ofensa que não perdoou, ou querendo suicidar-se etc., raramente outras pessoas poderão identificar tais sentimentos, mesmo as com que tenha grande intimidade.

Tudo isso com encarnados...

Já com desencarnados, outra é a realidade: no plano espiritual, imediatamente seriam detectados tais pensamentos, isso porque o perispírito o demonstraria pelas radiações cromáticas que o circundam, quais se fossem um gravador e uma filmadora, ligadas à mente daquele pensador, com transmissão sonora e visual externa.

Em outras palavras: lá não há a menor possibilidade de alguém se passar por aquilo que não é. A identidade, ou o “RG espiritual”, é infalsificável e sempre estampará o que vai por dentro da alma de cada um...

É por essa razão que no plano espiritual os espíritos mais evoluídos identificam todos os que ali transitam e prestam-lhes, aos que precisam, o auxílio adequado, considerado seu merecimento.

É interessante esse atendimento:

- ☞ muitas vezes, aquele que solicita não reúne condições de ser assistido, porque, no íntimo, arde em rancor contra alguém, com idéia fixa de vingança, estando também com extrema revolta ante a vida e Deus, que “não o ouve”...
- ☞ em outros casos, o necessitado é humilde, resignado ante o sofrimento, atribuindo-o a seus próprios descaminhos, e, de tão envergonhado com seu mau proceder, nem tem coragem de dirigir-se ao plano maior. Independentemente de sua solicitação, é ajudado!

Em um e outro caso, contudo, a ajuda divina está sempre de prontidão para reerguer aqueles que tombaram ante equívocos morais, mas que, compenetrados disso, erguem súplicas ao Pai,

tomadas de sincero arrependimento. Tais súplicas, mais que tudo, devem acompanhar-se do propósito de reconstruir o que tenham danificado: reparar os danos causados a quem quer que seja ou à natureza (animais e/ou meio ambiente).

Vemos assim que a atividade socorrista espiritual é permanente, e mesmo aqueles que não têm ou não querem tal socorro, ainda assim são amparados, pois fica ao seu inteiro dispor a possibilidade da ajuda, desde que se mostrem a ela receptivos. Tal receptividade acontecerá, cedo ou tarde, seja pelo arrependimento sincero, seja pela dor, agente esta da inexorabilidade evolutiva a que felizmente Deus nos destinou desde nossa criação.

Há vezes ainda em que o atendimento decorre de preces feitas por terceiros – encarnados e desencarnados – que amam o necessitado e por ele intercedem junto às esferas sublimes.

Por si só essa alternativa já nos convida a sempre orar pelos sofredores, conhecidos ou desconhecidos, na prática cristã da caridade.

No sonho, estando em um “outro mundo”, o perispírito está no seu, se assim podemos nos expressar, hábitat original, podendo navegar na vastidão espiritual sem a âncora que representa o corpo físico.

Como já dissemos tantas vezes, irá aportar onde suas tendências o levem.

4) Corpo Mental

André Luiz, autor espiritual dos mais fecundos, por meio da laboriosa e abençoada psicografia do médium Francisco Cândido Xavier, no livro *Evolução em dois mundos*, no cap. II, “Corpo espiritual”, nos diz:

Retrato do Corpo Mental – Para definirmos de alguma sorte o corpo espiritual, é preciso considerar, antes de tudo, que ele não é reflexo do corpo físico, porque, na realidade, é o corpo físico que o reflete, tanto quanto ele próprio, o corpo espiritual, retrata em si o *corpo mental* que lhe preside a formação”.

Em nota de rodapé, acrescenta:

O *corpo mental*, assinalado experimentalmente por diversos estudiosos, é o envoltório sutil da mente, e que, por agora, não podemos definir com mais amplitude de conceituação, além daquela com que tem sido apresentado pelos pesquisadores encarnados, e isto por falta de terminologia adequada no dicionário terrestre” (grifos nossos).

SONO E SONHOS DE ESPÍRITOS DESENCARNADOS

Sabemos que quando o encarnado dorme seu espírito fica parcialmente liberto e, revestido do perispírito, vai ao plano espiritual, ficando ligado ao corpo físico pelo cordão fluídico.

Vejamos, porém, sono e sonho de espíritos desencarnados:

- a) *Espírito dormindo*: no já citado livro *Nos bastidores da obsessão*, cap. 16, vemos como os espíritos protetores promovem “demorado sono” num espírito necessitado, antes de ele reencarnar;
- b) *Espírito sonhando*: no livro *Nosso Lar* (que já citamos), no cap. 36 (“O sonho”), o próprio autor espiritual, André Luiz, narra como adormeceu e, “deixando seu veículo inferior no apartamento... sonhou com sua mãe”.

Perguntamos: como tais fatos se processam?

Exercitando o raciocínio, talvez possamos conjecturar que:

- ☞ no primeiro caso, o espírito, preparando-se para a reencarnação, permanecendo em processo onírico, terá tido sonhos sim, porém sob amparo dos bondosos protetores;
- ☞ no segundo, o referido “veículo inferior” seria o perispírito, e nada obsta supor que, ligando-o ao corpo mental, este tenha sido o veículo pelo qual André Luiz deslocou-se, indo para o reencontro materno; ao retornar ao perispírito, a lembrança do sonho processou-se da mesma forma como quando no plano terreno o sonhador desperta (nesse caso, o espírito desloca-se no plano espiritual, a bordo do perispírito, e o “veículo inferior”, ao qual retorna ao acordar, é o corpo físico).

5) Espírito

Segundo inúmeras informações dos espíritos elevados que arrimaram Allan Kardec na codificação do Espiritismo (dados extraídos de *O Livro dos Espíritos*, parte segunda, cap. I, questões 82 a 88), ficamos sabendo, quanto aos Espíritos:

- ☞ são a individualização do princípio inteligente, como os corpos são a individualização do princípio material;
- ☞ são “matéria quintessenciada, sem analogia terrena”, sendo, por assim dizer, “uma chama, um clarão, ou uma centelha etérea”, cuja coloração “vai do colorido escuro e opaco a uma cor brilhante, qual a do rubi, conforme o Espírito é mais ou menos puro”.
- ☞ incorpóreos: não têm forma, como concebemos as formas;
- ☞ deslocam-se no espaço com a velocidade do pensamento;
- ☞ trespassam tudo: ar, terra, água e até mesmo o fogo.

MEMÓRIA

Fato incontestado é que o homem – espírito imortal revestido de corpos acessórios – é individual como criatura, mas coletivo como fração da humanidade; ser gregário, criado por Deus para viver em coletividade. Desse inter-relacionamento resultam infinitos instantes geradores de acontecimentos.

A vastidão incomensurável dos instantes vividos desde sua criação, em que as existências se acumulam, forma um acervo de atos, fatos e pensamentos que visita o infinito. E por prodígio divino nenhum deles se perde, pois a memória é sua guardiã, também eterna. Guia-os para um grande depósito, onde zelosamente permanecem guardados em departamentos específicos.

A maravilha do funcionamento da memória é que tais informações, com imagem, som, sabor, cheiro e textura, estão sempre disponíveis, mas emergentes, quando necessário, em milésimos de segundos!

Hipermnésias

A *hipermnésia* não deve nem pode ser confundida com *amnésia*, referente esta ao esquecimento, e aquela, ao contrário, a uma função exacerbada de lembranças (memória especialmente aguçada).

Isto é o que nos leciona a psicologia, considerando ambas, juntamente com a *paramnésia* (falso reconhecimento de algo que se pensa já ter visto, mas que na verdade é, segundo os psicanalistas, imagem reproduzida por desejo recalcado), como sendo *anomalias da memória*.

Na *paramnésia*, raramente observada, mas comprovada, a pessoa vê desenrolarem-se à sua frente, numa fração infinitesimal de tempo, incontáveis lembranças, muitas delas jacentes na inconsciência.

Geralmente, tal fato ocorre em situações de alto risco (de vida), como também com moribundos lúcidos.

Voltando ao livro de Camille Flammarion, *O desconhecido e os problemas psíquicos*, no vol. II, cap. VII, “O mundo dos sonhos”, p. 94-95, é explicado:

Em geral, sonhamos com as coisas de que nos ocupamos e com as pessoas que conhecemos. Há, entretanto, exceções estranhas, e os pensamentos mais intensos do dia, por vezes, não têm repercussão alguma durante o sono que se lhes segue. As células cerebrais que estiveram associadas a esses pensamentos estão exaustas e repousam, e quase sempre isso nos proporciona felicidade. Por outro lado, *o tempo e o espaço desaparecem. Acontecimentos de várias horas, mesmo de vários dias, podem desenrolar-se em um segundo (...)* e encontrarmos em sonho, sem espanto, personagens de um outro século (...), certos sonhos provêm, mesmo, de uma transmissão hereditária”.

A paramnésia foi objeto de um filme de 1997, que obteve grande êxito: *O advogado do diabo*, com Al Pacino e Keanu Reeves, direção de Taylor Hackford.

Nesse filme, um jovem advogado (Reeves), ao lavar o rosto em um banheiro público, olha-se em um espelho e, antes de terminar a rápida ablução, “vive” todo um intenso drama, no qual vislumbra como a vaidade pode destruir sua carreira, sua família, seu emprego, sua vida – e até mesmo toda a sociedade. Quando retorna dessa horrível experiência, da qual participou, *ao longo de vários meses*, verifica que, na verdade, nem um segundo havia se passado...

Sobre esse mesmo instigante assunto temos a visão teosófica. No livro *Os sonhos*, Ed. Pensamento, C.W. Leadbeater, no cap. “O ego e sua transcendental medida do tempo”, cita:

- a) um religioso narrou que o profeta Maomé teria feito uma visita ao céu, onde viu muitas regiões, conversou demoradamente com muitos anjos e, quando voltou ao corpo físico, notou que apenas haviam decorrido poucos segundos;
- Ouvindo a narração, um sultão do Egito declarou ser impossível acreditar no que ouviu; o religioso calmamente disse que aquilo não era de todo impossível de acontecer, e para prová-lo pediu que fosse trazida uma bacia com água; atendido, pediu ao sultão que nela mergulhasse a cabeça, retirando-a o mais rápido possível... imersa a cabeça, eis que o sultão, surpreso, viu-se num local distante, desconhecido, uma bela praia; julgou-se enfeitiçado pelo religioso e assim ficou longo tempo até sentir fome; pediu auxílio a alguns homens que derrubavam árvores numa floresta e estes o levaram à cidade, onde passou a morar em companhia deles; economizou dinheiro e casou-se com uma mulher rica; foi feliz no matrimônio e constituiu família com 14 filhos; perdeu a esposa e, ficando reduzido à pobreza, já ancião, voltou a ser lenhador; certo dia, passando perto do mar, tirou a roupa e mergulhou na água para um banho; ao erguer a cabeça, pasmo, viu-se à frente dos súditos e do religioso, os quais lhe provaram que tudo se passara apenas num momento...
- b) Um homem acordou com o estampido de um tiro e este foi o desfecho de um longo sonho, no qual se fizera militar, desertara e, sendo preso e processado, fora condenado e fuzilado: tudo isso desencadeado pelo estampido que ouvira.
- c) Um cientista recebeu anestesia geral para extração de dois dentes e logo que ela fez efeito viu-se fazendo inúmeras

conferências, em várias cidades, nisso transcorrendo muitas semanas; numa das conferências, inoportunamente, alguém o interrompeu dizendo “agora tudo está terminado, ambos estão fora”; era o dentista, que gastara exatos 40 segundos para extrair-lhe os dois dentes.

Nas reuniões mediúnicas de desobsessão, espíritos necessitados são trazidos por amigos da espiritualidade com o objetivo de serem ajudados. Ao receberem transfusões fluídicas (dos médiuns) lhes é proporcionado grande alívio aos sofrimentos. Principalmente, a orientação evangélica que lhes é ofertada por um doutrinador encarnado desata intricados nós urdidos por perseguições vingativas, que trazem grandes perturbações para pessoas encarnadas a eles ligadas por laços infelizes do passado em vidas pretéritas. Sempre tais spíritos julgam-se vítimas. Quando a doutrinação começa a patinar na teimosia do visitante, um excelente recurso que vem sendo utilizado, parcimoniosamente, sempre a critério de espíritos protetores, é o da regressão temporal, exibindo apenas para ele fatos extraídos da sua mente, acontecidos nas perdidas dobras do tempo. De modo geral, o acusador de hoje se compenetra, eis que são seus olhos que lhe demonstram que, longe de ser vítima, na verdade, ele é o réu no processo que vê na própria tela mental. De imediato, o nó se desenovela, o arrependimento o visita, a perseguição cessa. A paz o envolve.

Poucos minutos são necessários para que tudo isso aconteça⁷⁷.

77. Quando esses casos são trazidos por encarnados ao centro espírita, em busca de ajuda espiritual, que por vezes deságua em reunião mediúnica de desobsessão como a citada, é de praxe que seus dirigentes, repetindo a recomendação de Jesus, peçam ao solicitante que, antes de mais nada, procure orar por “aqueles que o perseguem” (Mateus 5:44). E que, após essa oração, façam auto-análise, para verificar se não é o caso de eles próprios mudarem algum comportamento... (N.A.)

Lembranças

Imersão na memória, ou emersão dela, de tudo o que é vivenciado, obedecem a padrões de equilíbrio. A nosso benefício, comandamos o acesso às recordações do dia-a-dia da presente existência; contudo, fragmentos de vidas passadas só são liberados em situações especiais, como, por exemplo, em alguns sonhos e, mais raramente, quando duas pessoas se encontram pela primeira vez (nesta vida...) e entre elas explode um amor intenso, irresistível, conducente a futura união, em lar com filhos...

Muitas vezes, sonhos são os estafetas desses fragmentos... Como exemplo, não é raro sonharmos com pessoas que não conhecemos nesta vida, mas que no sonho são nossas amigas há muito tempo... É bastante provável que, nesse caso, se trata de encontro com criaturas com as quais já convivemos em vidas anteriores.

Por bênção de Deus o homem não se recorda das vidas passadas, pois, se tal sucedesse, grande seria o risco do caos social, sobre praticamente tornar-se impossível o reajuste de conflito, quase sempre engendrado tendo por base a reunião dos conflitantes em família.

A ninguém visite revolta ante qualquer desconforto junto aos parentes, próximos ou distantes: essa aproximação é fruto de demorados esquemas, equacionados por espíritos elevados, visando aparar arestas, uns dos outros – de devedores e de cobradores...

Nessa configuração podem ser igualmente enquadrados todos os relacionamentos sociais duradouros (patrões, empregados, auxiliares, vizinhos, dentre outros). Não ocorrem por acaso!

A cada reencarnação o indivíduo traz o estoque de memória física em estado virgem.

Isso no primeiro instante de vida.

Logo, porém, fatos que o envolvem começam a produzir vivência e o armazenamento inicia-se. Em poucos dias o compartimento da memória, inaugurado no nascimento, já estará com considerável quantidade de aprendizados e fatos possíveis de relembrar.

Atavismo

No transcorrer de cada existência, a memória espiritual, agindo com energia, recupera parte do arquivo transcendental (das vidas passadas), fazendo aflorar as tendências de então, que, mescladas às atuais, vão alterando o comportamento moral do indivíduo, para melhor ou para pior. Neste último caso, cedo ou tarde terá de se corrigir, deixando o mau proceder, eis que ninguém erra para sempre...

O processo de crescimento da memória é sutil, inapreciável, mas efetivo: da fase de bebê à infância, o indivíduo já não é o mesmo; daí à adolescência, novas mudanças; à juventude, parece emergir outra criatura; na fase adulta, acomodam-se todas as tendências e temos o indivíduo pleno, vivendo e agindo segundo o seu histórico integral (todas as vidas somadas) de evolução moral.

Essa marcha do atavismo, crescente, talvez possa ser comparada com os três ou quatro movimentos de uma sinfonia:

- ☞ *allegro*: andamento musical rápido (infância);
- ☞ *andante*: andamento musical não muito lento, fluente e moderado (adolescência, entrando na juventude);
- ☞ *scherzo* (ou *minueto*): trecho musical vivo e alegre (juventude, entrando na fase adulta);
- ☞ *final* (ou *rondo*): última parte da obra instrumental, em geral, contendo uma síntese, com alternância de um refrão com as estrofes do que foi apresentado nos trechos

anteriores (esse, no sentido aqui figurado, seria o tempo de vivência da fase adulta à maturidade).

Nas desencarnações de crianças ou de jovens, ainda assim teremos o que podem ser trechos da sinfonia da vida, necessários ao espírito para recompletar composição anterior, que ficou inacabada...

Em qualquer dos dois casos, o tempo é o grande maestro e o espírito, o compositor!

Agora, sabendo que nossos corpos se interligam formando um único conjunto, se encarnados, com cinco componentes ou, se desencarnados, com apenas quatro, em ambos os casos sendo o espírito imortal o “comandante supremo” dos demais componentes, e de tudo o mais relacionado com o existir do ser, podemos refletir com outras hipóteses de trabalho sobre o que os sonhos podem representar no contexto da vida eterna.

CONEXÃO ESPÍRITO—CÉREBRO

Alguns sonhos, em determinadas circunstâncias, podem representar avisos que são mandados pelo espírito ao corpo físico. Isso se explica pelo fato de que, no perispírito, desde o nascimento da pessoa, estão impressas matrizes de patologias que ainda irão eclodir.

No plano espiritual, tudo é visto, nível por nível moral.

Referidas matrizes, verdadeiros “sinais”, ali ficam evidentes para os que lá se encontram, voltamos a repetir, cada um em nível moral consentâneo com seu progresso espiritual.

Os de níveis acima vêem o que se passa com os dos níveis inferiores; porém, como já dissemos, não existe a recíproca.

Assim, quando dorme, algumas vezes sob auxílio de protetores, o espírito visualiza e identifica uma ou outra patologia

prevista para o futuro do seu roteiro reencarnatório. Tão forte é a impressão, que tal informação é passada da mente à memória, ficando ali registrada. E isso, pela segunda vez, eis que, na memória transcendental, lá já estava desde o planejamento que precede à reencarnação.

Embora tais fatos estejam acontecendo no plano espiritual, relacionam-se com o plano físico. Nesse caso, o cérebro físico (porque temos também o perispiritual) não está apto a codificar e classificar tal informação. No despertar, surgem então recordações de coisas estranhas, inexplicáveis, sem relação de causa e efeito.

Justamente por causa desses sonhos, desde os tempos mais remotos, vem o homem buscando um método seguro de interpretá-los.

Os oráculos gregos, como o de Delfos, bem como as noites passadas nos templos do Egito antigo, são testemunhas dessa ávida busca.

Naqueles locais sagrados, uma pessoa com problemas se internava e ali passava vários dias. Ao amanhecer, contava seus sonhos a um mago-sacerdote, que procurava interpretá-lo. Quando a interpretação não se consumava ou então quando não era obtida explicação do significado do sonho, este ficava anotado. Acontecia de a pessoa morrer, tempos depois, às vezes por doença. O interpretador onírico, sendo informado, tentava identificar, embora tardiamente, o diagnóstico precoce que os sonhos daquela pessoa haviam passado.

O grande problema, desde aqueles quase perdidos tempos até nossos dias, problema esse que impediu a conquista da correta interpretação de qualquer sonho, é que sonhos são específicos para cada sonhador. Isso porque o arquivo imemorial que o espírito guarda tem senha e código próprios, individuais, intransferíveis, únicos.

E mais: um mesmo sonhador, tendo o mesmo sonho, porém em oportunidades diferentes, pode estar, e geralmente está mesmo,

refletindo situações também diferentes, físicas ou psíquicas, entre uma época e outra.

Por vezes, o próprio sonhador tem algum conhecimento de como interpretar sonhos, e ele próprio vislumbra de imediato o significado do sonho e acerta em cheio, como vimos em “Avisos”, no cap. 6 desta obra.

A revista *Globo Ciência*, ano 6, nº 68, março de 1997, traz um interessante exemplo:

Uma jovem sonhou que um caranguejo subia-lhe pelo tórax. Consultou uma psicóloga...

(Diga-me você, amigo leitor, nem que seja como simples tentativa, sem nenhuma conotação científica ou mística: como interpretaria esse sonho?)

Pois a psicóloga consultada, com base em estudos psicossomáticos, detectou que o sonho talvez estivesse apontando “uma disfunção ainda não perceptível no estado de vigília”. Fazendo associação do caranguejo com o símbolo zodiacal Câncer, pediu à paciente uma mamografia e, de fato, foi constatado um tumor maligno no seio. Fascinante!

Na reportagem, comenta a referida psicóloga que, embora os sonhos não “sejam bolas de cristal”, há casos, e a ciência o demonstra, em que também “não são vozes que se devam ignorar”.

CONEXÃO PERISPÍRITO—CÉREBRO

No sono, liberto parcialmente, nem por isso o perispírito deixará de agir segundo algumas das suas peculiaridades. Quando alguma coisa impressiona um ou mais de um dos sentidos de alguém que esteja dormindo, o perispírito, por ser a sede das sensações, recebe a informação trazida pelos nervos e que lhe chega via cordão fluídico. Com efeito, sistema nervoso e sentidos, refazendo-se das tensões da jornada, nem por isso deixam de retornar em instantânea atividade: a pessoa acorda!

Mas pode acontecer algo bastante curioso: em vez de acordar, a pessoa passa a ter um sonho dentro de outro sonho, só que agora o fato físico é inserido no contexto, alterando e comandando novo roteiro.

Exemplificando: alguém sonha que está em viagem numa estrada, dirigindo um automóvel; fora do sonho, o vento faz uma porta interna da casa bater com estrondo; normalmente, a pessoa acorda, algo assustada; mas, por vezes, também prossegue dormindo e sonhando, só que naquela viagem, o estrondo da porta passa a ser decodificado pela mente; o sonhador não viu a porta bater, mas em sua memória o barulho é pesquisado e a resposta, ultra-rápida, diz que é semelhante ao estouro de um pneu; nesse instante, sendo que nem um milésimo de segundo transcorreu, o motorista/sonhador “ouve” o estouro de um pneu; como não foi perto, não foi do seu carro; aí, a mente engendra que foi de outro veículo e novamente cria a visão de um veículo que tenha pneu grande; a memória, novamente acionada, sugere uma *jamanta*; ato contínuo, com efeito, uma *jamanta* é vista e um dos seus pneus estourando...

Voltamos a repetir que do estrondo da porta ao sonho com a visão da *jamanta*, transcorreu apenas uma infinitesimal fração de tempo. Tão rápida é a seqüência desses fatos que, sem que a pessoa perceba, nem no sonho e menos ainda ao acordar, na verdade houve primeiro o ruído; entretanto, ela *primeiro* vê a *jamanta* e *depois* vê e ouve o pneu estourando. Aí, já se trata de realinhamento promovido pelo cérebro, ordenando a seqüência “que precisa” ser lógica; do contrário, o sonhador ficaria confuso.

Quando tal realinhamento não ocorre, e isso acontece na maioria dos casos, temos o que chamamos de sonho “sem pé nem cabeça”.

E, se nós abrirmos o leque das hipóteses ofertadas pelos incontáveis fatos que podem ocorrer durante o sono de alguém,

teremos igualmente um infinito rol de possibilidades de como sonhos podem ser reflexivos de algo físico.

Agora, se essa assertiva vale para o instante preciso em que se dá o fato, imagine o leitor a quantidade de sonhos que os acontecimentos cotidianos podem provocar na pessoa...

CONEXÃO MENTE—CÉREBRO

Nem sempre ela acontece: há momentos nos sonhos em que ambos, a mente e o cérebro, quase de forma inacreditável, cada um no seu ambiente (o corpo na matéria e a mente no astral), agem por si mesmos.

Exemplificando: quando um fumante deixa o vício, houve empenho máximo da vontade—mente, vencendo fortíssima reação do desejo de fumar (condicionamento físico causado pelo tabagismo). Porém pode sonhar que alguém lhe oferece um cigarro e aceita-o. Ao acordar, poderá sentir algum remorso por ter cedido, mesmo em sonhos. Isso porque já havia, há muito, decidido jamais fumar; contudo, mesmo em sonho, cedeu, por manter ainda algum resquício da síndrome da abstinência, na verdade, reflexo da vigília.

FORMAS-PENSAMENTO

A questão da conexão perispírito—cérebro físico (sonhos reflexivos) é de fundamental importância para o entendimento do porquê de sonhos tumultuados, tidos à conta de “sonhos maus”.

Na raiz de tais sonhos está a mente do sonhador, fixada em algo negativo.

Exemplificando: se alguém tem ódio por outrem e se tal sentimento é diuturnamente alimentado por idéias infelizes, de vingança, desprezo etc., é normal que vá dormir pensando nessas

coisas. Ao desdobrar-se, pelo sono, o perispírito estará rodeado de formas-pensamento, mentalmente energizadas e “materializadas”, em virtude da continuidade e da insistência com que foram criadas e vivificadas.

E o que verá esse sonhador vingativo?

Poderá ver, dentre outras hipotéticas alternativas, um policial truculento prendendo um criminoso, judiando muito do prisioneiro.

No caso, o policial é ele próprio, travestido de “lei” e de “autoridade”; aquele que é preso é a pessoa à qual dirige rancor; a truculência, no passo do sonho, nada mais é do que “a justiça sendo feita”.

Mas, como a consciência não deixa de alertar o sonhador de que tal postura mental é contraproducente e contrária às leis de Deus, ele se verá envolvido por cenas desconexas, pessoas desconhecidas e lugares sinistros. São a porção do plano espiritual para onde foi logo ao dormir, entrando em simbiose vibracional com outras pessoas rancorosas (encarnadas ou desencarnadas), que assim como ele intentavam vingança contra alguém. Aí, junto daquela multidão de vingadores, milhares de pensamentos ruins entrecruzando-se, não tardará para que o desequilíbrio visite as mentes que por ali pervagam, eis que ali ninguém consegue ordenar o que vê.

Daí aos pesadelos, um passo...

Acordar, nesse momento, é bênção que não deve ser esquecida e tal lembrança deve ser expressa por preces, em gratidão a Deus.

Mas o maior testemunho de gratidão terá mesmo de ser o perdão: assim como num computador “deletamos” (apagamos) um texto que não ficou bom e logo o substituímos por outro de melhor elaboração, dessa mesma forma devemos eliminar a idéia negativa e substituí-la por outra, evangélica.

No caso, como sugestão, sabendo que ninguém é perfeito e que todos erramos, uns mais, outros menos, melhor será não atirar a primeira pedra. Pode ser que nós também tenhamos sido causa de pesadelos aos desencarnados... Por isso, na verdade, alojar na mente idéias de vingança é algo comparável a guardar podridão no bolso...

Formas-pensamento têm, como propriedade intrínseca, a de aproximar fontes geradoras semelhantes e com elas se acoplar, formando um tremendo lençol a encobrir grandes áreas, já a partir daquelas em que se originaram.

Esse efeito contagiante das formas-pensamento, que funciona nos dois sentidos, isto é, tanto para o bem quanto para o mal, neste último caso assume proporções devastadoras, atraindo espíritos incautos, dissociados do Evangelho de Jesus e mesmo alguns outros que o conheçam, mas não o pratiquem... Nesse patamar moral o sonhador tem a impressão de que seus pés estão sobre um chão de *piche aerificado* (como foi citado por Martins Peralva), dificultando o deslocamento.

Nem é preciso muito esforço para nos certificarmos desse poder de contágio das formas-pensamento: basta nos recordarmos daquilo que a pessoa sente quando adentra numa boate ou num templo...⁷⁸

Mas a contraparte é também verdadeira. E bastante positiva.

Os espíritos protetores, por meio de multiplicados informes, alertam quanto às paisagens do plano espiritual, desde as dolorosas penumbras das esferas inferiores até o esplendor luminoso das superiores.

78. Com muita propriedade, Flammarion no seu *O desconhecido...*, vol. II, cap. VIII, afirma: “Do mesmo modo que pensamos em toda sorte de coisas e de situações, com elas sonhamos; em lugar, porém, de ter apenas pensamentos, como em estado de vigília, imaginamos estar *agindo* de fato, vivendo as coisas pensadas, e *as idéias se tornam atos aparentes*”. (N.A.)

Se o corpo físico repousa no sono, o espírito jamais interrompe a dinâmica da sua existência e, nesse caso, semiliberto, recrudescem suas atividades, indenes à censura da vigília imposta pela sociedade.

No sonho, o espírito vai célere para o endereço que o atrai, para fazer o que gosta, na companhia de afins.

As milhões de formas-pensamento que entrecruzam e vigem no plano astral proporcionam oportunidades e meios para realizações no bem ou no mal.

A opção é de cada um.

Sabendo-o, mais que nunca é preciso, primeiro, ouvir Jesus quando, referindo-se à eleição de valores, advertiu:

Onde estiver o teu tesouro, ali estará também o teu coração”
(Mateus 6:21).

E depois, seguir o seu conselho:

Vigiai e orai” (Mateus 26:41).

Conclusão



Neste livro percorremos a longa trilha da civilização.
Em cada esquina do tempo encontramos os sonhos...
Assim também, em todas as fases da vida!
Sonhos: amigos e vilões.
Ora inspirando, ora alertando, ora ajudando, ora causando
algum desconforto.

A história respeitou-os, a todos, sempre...

A ciência, por sua vez, dogmatizando conceitos de vultos célebres, que mergulharam nas profundezas da psique, dá-se por satisfeita com o que já sabe.

E o que sabe a ciência sobre os sonhos?...

Sabe, sim, que *mitos e arquétipos* os povoam.

Sabe que conflitos, traumas e neuroses neles emergem, mostrando as raízes.

Mas não sabe elucidar as premonições oníricas, que nem por isso deixam de fluir.

As técnicas da “análise” e da “associação livre” empregadas na interpretação dos sonhos são fundamentos psicológicos que

até mesmo antes do Cristo já eram utilizados, conquanto só com Freud tenham se revestido de roupagem científica.

Resta-nos a certeza de que, embora com terminologia diferente, na verdade, não diferem entre si os departamentos da alma:

- ☞ *Id e Ego* (pela psicanálise);
- ☞ *Consciente e Inconsciente* (pela psicologia);
- ☞ *Personalidade atual e Matrizes psíquicas* (pelo Espiritismo).

O Espiritismo, este, vai além e abre a cortina da vida, demonstrando como ela se desdobra em existências sucessivas.

Pois, na verdade, o que difere, e substancialmente, é que apenas o Espiritismo oferta elementos inquestionáveis de comprovação ao preconizar a existência de um largo espectro de atividades que o espírito encarnado realiza durante o sonho, geralmente em companhia de outros espíritos, desencarnados estes.

Acoplando-se as vidas passadas à nossa existência de hoje, todo o emaranhado de sonhos inexplicados ou inexplicáveis se desenrola, e o que temos é um fio suave, contínuo, rumo à eternidade, progredindo sempre.

Quando sonharmos que “somos outra pessoa” e que convivemos com “desconhecidos, intimamente conhecidos”, a razão nos indicará que tais personagens são reais, e que o cenário é de outra fração do tempo. Tais sonhos estão apenas repisando fatos já acontecidos, em reencarnações anteriores...

Por fim, com limpidez e lógica, os conceitos espíritas expõem o dinamismo do plano espiritual, no qual desencarnados e encarnados (estes, quando dormindo) convivem, confabulam, planejam, agem, aprendem, ensinam – vivem, enfim.

Isso é algo tão sublime que está a merecer, há muito tempo, mais atenção e cuidado dos próprios espíritas e ao menos uma oportunidade de ser mais bem estudado, por quantos tenham a coragem de mudar de janela para olhar a paisagem...

Emoldurando esta singela obra, convidamos os leitores a re-

frescar a mente num suave mergulho nas águas tranqüilas da poesia, da canção e da filosofia, no que têm de encanto e fraternidade.

Os alunos ao encerrarem seus trabalhos escolares, permitiram-se emoldurá-los com devaneios...

Consciosos, alocaram letras de canções e poesias clássicas, imaginando que os “examinadores” (leia-se leitores mais idosos) apreciariam tais recordações de ontem. Contudo, para que os “colegas” (leia-se leitores adolescentes e jovens) também fossem contemplados com recordações de hoje, brindaram-lhes com algo poético do momento.

A uns e outros, contudo, rogaram descontraír a mente e, com singelas reflexões, deixar abertas as portas do coração e por instantes sonhar, quais os poetas, compositores e cancioneiros, que são todos sonhadores.

Eles, em suas criações recheadas de devaneios, falam dos sonhos como símbolo de algo maravilhoso, gratificante, compensador: o amor!

Sentindo-o, Franz Liszt (1811–1886), o genial compositor e pianista húngaro, compôs a belíssima peça musical *Rêve d’amour* (*Sonhos de amor*), de encanto eterno.

Lendo-os ou ouvindo-os, sejamos, por instantes mágicos – nem que seja mentalmente –, companhia desses sonhadores maravilhosos.

POETAS

1. Olavo Bilac (1865-1918)

Com 23 anos, “o príncipe dos poetas brasileiros”, como era conhecido, publicou o livro *Poesias* em três partes, sendo a segunda denominada “Via Láctea”, em que o coração do poeta, ardente de deslumbramento pela magia do amor, encanta-se pelas estrelas, namorando-as, acarinhando-as e beijando-as, ao embalo de versos perpassados de lirismo e emoção...

Os poemas são tão perfeitos que chegam ao limite do preciosismo.

Tal é a característica do Parnasianismo (“a arte pela arte”), de que Bilac, para muitos, mas não para todos os críticos, foi o maior expoente brasileiro⁷⁹.

Vejamos dois poemas clássicos de Bilac, quando ainda encarnado:

VIA LÁCTEA (XII)

Sonhei que me esperavas. E sonhando,
Saí, ansioso por te ver: Corria...
E tudo, ao ver-me tão depressa andando,
Soube logo o lugar para onde eu ia.

E tudo me falou, tudo! Escutando
Meus passos, através da ramaria,
Dos despertados pássaros o bando:
“Vai mais depressa! Parabéns!” Dizia.

Disse o luar: “Espera! Que eu te sigo:
Quero também beijar as faces dela!”
E disse o aroma: “Vai, que eu vou contigo!”

79. Cabe, aqui, admiração profunda pelo primeiro livro psicografado por Francisco Cândido Xavier (como por outros cerca de 400 que fluíram de sua mediunidade), então um desconhecido jovem de uma quase desconhecida cidadezinha de Minas Gerais (Pedro Leopoldo). A obra, justamente, denominou-se *Parnaso* (maciço montanhoso na Grécia, consagrado na Antigüidade a Apolo. As encostas eram conhecidas como Montanha das Musas, sendo o local sagrado dos poetas) *de além-túmulo*, editada em 1932 pela FEB, obtendo indescritível admiração do mundo literário brasileiro, pela comprovada autenticidade dos poetas que transmitiram os poemas àquele médium. Bilac, com dez poemas, visita tal obra. Encerrando essa já não pequena nota, cumpre ressaltar que, quando encarnado, Bilac deu comprovação de ser reencarnacionista, conforme se pode ver nos comentários do citado *Parnaso de além-túmulo*. (N.A.)

E cheguei. E ao chegar, disse uma estrela:
“Como és feliz! Como és feliz amigo,
Que de tão perto vai ouvi-La e vê-La!”

VIA LÁCTEA (XIII)

“Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!” Eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto
A Via Láctea, como um pálido aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

Dizeis agora: “Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?”

E eu vos direi: “Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas”.

Muitos críticos literários consideram esse soneto o “clássico dos clássicos parnasianos”. Quer nos parecer, de forma inescapável, que Bilac nele inseriu, em sentido figurado, um passeio espiritual de alguém que tem um bom sonho...

2. Cecília Meireles (1901-1964)

Lírica, intimista, mística, abordou em sua poesia os temas da fugacidade do tempo, da precariedade das coisas, do amor, da morte, da eternidade.

Elias Barbosa, escritor espírita que há tantos e tantos anos acompanha de perto a extraordinária obra mediúnica de Chico Xavier, brinda-nos, no *Anuário Espírita 1997*, publicado pelo IDE, de Araras-SP, com oportunas reflexões sobre as “conotações espíritas” em alguns poemas de Cecília Meireles. Eis um desses poemas, extraído da obra *Solombra*, da poeta maior, publicado no ano da sua desencarnação:

CANÇÕES – META ROSICLER

Levam-me estes sonhos por estranhas landas,
charnecas, desertos, planaltos de neve
muito desolados.

Pessoas que adoro mostram-me outros rostos
que eu desejaria que nunca tivessem
nem mesmo sonhados.

E fico triste nestes longos sonhos
e não ouso... e assisto a esta decadência
por todos os lados.

Venho destes sonhos como de outras eras.
Neles embranquecem meus cabelos, ficam
meus lábios parados.

E mais tarde encontro meus sonhos na vida,
somente esses sonhos, somente esses sonhos
todos realizados.

Salvo melhor juízo, temos neste poema uma bela descrição de vidas sucessivas, vividas em épocas, regiões, planos e companhias diferentes... (reencarnação).

CANCIONEIROS

1. Lamartine Babo e Francisco Mattoso

São os compositores da valsa que o inesquecível “rei da voz” Francisco Alves gravou em 1942 (gravação original) e cuja letra, também original (verdadeira ode aos sonhos de alguém apaixonado), é esta:

EU SONHEI QUE TU ESTAVAS TÃO LINDA

Eu sonhei que tu estavas tão linda
Numa festa de raro esplendor;
Teu vestido de baile – lembro ainda...
Era branco, todo branco, meu amor!

A orquestra tocou umas valsas dolentes,
Tomei-te aos braços, fomos dançando, ambos silentes
E os pares, que rodeavam entre nós,
Diziam coisas... trocavam juras, a meia voz...

Violinos enchiam o ar de emoções
E de desejos uma centena de corações;
Pra despertar teu ciúme, tentei flertar alguém,
Mas tu não flertaste ninguém!

Olhavas só para mim
Vitórias de amor cantei!
Mas foi tudo um sonho, acordei...

2. José Maria de Abreu e Francisco Mattoso

Em 1936, brindaram os brasileiros com uma valsa que se tornou marca registrada dos programas radiofônicos de Francisco Alves.

Este programa foi aos ares do Brasil por anos seguidos, plênificando corações de devaneios. Eis a letra da valsa:

BOA NOITE, AMOR

Quando a noite descer
Insinuando um triste adeus,
Olhando nos olhos teus,
Hei de beijando teus dedos dizer:

Boa noite, amor,
Meu grande amor
Contigo eu sonharei.

E a minha dor esquecerei
Se eu souber que o sonho teu
Foi o mesmo sonho meu.

Boa noite, amor,
E sonha enfim
Pensando sempre em mim.
Na carícia de um beijo,
Que ficou no desejo...
Boa noite,
Meu grande amor!

Mais de 60 anos são passados e a leveza poética dessas canções se torna cada vez mais diáfana em nossa alma.

AMORES DISTANTES... E SONHADORES

1. Canção do filme Titanic (português e inglês)

Neste trabalho relembramos a tragédia do grande transatlântico.

Amenizando tal lembrança, vejamos como, naquele clima gélido, pôde um casal em seu coração, ter mesmo mantida acesa a chama do amor. Assim damos asas à imaginação porque, quando um casal se ama e a tragédia iminente os visita nos dramáticos instantes finais de vida de um dos dois, é provável que suas almas, aos brados, pela última vez naquela existência troquem juras de amor...

Para os jovens – mas também para todos aqueles que se amam – aí vão as sentimentais palavras que o coração do personagem de Leonardo Di Caprio ouviu da alma da moça interpretada por Kate Winslet (o casal romântico do filme de 1997, *Titanic*, dirigido por James Cameron). Ou ela teria ouvido dele...?

MEU CORAÇÃO VAI SUPERAR

Toda noite nos meus sonhos

Eu te vejo, eu te sinto.

É assim que eu sei que você vai superar toda a dor

A distância é como universos entre nós

Que veio para mostrar que vai seguindo, seguindo

Bem perto; Bem longe; Onde você estiver

Eu acredito, eu acredito que o coração está superando

Mais uma vez você abre a porta

E você está aqui em meu coração

E ele vai superar tudo

O amor pode nos tocar mais uma vez

E durar a vida inteira

E nunca mais ir embora até que nós dois sejamos somente
um só

O amor existia quando eu te amava

Um tempo verdadeiro que eu guardo comigo,

Em minha vida nós sempre existiremos um para o outro

Existe um amor que não vai embora
Você está ao meu lado, não há nada que eu possa temer.
Eu sei que o meu coração vai superar toda a dor.
Ficaremos sempre desse jeito, juntos.
Você está seguro, você está seguro no meu coração
E ele vai superar toda a dor.

Vejamos a letra no original:

MY HEART WILL GO ON

Every night in my dreams
I see you, I feel you
That is how I know you go on
For across the distance and spaces between us
You have come to show you go on
Near, far, wherever you are
I believe that the heart does go on
Once more you open the door
And you are in my heart
And my heart will go on and on
Love can touch us one time
And last for a lifetime
And never let go till we're one
Love was when I loved you
One true time I hold to
In my life we'll always go on
There is some love that will not go away
You're here, there's nothing I fear
And I know that my heart will go on
We'll stay forever this way
You are safe in my heart
And my heart will go on and on.

2. Dokito - Um poema (português e esperanto)

Já que falamos de um casal cujos corações estão “trocados”, e considerando também que estamos vivendo instantes de poesia, encerraremos este capítulo com esta singela poesia, transcrita também em esperanto, mostrando a melodia dessa língua que um dia – praça aos céus – se universalizará.

Sem forçar interpretação alguma, a nossa é de que ela retrata o “depois” da separação de um casal, qual aquela do *Titanic* (embora em enredo cinematográfico), estando um no plano espiritual e o seu amor ainda no plano material.

Da revista *Reformador*, da FEB, outubro de 1996, de autoria de Dokito, a poesia em português e em esperanto:

DORMI, SONHEI E... ACORDEI

Sonhei estar contigo eternamente,
Gozando a doce paz do teu carinho...
Sorri, pensando em ti, em ti somente,
Até que me vi um dia tão sozinho...

E o tempo foi passando, lentamente,
Falta a luz do Sol no meu caminho!...
Enquanto a noite segue para a frente,
Um Novo Dia vem, devagarinho.

Depois de tanto tempo decorrido,
Longe dos meus, do meu torrão querido,
Parti em busca da Felicidade!...

Mas via todo o esforço meu em vão:
Dormia – no aconchego da Ilusão,
E acordava nos braços da Saudade!

Agora, a mesma poesia, porém em esperanto:

POST DORMO... LA VEKIŬOO

Mi revis kun vi resti poŭiame,
 Ŭuante mildan pacon de kareso...
 Pensante nur pri vi – ridetis ame,
 Ŭis min mi vidis iam en soleco.

Ho, mankis sur la vojo sunheleco,
 Dum tempo pasis, lante kaj senflame,
 La nokt' avancas, firme, kun promeso
 Ke Nova Tago rebrilegos same.

Tre longa tempo já forfluis poste,
 Mi sentas jam, ke vivo mia froste
 Suferas de maljuno pro l'invado!...

Montriŭis vana la klopod', ho Dio:
 Mi dormis je lulado de Iluzio
 Kay vekiŭis en brakof dè Saŭdado!...

"EU AINDA TENHO UM SONHO..."

No encerramento, prestaremos pequena homenagem a um grande homem e ao seu sonho.

O homem: Martin Luther King (1929–1968), apóstolo maior da não-violência nos Estados Unidos.

Seu sonho: paz na Terra entre os homens...

Pastor evangélico, negro, norte-americano, liderou movimento pela igualdade racial nos Estados Unidos. À frente de 250 mil pessoas (!) dirigiu em 1963 a "Marcha sobre Washington", da qual resultou a Lei dos Direitos Civis e a Lei dos Direitos de Voto (1965).

Em junho de 1951, recebeu seu diploma em teologia.

Na primavera de 1955, recebeu seu diploma de doutor em filosofia.

Prêmio Nobel da Paz em 1964, por sua luta pelos direitos civis dos negros, manteve-se humilde, sempre.

Sua palavra ardente, sincera, fraternal quanto à integração de brancos e negros, rendeu-lhe respeito, quase veneração, de milhões de pessoas, no mundo todo – de todas as etnias.

Suas campanhas motivaram várias ameaças contra sua vida.

Em 1962, disse: “Podem me crucificar; posso mesmo morrer; mas, mesmo que isto me aconteça, quero que digam: ele morreu para libertar os homens”. E de fato, em 4 de abril de 1968, foi assassinado quando se preparava para uma nova marcha pela integração racial.

Em sua cripta, no South View Cemetery, estão gravadas as palavras que pronunciou na Marcha sobre Washington:

Enfim livre, enfim livre!

Graças a Deus Todo-Poderoso, sou finalmente livre!”

A expressão do respeito devotado pela nação mais poderosa do mundo a esse homem humilde e fraternal, cuja voz ecoou pelo mundo todo em favor da paz, interna e externa, de homens, raças e nações, pode ser avaliada pelo fato de que, em sua homenagem, foi instituído um feriado nos Estados Unidos.

No último Natal em que estaria encarnado, o dr. King proferiu um sermão natalino na Igreja Batista Ebenezer, em Atlanta, Geórgia, Estados Unidos, transmitido pela Canadian Broadcasting Corporation, do qual citamos frases soltas:

Este Natal vem encontrar a raça humana bastante perplexa.

O nosso mundo está doente de guerra (...)

Contudo, meus amigos, a esperança natalina de paz e boa

vontade para com todos os homens não pode mais ser desprezada como o sonho piedoso de algum utopista (...)

Cristo veio ao mundo para nos mostrar o caminho (...)

Numa tarde (...) falei à nação de um sonho que tinha tido (...)

(Mais tarde) vi-o transformar-se em pesadelo:

Quando quatro belas e inocentes meninas negras foram assassinadas dentro de uma igreja em Birmingham, Alabama (...)

Ao andar pelos guetos do país e ver os meus irmãos negros morrendo numa isolada ilha de pobreza, em meio a um vasto oceano de prosperidade material (...)

Quando vi meus irmãos negros, compreensivelmente revoltados, feridos e desapontados valer-se de tumultos violentos para tentar resolver o seu problema (...)

Quando assisti à escalada no Vietnã e aos chamados conselheiros militares, 16 mil, transformarem-se em soldados, enquanto hoje em dia mais de 500 mil rapazes americanos combatem em solo asiático.

Sim, também sou vítima de sonhos adiados, de esperanças dilaceradas, mas, apesar disso, eu ainda tenho um sonho, porque, como vocês sabem, não se pode desistir na vida. Quando se perde a esperança, perde-se também aquela vitalidade que faz com que a vida continue, aquela coragem de existir e de prosseguir, apesar de tudo.

Por isso, hoje em dia eu ainda tenho um sonho:

Tenho o sonho de que um dia os homens se ergam e percebam que são feitos para viver uns com os outros, como irmãos.

Ainda tenho o sonho de que, um dia, todos os negros deste país, todas as pessoas de cor do mundo, serão julgados com base no seu caráter, e não na cor da sua pele, e que todos os homens respeitarão a dignidade e o valor da personalidade humana.

Ainda sonho, hoje, que um dia as indústrias paradas de Appalachia serão revitalizadas, e os estômagos vazios do Mississíppi serão cheios, e a fraternidade será mais do que algumas palavras no fim de uma oração, e sim o primeiro assunto em todas as agendas legislativas.

Ainda sonho, hoje, que um dia a justiça jorrará como água e o direito será como um rio caudaloso;

Ainda sonho, hoje, que, em todos os nossos estados e assembleias, serão eleitos homens que praticarão a justiça e possuirão piedade e serão humildes ante o seu Deus.

Ainda sonho, hoje, que um dia a guerra chegará ao fim, que os homens transformarão as espadas em arados e as lanças em machados, e as nações não mais se levantarão contra outras nações, nem se estudará mais a arte da guerra.

Ainda sonho, hoje, que um dia o cordeiro e o leão ficarão lado a lado e todos os homens poderão sentar-se sob a sua vinha e sob a sua figueira, e ninguém sentirá medo.

Ainda sonho, hoje, que um dia todos os vales serão exalçados e todas as montanhas e colinas serão aplainadas, e a glória do Senhor será revelada e toda a mortal humanidade a verá em conjunto.

Ainda sonho que, com essa fé, seremos capazes de derrotar o desespero e levar uma luz nova às câmaras escuras do pessimismo.

Com essa fé, apressaremos a chegada do dia em que haverá paz na Terra e boa vontade para com todos homens.

Será um dia de glória: as estrelas da manhã cantarão em coro e os filhos de Deus gritarão de alegria!"

Bibliografia

(Além das obras devidamente classificadas no corpo do livro)

a) Espiritismo

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 76ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995.

_____. *O Livro dos Médiuns*. 52ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1985.

_____. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 111ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995.

_____. *A Gênese*. 36ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995.

Espírito Emmanuel. *A caminho da luz* (psicografia de Francisco Cândido Xavier). 21ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1985.

Espírito André Luiz. *Nos domínios da mediunidade* (psicografia de Francisco Cândido Xavier). 8ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1976.

_____. *No mundo maior* (psicografia de Francisco Cândido Xavier). 7ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1977.

_____. *Evolução em dois mundos* (psicografia de Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira). 14ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995.

DELANNE, Gabriel. *A evolução anímica*. 6ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1989.

Lançamentos



Elizabeth Cova

LER FAZ BEM À ALMA

O maravilhoso mundo dos livros: sua história, obras mais indicadas para aqueles que estão nos primeiros passos em direção aos grandes autores, sugestões para facilitar a leitura e trechos de livros e bibliografia. Acompanhando o livro, um *botton* muito especial.



Flávia Serra

A EMPRESA SORRISO

A felicidade e a realização profissional inteiramente ao seu alcance! Administração de conflitos, assédio moral, criatividade, espiritualidade, liderança, mau uso do poder, trabalho em equipe etc. – explicações e sugestões para vencer dificuldades.



Robert Holden

DESPERTE A SUA SABEDORIA E DESCUBRA O SEU POTENCIAL

São livros da coleção *Sucesso Inteligente*, *best-seller* do escritor inglês Robert Holden. Revelações, sugestões e casos verídicos para o leitor ganhar uma vida nova, plena de sucesso e realizações.



Leo Carroll & Jan Tobler

CRIANÇAS ÍNDIGO

Preparadas na espiritualidade, são diferentes e estão nascendo em todos os continentes. Neste livro – traduzido para vários idiomas, *best-seller* nos Estados Unidos – pais, educadores e psicólogos encontram tudo o que precisam saber para entender e conviver com as crianças índigo – líderes de um mundo em transformação.



Yvna Halberstam & Judith Leventhal

MILAGRES DE AMOR E AMIZADE

Especialmente recomendado para presentear aqueles a quem amamos e desejamos reconfortar. Sessenta e quatro histórias verídicas e emocionantes que nos revelam verdadeiros milagres, sublimes intervenções da providência divina no destino das pessoas. Quando tudo parece perdido, eis que um milagre acontece...

Novidades



Robert Holden

RIR AINDA É O MELHOR REMÉDIO

A felicidade e o sucesso estão mais perto de quem é bem-humorado. Rindo, nos libertamos de todas as tensões do dia-a-dia. A medicina do riso não é nenhuma novidade: os efeitos saudáveis e energéticos da alegria de viver encontram-se no hinduísmo, no islamismo, no taoísmo, no judaísmo e no cristianismo...



Joanna Campbell Stan

VOCÊ PODE MUDAR SUA VIDA

Em trinta dias, você vai ganhar uma saudável modificação no seu modo de pensar. Neste livro extraordinário um completo programa de transformação pessoal para vencer dificuldades e viver melhor o dia-a-dia – de bem com você, com os outros e com Deus.



Lina de Alexandria

JORNADA DE ESPERANÇA

Herdeira de um rico fazendeiro, Luzia certa noite é abordada pelo doutor Henrique. Essa aproximação vai mudar sua vida, levando seus filhos, tempos depois, para muito longe do Brasil... É na Europa que Maria e Vinícius se defrontam com um destino impiedoso.



Roy Sturman

REENCARNAÇÃO

Toda a verdade sobre a reencarnação. Casos extraordinários revelam a realidade da reencarnação. Por que, quando e onde reencarnaremos? Reencontraremos nossos entes queridos? Mudaremos de sexo? Exemplos verídicos respondem a essas e a muitas outras perguntas...

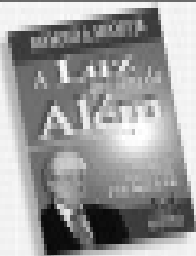


Carla Wills-Branden

UM ÚLTIMO ABRAÇO ANTES DE PARTIR

Depoimentos incríveis revelam a presença inegável de parentes e amigos – que já não fazem mais parte deste mundo – ao lado daqueles que se preparam para partir para o outro lado da vida. Pesquisas e relatos que comprovam a realidade das visões no leito de morte.

Auto-Ajuda



Raymond A. Moody Jr.

A LUZ QUE VEM DO ALÉM

Depois de investigar mais de mil casos de experiências de quase-morte, o doutor Raymond Moody Jr. – o mesmo autor do *best-seller A Vida Depois da Vida*, mais de 13 milhões de exemplares vendidos – revela um incrível e benéfico efeito colateral dessas viagens.



A VIDA DEPOIS DA VIDA

Relatos verídicos de experiências de quase-morte de pessoas consideradas clinicamente mortas e que retornaram à vida levam os pesquisadores a acreditar na vida depois da morte. *Best-seller* que já vendeu mais de 13 milhões de exemplares no mundo inteiro.



Robert Holden

FELICIDADE JÁ!

É hora de ser feliz! A felicidade está ao alcance, neste guia excelente, de quem pretende encontrar a realização pessoal. Páginas vibrantes de um incrível manual, repleto de recomendações práticas para aqueles que desejam viver em paz, livres e felizes...



Laurie Rith Jones

O PODER DA PROFECIA POSITIVA

A energia da palavra deve ser conduzida na direção dos nossos ideais para que eles realmente se concretizem: é possível programar sua realização! Todos são portadores de um imenso poder de realização que, trabalhado com método, é o fator determinante do sucesso.

Querendo conhecer outros livros da Butterfly Editora, basta acessar o site www.flyed.com.br ou solicitar um catálogo sem compromisso pela Caixa Postal 67545 – Ag. Almeida Lima – CEP 03102-970 – São Paulo – SP.